UNESPAR

LUCINETE APARECIDA REBOUÇAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR

VALORES QUE ATRAVESSAM O TEMPO: A FORMAÇÃO HUMANA EM *A CANÇÃO DE ROLANDO*

LUCINETE APARECIDA REBOUÇAS

PARANAVAÍ
2025

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR –PPIFOR

A FORMAÇÃO HUMANA EM *A CANÇÃO DE ROLANDO*: VALORES QUE ATRAVESSAM O TEMPO

LUCINETE APARECIDA REBOUÇAS

PARANAVAÍ
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR

A FORMAÇÃO HUMANA EM *A CANÇÃO DE ROLANDO*: VALORES QUE ATRAVESSAM O TEMPO

Dissertação apresentada por LUCINETE APARECIDA REBOUÇAS ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.
Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientadora:
Profa. Dra. CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN

PARANAVAÍ
2025

FICHA CATALOGRÁFICA:

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rebouças, Lucinete
Valores que atravessam o tempo: a formação humana em A Canção de Rolando / Lucinete Rebouças. -- Paranavaí-PR,2025.
100 f.

Orientador: Conceição Solange Bution Perin.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino: "Formação Docente Interdisciplinar") -- Universidade Estadual do Paraná, 2025.

1. Período Medieval. 2. Formação Humana. 3. Virtudes. 4. A canção de Rolando. 5. Tradição Oral. I - Perin, Conceição Solange Bution (orient). II - Título.

LUCINETE APARECIDA REBOUÇAS

VALORES QUE ATRAVESSAM O TEMPO: A FORMAÇÃO HUMANA EM *A CANÇÃO DE ROLANDO*

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin - Orientadora
Unespar, Paranavaí

Profa. Dra. Nájela Tavares Ujiie – Membro da Banca
Unespar, Paranavaí

Profa. Dra. Silvana Malavasi Huszcz – Membro da Banca
Unespar, Apucarana

Profa. Dra. Viviane da Silva Batista – Membro da Banca
Unespar, Paranavaí

Resultado: _____

Data:

31/03/2025

Dedico este trabalho a todos que confiaram em mim e me apoiaram ao longo desta jornada de conhecimento. A Deus e á Nossa Aparecida, pelo sustento e pela sabedoria concedidos durante. À minha amada mãe, por sua infinita paciência e apoio incondicional. À minha família, pelo incentivo e carinho que me fortalecerem nesse trajeto. As minhas queridas amigas Raquel da Silva, Silvia Galerani, Tatiane Campos, Franciele Consani e Najela Ujiie, pela parceria e por me ouvirem nos momentos mais difíceis desta etapa de aprendizado. À minha estimada e honrosa orientadora, professora Doutora Conceiçã Solange, pelo exemplo de ética profissional e pelo conhecimento compartilhado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão a Deus, fonte de toda sabedoria e graça, por guiar meus passos e iluminar meu caminho durante esta jornada. Agradeço também Nossa Senhora Aparecida, por sua intercessão e proteção constante.

Agradeço a todos os docentes do Programa de Pós-graduação e Mestrado em Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) da Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranavaí, pelas valiosas oportunidades de aprendizado e crescimento intelectual. Em especial, manifesto minha profunda gratidão à minha orientadora Professora Doutora a Conceição Solange Bution Perin, por sua orientação sábia, paciência e dedicação, que foram cruciais para a realização desta pesquisa.

À minha amada família, meu porto seguro na terra e no céu, expresso minha eterna gratidão. Às estrelas que brilham lá em cima, meu pai e minha irmã (*in memoriam*), que guiaram meus passos e me protegeram nesta jornada, mesmo que a dor de suas partidas tenha marcado profundamente meu caminho na pesquisa. À minha mãe, exemplo de força e apoio, que compreendeu minhas ausências nos momentos em que ela mais precisou de minha presença, todo o meu amor e reconhecimento pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos, que foram minha força e inspiração, agradeço por me ajudarem a superar os momentos difíceis e a seguir em busca dos meus sonhos. Silvia Galerani, nossas longas conversas no percurso para a Universidade e nossas noites no hotel tornaram-se momentos de discussão de nossas pesquisas; Raquel da Silva, Tatiane Campos, Franciele Consani, Maria Luiza, Professora Nájela, Lari Moreira e Maria Borges, vocês foram essenciais nesta jornada, com conversas, incentivos, telefonemas, mensagens, abraços. Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto, palavra e apoio foram fundamentais para esta conquista.

Agradeço profundamente a banca examinadora formada pela Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin, orientadora, Profa. Dra. Nájela Tavares Ujiie, Profa. Dra. Silvana Malavasi Huszcz e Profa. Dra. Viviane da Silva Batista, por suas valiosas contribuições.

“A história não é a ciência do passado, mas sim a ciência dos homens no tempo. ”

(Marc Bloch, 2001, p. 75).

REBOUÇAS, Lucinete Aparecida.. **VALORES QUE ATRAVESSAM O TEMPO: FORMAÇÃO HUMANA EM A CANÇÃO DE ROLANDO** Dissertação (Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar) 100 F. Unespar – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2025.

RESUMO

Esta dissertação investiga as virtudes presentes na obra literária *A Canção de Rolando* e suas contribuições para p papel das relações humanas. O objeto de pesquisa é a análise da referida obra, contextualizada no período medieval, com ênfase nas virtudes que permeiam o texto e seus impactos sociais e educativos, com destaque para a virtude da amizade, justiça coragem. Para responder o problema de pesquisa: "como *A Canção de Rolando*, enquanto obra literária medieval, contribui para a formação de valores e virtudes que moldam as relações humanas?", o estudo tem como objetivo geral analisar como as virtudes apresentadas na obra, especialmente a amizade, a coragem e a justiça, refletem e influenciam os valores da sociedade medieval, promovendo reflexões sobre seu impacto no contexto social e educacional, estabelecendo paralelos argumentativos com o contexto contemporâneo e promovendo reflexões sobre a relevância dessas virtudes para as relações humanas. Como objetivos específicos, busca-se: (1) contextualizar o momento histórico, social e cultural da Idade Média retratado na obra; (2) analisar as virtudes descritas presentes em *A Canção de Rolando* e sua relação com o convívio social; e (3) discutir a tradição oral e sua relevância na formação das relações humanas, com destaque para as cantigas de roda na Educação Infantil. A pesquisa, de cunho documental e bibliográfico, fundamenta-se na História Social, utilizando o conceito de longa duração para identificar as permanências das raízes históricas que se desenvolvem e permanecem nos fenômenos sociais, como as virtudes que se perpetuam ao longo do tempo, conforme Fernand Braudel (1984). A fundamentação teórica apoia-se em autores como Jacques Le Goff (1989), André Vauchez (1995) e André Comte-Sponville (2009). Para além disso, a dissertação está organizada em três seções. A primeira apresenta uma análise histórica do período medieval, destacando o papel da Igreja, da nobreza e da literatura na construção da sociedade feudal. O segundo capítulo aprofunda-se na *Canção de Rolando*, explorando as virtudes centrais da obra e sua relevância para o contexto social. O terceiro capítulo discute a tradição oral e a oralidade como instrumentos de formação humana, analisando sua relação com a educação e o desenvolvimento de valores em diferentes épocas, propondo uma abordagem contemporânea para a Educação Infantil com base em fundamentais para a vida em sociedade. Os resultados indicam que *A Canção de Rolando* sintetiza os valores e virtudes fundamentais para o convívio social e desenvolvimento humano da sociedade medieval, demonstrando a persistência desses conceitos ao longo do tempo, sendo inegável sua relevância para a literatura e estudos históricos e culturais. Também oferecem reflexões relevantes para a compreensão das transformações nas relações humanas e a importância de virtudes como elementos formadores. Além disso, o estudo de *A Canção de Rolando* mostra-nos a importância do conhecimento decorrente dos fatos históricos e da necessidade de virtudes em todos os espaços e tempos.

Palavras-chave: Período Medieval; Formação Humana; Virtudes; *A Canção de Rolando*; Tradição Oral.

REBOUÇAS, Lucinete Aparecida.**: THE VIRTUES IN THE SONG OF ROLAND AND THEIR ROLE IN THE FORMATION OF MEDIEVAL HUMAN RELATIONS**
Thesis (Master's in Teaching) – State University of Paraná – Campus Paranavaí. Advisor: Conceição Solange Bution Perin, PhD. Paranavaí, 2025.

ABSTRACT

This thesis investigates the virtues present in the literary work *Song of Roland* and their contributions to the role of human relations. The object of research is the analysis of the aforementioned work, contextualized in the medieval period, with emphasis on the virtues that permeate the text and their social and educational impacts, highlighting the virtues of friendship, justice and courage. To answer the research problem "How does the *Song of Roland*, as a medieval literary work, contribute to the formation of values and virtues that shape human relations?" the study has as its general objective to analyze how the virtues presented in the work, especially friendship, courage and justice, reflect and influence the values of medieval society, promoting reflections on their impact on the social and educational context, establishing argumentative parallels with the contemporary context and promoting reflections on the relevance of these virtues for human relations. As specific objectives, we seek to: (1) contextualize the historical, social and cultural moment of the Middle Ages portrayed in the work; (2) analyze the virtues described in the *Song of Roland* and their relationship with social coexistence; and (3) discuss oral tradition and its relevance in the shaping of human relationships, with emphasis on children's songs in Early Childhood Education. The research, documentary and bibliographic in nature, is based on Social History, using the concept of long-term, to identify the permanence of historical roots that develop and remain in social phenomena, such as virtues that are perpetuated over time, according to Fernand Braudel (1984). The theoretical basis is founded on authors such as Jacques Le Goff (1989), André Vauchez (1995) and André Comte-Sponville (2009). In addition, the thesis is organized into three sections. The first presents a historical analysis of the medieval period, highlighting the role of the Church, the nobility and literature in the construction of feudal society. The second chapter delves into the *Song of Roland*, exploring the central virtues of the work and its relevance to the social context. The third chapter discusses oral tradition and orality as instruments of human development, analyzing its relationship with education and the development of values in different eras, proposing a contemporary approach to Early Childhood Education with fundamental virtues for life in society. The results indicate that the *Song of Roland* synthesizes the fundamental values and virtues for social coexistence and human development in medieval society, demonstrating the persistence of these concepts over time, and their relevance for literature and historical and cultural studies is undeniable. It also offers relevant reflections for understanding the transformations in human relations and the importance of virtues as a formative element. Furthermore, the study of the *Song of Roland* shows us the importance of knowledge arising from historical facts and the need for virtues in all spaces and times.

Keywords: Medieval Period; Human Formation; Virtues; *Song of Roland*; Oral Tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Coroação de Carlos Magno…….....	33
Figura 2 -	Percurso da guerra de Roncesvales.....	35
Figura 3 -	Mapa das conquistas de Clóvis I (466-511/513 EC).....	43
Figura 4 -	Principais domínios do Império Carolíngio.....	46
Figura 5 –	Investidura do cavaleiro.....	49
Figura 6 –	*A Canção de Rolando*.....	54
Figura 7 -	Batalha de Roncesvalles (778 AD).....	58
Figura 8 –	Rolando toca o olifante.....	65
Figura 9 –	Morte de Rolando.....	66
Figura 10 –	Retratando o momento das batalhas.....	69
Figura 11 –	Ilustração.....	82
Figura 12 -	Retábulo de Pérussis, a representação mais antiga da ponte, c. 1480.....	89
Figura 13 –	*A Canoa Virou*.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Pesquisas encontradas no portal da Capes no período de 1993 a 2023…….	20
Quadro 2-	A canção Francesa *Sur le Pont d'Avignon* e sua tradução para o português……...	88
Quadro 3-	Momentos pedagógicos com a canção *A Canoa Virou*……...	91
Quadro 4-	Canção *A Árvore da Montanha*…….	92

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO.....**	**15**
2	**APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO MEDIEVAL REPRESENTADO NA *CANÇÃO DE ROLANDO*…….....**	**23**
2.1	**Características da literatura no período medieval: considerações…….....**	**23**
2.2	**A Igreja, a força militar e a construção da Europa Ocidental: a relevância de Carlos Magno…….....**	**29**
2.3	**Movimento literário na Idade Média: relação entre a igreja e a nobreza…….....**	**39**
2.4	**Considerações sobre as transformações no ciclo carolíngio…...**	**42**
2.5	**Educação do século XII e o cavaleiro: apontamentos…….....**	**48**
3	**ANÁLISE DA OBRA *A CANÇÃO DE ROLANDO*: O ENSINO DE VIRTUDES…….....**	**52**
3.1	**Virtude da amizade presente em A *Canção de Rolando*…….....**	**63**
3.2	**Coragem em *A Canção de Rolando* …….**	**66**
3.3	**Justiça em A *Canção de Rolando*……...**	**69**
4	**A TRADIÇÃO ORAL NAS CANTIGAS DE RODA: UM INSTRUMENTO PARA O ENSINO DAS VIRTUDES E DA FORMAÇÃO HUMANA…….....**	**72**
4.1	**A oralidade na formação humana: a tradição oral na Idade Média e seu papel na educação…….....**	**73**
4.2	**As cantigas de roda e as relações humanas na Educação Infantil nos contextos pedagógicos contemporâneos.....**	**83**
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS…….....**	**93**
	REFERÊNCIAS…….....	**96**

INTRODUÇÃO

A Idade Média, período marcado por profundas transformações sociais, políticas e culturais, legou à humanidade um rico acervo literário que reflete os valores, costumes e aspirações de uma sociedade em constante transformação. Entre essas obras, *A Canção de Rolando*, produzida no período medieval europeu, destaca-se como um marco na literatura medieval, permitindo-nos uma reflexão acerca dos valores ligados ao Cristianismo, correspondentes aos sentimentos de valor e honra.

As obras literárias dos séculos XI e XII refletem uma sociedade fundamentada em dois valores centrais: o religioso e o militar. Esses universos coexistem nas canções de gesta, nas quais a defesa da fé cristã e o combate aos "infiéis" predominam nas narrativas, demonstrando uma influência marcante da nobreza e do clero.

A pesquisa objetiva analisar e destacar as concepções de virtudes presentes na obra,sua função educativa para a sociedade, considerando a relação entre o passado e o presente e sua contribuição para as relações humanas associadas ao herói lendário Rolando no contexto da sociedade medieval.

A canção de Rolando, busca-se analisar a função educativa que a obra assume na formação do ser humano, pautada em princípios éticos e morais. Esses princípios devem ser cultivados nas relações sociais, abrangendo conceitos como virtudes, amizade, justiça e coragem. Além disso, o estudo considera o conceito de longa duração, que molda o curso da humanidade por meio da transmissão de valores e tradições, compartilhando saberes e costumes indispensáveis ás relações humanas desde a infância ao longo da história.

Nesse sentido, o processo de formação humana é um percurso que abrange todas as etapas da nossa existência ao longo da história. Ao longo desse processo, os seres , os seres humanos são constantemente influenciados por diversos fatores sociais, culturais e históricos, que moldam suas concepções sobre valores e virtudes. Nessa perspectiva a justificativa que sustenta esta pesquisa reside em suas possíveis contribuições para as reflexões acerca das relações humanas e dos valores ligados diretamente à sociedade e ao impacto para a formação humana, implica analisar as reflexões dela decorrentes e observadas no pensamento histórico percorrido na obra da *A Canção de Rolando* dentro do contexto de uma reflexão sobre as virtudes como valores fundamentais nas relações humanas, que também se manifestam nas cantigas de roda.

Desse modo, para atingir os objetivos da pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa fundamentada na História Social e no conceito de longa duração. A longa duração

ultrapassa séculos e muitas gerações: “Todas as faixas, os milhares de faixas, todos os milhares de estouros do tempo da história se compreendem a partir dessa profundidade, dessa semi-imobilidade; tudo gravita em torno dela” (Braudel, 2007, p. 53). Trata-se da continuidade, da permanência, de “fundo permanente”, quase imperceptível. Tem-se, então, os pilares que mantêm a longa duração dos valores milenares, presentes na evolução das sociedades nas diferentes escalas de tempo.

Assim, através da pesquisa busca-se compreender as virtudes da coragem, justiça e da amizade em uma perspectiva de longa duração, analisando como esses valores se manifestaram na *A Canção de Rolando* e continuam presentes nos grupos sociais em todas as fases da vida, iniciando na infância.

É mister também afirmar que a História Social envolve grupos sociais de períodos históricos nas ações que movem o todo, fator indispensável para a compreensão das transformações e dimensões sociais ocorridas ao longo dos séculos, da mentalidade histórica de uma época. Dessa forma, estudar *A Canção de Rolando* implica retomar o passado e compreender o processo de construção social como parte integrante de um processo histórico, reconhecendo o herói como detentor de virtudes em meio às batalhas, dos dogmas, das crenças, da direção do bem e do mal e da atuação explicita do herói em sociedade e de suas consequências. Sobre isso, Oliveira (2009, p. 687) destaca: “Quando retomamos o passado medieval, as questões que nos inquietam são as do presente, porque somos sujeitos de nosso tempo e são a nossa história e memória que pretendemos construir e salvaguardar”.

Essas questões são necessárias para a reorganização da sociedade de qualquer período histórico, dos antigos ao moderno, o passado torna-se essencial como fonte de conhecimento para as relações humanas culturais e sociais que permitem compreender o quanto as identidades culturais e as virtudes são necessárias. Para Marc Bloch[1] (2001, p. 75), “[...] a história não é a ciência do passado, mas sim a ciência dos homens no tempo [...]”, e sempre será importante estudar o passado como fonte de referências para a formação de conhecimento na base do mundo intelectual e das ações humanas considerando o percurso histórico da preservação da memória e ensinamentos.

Diante dessas reflexões, foi desenvolvida a seguinte pergunta: como as virtudes apresentadas *A Canção de Rolando* contribuem para as relações humanas? Para responder à questão central da pesquisa, realizamos uma análise da referida obra dialogando com o passado

[1] Marc Bloch nasceu em 1886 na França; foi um dos fundadores da Revista dos Annales, e morreu em 1944.

medieval e suas reverberações no presente, associando-as ao herói lendário Rolando e seu contexto social. Para atingir os objetivos de maneira mais específica, realizamos um levantamento de dados, destacando exemplos específicos de comportamentos e ações que que ilustram cada virtude relacionada aos personagens principais. Investigou-se como as virtudes associadas ao cavaleiro são retratadas e valorizadas na narrativa, a influência dessas virtudes na construção da identidade coletiva e no contexto sócio-histórico da época. Além disso, explorou-se a permanência das virtudes através da tradição oral e nas cantigas de roda que por sua vez refletem os valores de uma época e mantêm-se vivas ao longo das gerações, refletindo mudanças nas mentalidades e valores ao longo do tempo.

Dos objetivos propostos, não poderíamos deixar de reunir a discussão de autores como: Braudel (1984), Jaques Le Goff (1989), Comte-Sponville (2009), dentre outros apresentados para o assunto em questão, contextualizando o momento histórico social, político, econômico, cultural e religioso da época de *A Canção de Rolando*.

É importante ressaltar que a versão original da obra *A Canção de Rolando* encontra-se em francês, *La Chanson de Roland, Manuscrit d'Oxford I e II* (1940) da biblioteca Augustana[2] e o integral na biblioteca Oxford da Grã-Bretanha no francês normando. Logo, utilizamos como uma das principais referências a tradução realizada por Lígia Vassallo (1984), considerada a mais fiel ao original entre as disponíveis. Além disso, a tradução de Pierre Jonin (2006) também foi utilizada para enriquecer e subsidiar o desenvolvimento da pesquisa, garantindo uma análise mais aprofundada e consistente.

Assim, os documentos, livros, dissertações e teses, caracterizados como material de base da pesquisa, compõem um *corpus* teórico para a discussão dos objetivos propostos neste estudo com a pesquisa bibliográfica.

A partir da leitura do poema épico medieval, analisa-se a importância dos valores ético-morais presentes ao longo da narrativa desenvolvida pelos cavaleiros[3], ideais do período no ciclo de Carlos Magno. *A Canção de Rolando* é uma obra produzida no período medieval e, por esse motivo, é capaz de proporcionar a observação dos hábitos e costumes, valores religiosos, sociais e culturais da época praticados pelas figuras centrais da narrativa, Carlos Magno e Rolando; o primeiro, considerado mítico, e o segundo, lendário, que se vestem de virtudes para os desafios da época. "A narrativa épica em A Canção de Rolando aborda acontecimentos do

[2] Disponível em: https://www.hs-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/f_saec12.html. Acesso em: 18 jul. 2023.

[3] A cavalaria aparece como uma expressão militar de nobreza, que a considera território particular e alicia seus membros. Desde então um cavaleiro não é somente um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia (Le Goff, 2006, p. 185).

período Feudal e das Cruzadas, imbricados ao reinado de Carlos Magno, transformados em uma ação maior: a Batalha de Roncesvales." (Borges, 2011, p. 45). O herói era o cavaleiro virtuoso, leal e corajoso, fiel às amizades com força e bravura, enfrentando desafios sobrenaturais em nome de sua comunidade, moldado pelos valores e desafios do período, sendo Rolando a representação do ideário de virtudes.

A partir dessa perspectiva é que se apresentam elementos que sustentam a relevância *A Canção de Rolando* para uma educação humanizadora e para a construção de valores e virtudes, que se configura na concepção histórica. "Podemos aprender com o passado para enfrentarmos questões contemporâneas da educação e, inclusive, tomar partido pelas tendências que estão postas a nós, ou ainda, apresentar novos caminhos à educação" (Oliveira, 2008, p. 168).

Nesse cenário da sociedade medieval, acontecimentos relacionados às virtudes, fé, coragem e amizade tornam-se visíveis na representação dos personagens da mais alta nobreza, envolvidos pelos valores da fé e cultura medieval.

A partir do enredo na canção de gesta, observa-se o que ocorre entre cristãos e pagãos, representando a criação de um personagem que consagrar-se-ia como modelo de conduta social e de educação a ser seguido, que morre em defesa de sua fé e, ao mesmo tempo, recupera naquela sociedade as virtudes associadas à religião, sendo que os conceitos de virtude se perpetuam, na longa duração, no impacto da formação humana.

Desse modo, *A Canção de Rolando*, como muitas obras da época, reflete a predominância religiosa e militar da sociedade medieval. Trata-se de um longo poema épico, composto de 4.002 versos divididos em 291 estrofes, que retrata as invasões e lutas entre cristãos e pagãos nas batalhas de Roncesvales, na Alta Idade Média. Além disso, dividida em quatro partes[4], representa a relação de dominação e mentalidades daquele período histórico-bélico[5]. De característica anônima, não se sabe ao certo quem escreveu, apenas nos últimos versos 3988 a 4002 lê-se: "[...]aqui termina a gesta que Turoldus declina" (Vassalo, 1984, p. 117), ficando evidente a incerteza acerca de quem a escreveu, o que é comum nas canções de gesta, refletindo a natureza oral e popular dessas narrativas com relevância do sagrado e das façanhas sobre-humanas.

Vale salientar que as motivações que levaram à escolha desse objeto de pesquisa deram-se mediante minha trajetória acadêmica. Formei-me em 2009 no curso de Pedagogia (EaD) pela

[4] A traição (versos 1-1016); a batalha (versos 1017-2396); o castigo dos pagãos (versos2397- 3674); o castigo de Ganelão (versos 3675-4002) (Vassalo, 1984, p. 06).

[5] "Seu núcleo reside em efemérides belicosas ocorridas na Alta Idade Média, período de grandes invasões e de luta pelas conquistas do território, data da plena Idade Média, séculos XII e XIII, períodos de intensa reverificação cultural na Europa" (Jonin, 2006, p. 05).

Universidade Estadual de Maringá e, no mesmo ano, comecei a atuar na Rede Pública Municipal de Ensino, na Educação Infantil, sempre nutrindo o desejo de continuar a dedicar-me aos estudos. Então, fui aprovada no vestibular na Unespar (Universidade Estadual do Paraná), em Paranavaí, para ingresso no curso de Letras (Português – Inglês). Nesse momento, descobri a pesquisa e comecei a participar de Projeto de Iniciação Científica e de eventos, o que fez emergir a vontade de construir pesquisas e estudos relacionados à educação, pois, como professora, envolvo-me diretamente com a formação humana. Terminada a graduação do curso de Letras, não foi possível fazer o mestrado, visto que minha família precisava muito de mim. Continuávamos as leituras, até que veio o apoio da Tatiane Graciele Caetano, então secretária de educação do município de Guaporema, mestranda na Unespar, incentivando-me a pleitear uma vaga pelo processo seletivo e a não desistir.

Foram algumas tentativas até a aprovação. Ingressei como aluna não regular. Durante as disciplinas, conheci a professora Conceição Solange Bution Perin[6] (minha orientadora), que me fez analisar o passado por outras lentes e perspectivas, ensinando-me que ele tem muito a contribuir nos estudos para a formação humana.

Ao iniciar o Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), no ano de 2023, como aluna regular, tive a oportunidade de ser orientanda da Professora Doutora Conceição Solange para iniciar, então, o sonho de pesquisadora.

Nesse momento, nosso projeto caminha para a compreensão de que o passado possibilita novas reflexões acerca do desenvolvimento histórico da formação humana. Isso porque, ao analisarmos *A Canção de Rolando*, percebemos como o passado nos oferece uma lente para compreender a complexidade dessa formação. As ações dos cavaleiros cristãos, motivadas por valores religiosos e militares, revelam um entrelaçamento histórico entre fé e guerra que continua a ecoar nos debates contemporâneos sobre identidade, violência e construção social. Dessa forma, o estudo da Idade Média, por meio de fontes como essa canção de gesta, permite-nos estabelecer profícuos diálogos entre passado e presente, enriquecendo nossa compreensão da condição humana.

Também vale destacar as contribuições oriundas do engajamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR, na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campus Paranavaí, na disciplina “Seminário de Pesquisa”, com

[6] Doutora em Educação, docente do Colegiado de Pedagogia na UEM e do Programa de Pós-Graduação na mesma Universidade; também atua no mestrado da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campus Paranavaí.

orientação das Professoras Dra. Márcia Marlene Stentzler[7] e Dra. Neide de Almeida Lança Galvão Faváro[8], professoras no Programa. Obtive orientação para buscar em pesquisas as palavras-chave e, nesse percurso, localizei a dissertação escrita pela Dra. Maria do Carmo Faustino Borges[9], do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, que pesquisou sobre o maravilhoso A *Canção de Rolando.*

Com orientações das professoras, realizei um levantamento portar da capes Teses e Dissertações (Capes) que mostrou a existência de poucas pesquisas em relação à canção, algumas até anteriores à Plataforma Sucupira[10].

A seguir, a tabela demonstrativa sobre os dados gerais dos trabalhos selecionados:

Quadro 1 - Pesquisas encontradas no portal da Capes no período de 1993 a 2023
(continua)

Título	Autoria	Objetivo	Instituição	Natureza	Ano
Transformação social do cavaleiro feudal (séculos VIII e XII): uma reflexão sobre propostas pedagógicas de caráter reformista	Regina Maria Zanatta Esper	Não disponível para acesso.		Dissertação	1997
O maravilhoso em *A Canção de Rolando*	Maria do Carmo Faustino Borges	Refletir o maravilhoso na literatura medieval na Canção de Rolando.	Universidade Estadual de Maringá	Dissertação	2011

[7] Graduada em Pedagogia pela UFPR, com especialização em Psicopedagogia pela FAFIUV, mestrado em Educação pela UEPG, linha de pesquisa em formação de professores. Doutorado em Educação pela UFPR, linha de pesquisa história e historiografia da educação. marcia.stentzler@unespar.edu.br;

[8] Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2000), graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (1992). neidegafa@hotmail.com

[9] A professora doutora entrou para a Universidade aos 55 anos de idade. Assim que terminou a graduação, fez mestrado e doutorado e, aos 72 anos. ainda é pesquisadora e uma incentivadora do estudo, e continua fazendo pesquisas.

[10] Mostra informações dos programas de pós-graduação e também estabelece a transparência para a comunidade acadêmica. Tem o nome Sucupira em honra ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer nº 977 que formatou a pós-graduação brasileira que vigora até a atualidade.

A influência da *Canção de Rolando* no livro da ordem de cavalaria	Cesar Christian Ferreira dos santos	Analisar *A Canção de Rolando*, gesta do século XII e o Livro da Ordem de Cavalaria, um "manual" do século XIV e entender como (e se) a primeira obra influenciou a segunda.	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	Dissertação	2016
Uma maneira de proceder: as representações e modelos de comportamento do ideal caval(h)eiresco na obra *A Canção de Rolando*	Elisângela Coelho Morais	Definir os elementos do comportamento humano como modelo de perfeição da ação social.	Universidade Federal do Maranhão	Dissertação	2018

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir de conversas com minha orientadora, enviei um e-mail para a professora Dra. Maria do Carmo Faustino Borges, que me forneceu a obra *A canção de Rolando* e me relatou sobre o fio condutor de seu trabalho, que versava sobre o maravilhoso na *Canção de Rolando*, frisando que toda pesquisa exige dedicação, muitas leituras para a compreensão do tema e o estudo profundo para tal.

Esta dissertação está organizada em quatro seções que versam sobre o estudo das relações humanas como o lendário Rolando, objetivando analisar e destacar as concepções de virtude presentes na obra, e diálogos acerca da relação entre passado e presente, com vistas a entender o homem em seu contexto histórico, destacando o modo como essas relações mudam ao longo do tempo, mas tendo em vista que o conceito de virtude, como são a coragem, a justiça e a amizade, trata de elementos que se perpetuam, na longa duração, no impacto da formação humana, e se mantêm presentes em diversas culturas e épocas.

Na primeira seção, busca-se a análise e compreensão da historiografia do final do século XI e do século XII, de maneira geral, política, social, cultural, econômica e geográfica, mostrando o contexto histórico, marcado pelo poder religioso e os pilares éticos da sociedade feudal e a ordem social medieval, das ordens militares da Igreja, que refletem o espírito de luta e de defesa da fé cristã que caracterizava as batalhas, como panorama de fundo histórico.

Já na segunda seção, a discussão versa sobre a figura do herói, buscando avaliar, em nosso estudo, o lendário Rolando, cavaleiro cristão e sobrinho de Carlos Magno. Nessa seção, a análise pauta-se na representação do combate, sendo que a virtude não se encontra reduzida, mas acima de tudo no tempo e espaço de boas ações, na disposição natural de honra, coragem,

justiça e amizade, pois os cavaleiros eram olhados por todos com respeito e admiração. *A Canção de Rolando* exalta valores importantes de uma sociedade marcada por batalhas e poder; as virtudes da amizade e da coragem são exaltadas na morte de Rolando pelo lamento de Carlos Magno, por sua fiel lealdade capaz de perder a vida em sacrifício, e vemos como elas influenciavam o comportamento e as ações dos indivíduos.

Por fim, na terceira seção, é apresentada a relação entre A Canção de Rolando, de tradição oral, e as cantigas de roda, abordando as virtudes e a formação humana, que foram marcos importantes na Idade Média e, ainda hoje, contribuem para a transmissão do conhecimento por meio da oralidade. As cantigas de roda, assim como *A Canção de Rolando*, preservam e difundem valores morais e sociais essenciais para as crianças, como amizade, justiça e coragem, virtudes associadas ao ideal do cavaleiro medieval.

Em síntese, o estudo aprofunda a compreensão de que as virtudes são importantes no passado e na sua continuidade em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, mantendo sua importância mesmo diante das transformações sociais, valorizando-se no processo de formação e relações humanas com panorama de valores que transcendem o tempo e as mentalidades humanas com uma visão mais abrangente desse período histórico.

2 APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO MEDIEVAL REPRESENTADO EM *A CANÇÃO DE ROLANDO*

Esta seção do estudo objetiva fornecer uma compreensão do contexto histórico e literário do período medieval, conforme retratado na obra *A Canção de Rolando*. Para tanto está organizada em subitens que abordam diferentes aspectos essenciais á análise histórica e literária da obra. A seguir, apresentamos a estrutura do capítulo: 1) Características da literatura no período medieval: considerações; 2) Força militar da Igreja e seu papel na construção da Europa Ocidental cristã: o papel de Carlos Magno; 3) Movimento literário na Idade Média: relação entre a Igreja e a nobreza; 4) Considerações sobre as transformações no ciclo carolíngio; 5) Educação do século XII e o cavaleiro: apontamentos.

A estrutura deste capítulo visa a proporcionar uma compreensão do contexto histórico e literário de *A Canção de Rolando. A*o analisar as características da literatura medieval, a influência da Igreja, a estrutura feudal, virtudes e o impacto das Cruzadas, este estudo busca revelar como esses elementos interagem para moldar a narrativa e os personagens da obra. Essa abordagem integrada facilita uma apreciação mais profunda de *A Canção de Rolando* como um reflexo dos valores e das dinâmicas sociais, destacando sua relevância histórica e literária.

2.1 Características da literatura no período medieval: considerações

O estudo aborda o período da sociedade medieval representado na obra *A Canção de Rolando*, destacando sua leitura histórico-social e o sistema vigente na época, entre os séculos VIII e XII. A obra retrata os feitos heroicos de Rolando[11] e Carlos Magno[12], personagens centrais que refletem os valores e as estruturas daquela sociedade. Escrita em dialeto anglo-normando, provavelmente no final do século XI e início do século XII, a obra não possui uma autoria claramente definida. A única referência que aparece no texto é ao nome Turoldus, mencionado na passagem: "Aqui termina a gesta que Turoldus[13] declina" (Borges, 2011, p. 10).

A Canção de Rolando oferece uma rica fonte de informações históricas, culturais, religiosas e políticas sobre o final do século XI e o início do século XII, proporcionando uma visão profunda das dinâmicas da época, pela canção de gesta. O termo "gesta", de origem latina, significa "feitos realizados". Geralmente, esse vocábulo é usado para designar os conjuntos de poemas narrativos com influências épicas que descrevem eventos lendários, sendo o marco inicial da literatura francesa (Vassallo, 1984).

Organizadas em ciclos distintos, as canções de gestas eram formadas conforme o tema, os personagens ou o período cronológico que pretendiam abordar dentro de sua estrutura narrativa. O primeiro ciclo, importante para a presente investigação, é conhecido como ciclo carolíngio, que aborda a corte de Carlos Magno e traz a configuração do arquétipo do cavaleiro cristão (Morais, 2021). Suas obras mostram influências tanto pagãs quanto cristãs; foram criadas por clérigos e leigos com conhecimento religioso, que ainda mantinham em suas práticas vestígios das antigas religiões pré-cristãs. O chamado ciclo do rei trata da vida de Carlos Magno desde o seu nascimento, suas batalhas expansionistas na Península Itálica, na Península Ibérica, na Palestina, na Saxônia, além da campanha na Bretanha, com o objetivo de libertar as sete igrejas (Pavret; Imai, 2022).

Nesse sentido *A Canção de Rolando* descreve valores e mentalidades da sociedade medieval, com ênfase em virtudes para o modelo de cavaleiro ideal, bem como necessárias para

[11] "Rolando tornou-se o símbolo de uma concepção de vida e o culto de sua personalidade mítica atravessou as fronteiras do tempo e do espaço" (D'Onofrio, 1990, p. 160). Também era o sobrinho de Carlos Magno e conde.

[12] Era imperador "Herói e também é dos objetos que partilham entre si as disputas de governantes e clérigos. Ele se apresenta como fonte de legitimidade, como exemplo de visão política, como modelo de comportamento moral. E assim, o tempo modela o imperador e seus companheiros reais ou inventados à semelhança da sociedade que invocam seu testemunho. Há o Carlos Magno da sociedade baseada na vassalagem e do feudalismo, da cruzada e da reconquista (Favier, 2004, p.14).

[13] É o único momento que aparece o autor da obra *A Canção de Rolando*, mas não e comprovado. Talvez o bispo de Bayeux, Théroulde, que viveu no século XI. Mas também é possível que se trate de um jogral que cantava a canção de gesta; de um copista, de um imitador (Oliveira, 2002, p. 527).

o bem viver em sociedade, como: amizade, justiça, coragem e a fé cristã, que possui papel fundamental na obra.

Os cavaleiros dedicavam-se completamente aos princípios mais elevados. Honra, cavalheirismo, amizade, fé e coragem não eram opcionais, mas sim o próprio modo de vida, o padrão que seguiam em todas as situações, mesmo nas mais difíceis nos campos de batalha (Santiago; Deplagne, 2019). Os versos 1663 – 1670, A *Canção de Rolando* retratam a coragem dos cavaleiros na batalha.

> A batalha é maravilhosa e grande, os franceses atacam com lanças brunidas. Ah! Se vísseis tanto sofrimento e tantos homens mortos e feridos e ensanguentados! Eles jazem uns sobre os outros. De costas e de bruços. Os Sarracenos não podem sofrer mais: apesar dos pesares, abandonam o campo de batalha e os franceses os perseguem com viva força (Vassallo, 1984, p. 60, versos 1663-1670).

A expressão "batalha maravilhosa e grande" transmite o sentido de uma luta grandiosa, épica, em que a valentia e a força dos combatentes são exaltadas. Ao mesmo tempo, o sofrimento e o horror da guerra, com corpos feridos, repleta de imagens de sangue e morte, expõe o custo da glória, triunfo da coragem e da determinação sobre o inimigo. Nesse contexto, a batalha não é apenas um conflito militar, mas também um ato de heroísmo e lealdade à fé e à honra, de enfretamento dos medos.

É relevante destacar que as *chansons de geste* francesas têm como tema central o modelo heroico e foram as primeiras obras seculares difundidas em língua vernácula. Sua inspiração provém das batalhas, dos rituais pagãos e das lendas celtas, além do ideal guerreiro (Starling, 2009). Assim, elas marcam a literatura medieval concernente a batalhas históricas atreladas às lendas e ao ideal de cavaleiro.

Segundo Vassallo (1984), criações dos finais dos séculos XI e XII, imbuídas do espírito de cavalaria dos tempos das primeiras cruzadas denotam: um espírito guerreiro, feudal, intensamente cristão, uma combinação paradoxal de cristianismo e imperialismo agressivo; um espírito que emergiu no final do século XI e que não existia anteriormente. Havia a descrição por meio da literatura da visão do mundo, das crenças, das características da época, em todos os seus aspectos numa conexão íntima entre literatura e história e a complexidade dos eventos históricos e os valores ali presentes, por meio da diversidade de gêneros textuais como epopeia, a poesia lírica, a sátira e o teatro.

> Quando se fala em gênero literário na Idade Média, é preciso deixar claro que este conceito não é evidente. A noção de gênero no período não tinha curso e é um conceito que os críticos tomaram emprestado de outras épocas e que sofre hoje profundo questionamento. No entanto, opta-se pela utilização dessa

> palavra no sentido de entender que a Idade Média possuía vários tipos de textos literários com características distintas, de forma que o termo auxilia a compreender melhor essa nuance (Santos, 2016, p. 34).

A compreensão do gênero literário na Idade Média perpassa um caminho de diferentes textos, com uma vasta produção literária que adentrou esse período com influência do contexto histórico-cultural.

A oralidade desempenhou um papel central na preservação e transmissão dessas narrativas nos cantares de gesta e nas hagiográficas, que exaltam feitos heroicos e virtudes cristãs. Além disso, a literatura medieval refletia as estruturas sociais da época, sendo muitas vezes utilizada como instrumento de reforço ideológico pelo clero e pela nobreza. A fusão entre tradição oral e escrita, bem como a adaptação das narrativas às necessidades de diferentes públicos, evidencia a riqueza e a complexidade da literatura desse período.

Em relação às características que definem os chamados movimentos literários, Bakhtin (1987, p. 20) observa que: “ Todos os movimentos literários criam as suas categorias estilísticas, valores estéticos elementares, temas e motivos, que através da experiência da própria geração, sobretudo no domínio da poesia, vão buscando uma estabilidade expressional, uma vitrificação verbal” .

Essa observação bakhtiana é particularmente relevante para a literatura medieval, que embora não possuísse uma concepção rígida de gêneros literários, consolidou estilos e temas recorrentes ao longo do tempo. Os cantares de gesta, por exemplo, cristalizaram valores heroicos e cavalheirescos, enquanto as hagiográficas e os textos didáticos religiosos reforçaram a moral cristã. A estabilidade expressional mencionada pelo autor pode ser percebida na repetição de fórmulas narrativas e em convenções estilísticas que facilitaram a memorização e a transmissão oral dessas obras. Assim, mesmo sem um movimento literário definido nos moldes modernos, a literatura medieval estruturou-se a partir de tradições que conferiram unidade e continuidade ás produções da época. Nessa perspectiva, os movimentos literários fazem parte das construções históricas com suas particularidades relacionadas ao momento histórico. A literatura medieval era dominada pela oralidade, com hinos, contos e poemas litúrgicos, enquanto a produção escrita era restrita aos mosteiros. Entre os séculos IX e XII, houve um hiato na produção literária, mas esse período preparou o terreno para formas literárias emergentes.

A manifestação e influência da literatura na sociedade era um convite a compreender que o percurso da humanidade, ou seja, a história da civilização, geralmente foi moldada por meio de confrontos e disputas instigados por certos grupos que estão no comando e têm

interesse em preservar sua posição dominante: no caso da Idade Média Ocidental, a Igreja e a aristocracia feudal exemplificam bem esses grupos influentes (Silva; Junior, 2006). Em outros termos, a literatura é um espelho do contexto histórico social e dos grupos de poder dominantes.

Cabe ressaltar que, na sociedade medieval, o poderio militar era essencial para a nobreza manter seu estilo de vida luxuoso e fazer doações à Igreja. Os nobres buscavam riquezas nas guerras contra inimigos externos, já que o saque entre cristãos era condenado. O fortalecimento das cidades a partir do século X intensificou o comércio, embora este fosse mal visto pela Igreja. A necessidade de ostentação levou muitos nobres, tanto laicos quanto clericais, ao endividamento, comprometendo o modelo sustentado pela exploração e ajuda familiar (Pavret; Imai, 2022).

A cavalaria medieval foi formalizada pela Igreja e reconhecida como uma ordem oficial, a partir do momento em que o clero a consagrou. Nesse contexto, afirmava-se que a cavalaria poderia tornar-se (se necessário) o braço militar da Igreja, como ocorreu as Cruzadas. Percebemos que a Igreja desempenhou um papel fundamental na formação dessa cavalaria, moldando-a com valores que refletiam, sobretudo, o ideal de mundo que a Igreja transmitia por meio de sua visão (Marshall, 2021). Nesse sentido, Silva e Franco Júnior (2006) compreendem que o surgimento da cavalaria é a representação do braço armado da cristandade ocidental.

Nesse sentido, retratado em *A Canção de Rolando*, o herói Rolando é o arquétipo do ofício cavaleiro[14] cristão da Idade Média. Desse modo, podemos afirmar que o herói é o personagem que simboliza o ideal supremo do homem comum, caracterizado por virtudes que podem enaltecer o espírito patriótico de um povo, somando-se, nessa obra, às questões da fé e da lealdade feudal (Santos, 2016).

O trecho a seguir de revela o dilema e a coragem dos cavaleiros franceses diante de uma batalha, enquanto o arcebispo, figura de fé e liderança espiritual, encoraja-o enfrentarem o destino com bravura, para não desistirem. Do valor do sacrifício em embate, ele afirma que a recompensa celestial os aguarda, transformando a batalha final em um ato de fé e honra, dever e glória.

> Os franceses veem tantos pagãos que a planície está cheia deles; sem parar chamam Rolando e Oliver e os doze pares para socorrê-los. E o arcebispo lhes diz todo o seu pensamento: Senhores barões, nada de temores covardes! Em nome de Deus não fugi, para que nenhum valente cante canções maldosas sobre nós. Mais vale, e de muito, morrer lutando. Está claro que vamos

[14] Oficio do cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o pai, enviou seu filho. É o fim e a intenção pelas quais foi principiada a ordem da cavalaria. Logo, se o cavaleiro não cumpre com o ofício da cavalaria é contrário à sua ordem (LLull, 2000, p. 23).

> encontrar nosso fim aqui mesmo; depois deste dia, não estaremos mais vivos. Mas posso garantir-vos uma coisa, que o santo Paraíso vos espera e que ireis vos sentar entre os inocentes! (Vassallo, 1984, p. 56, versos 1511-1525).

Dessa forma, ao enfrentar batalhas e um exército numericamente superior, Rolando simboliza o cavaleiro ideal descrito nas canções de gesta, aquele que perece no campo de batalha, defendendo sua fé e seu soberano até o fim. Nos versos 783 a 791 é dito por Rolando: "Deus me castigue se eu trair minha raça! Ficarei com vinte mil franceses muito bravos. Passei os desfiladeiros em segurança; não deveis temer ninguém enquanto eu viver" (Vassallo, 1984, p. 39).

O modelo de cavaleiro ideal detinha compromisso com seu povo, com valores de coragem e lealdade supremas. Nos versos acima ele demostra seu espírito guerreiro, e de lealdade e amizade que jamais trairia seu povo, mostrando valores e comportamentos da sociedade medieval.

Contudo as Cruzadas como expedições militares promovidas pela Igreja para retomar territórios sagrados, são o pano de fundo histórico que contextualiza a trama da obra. A participação dos cavaleiros nas cruzadas é retratada como uma expressão de devoção religiosa e um ato de coragem e sacrifício em nome da fé. "A cruzada foi de fato considerada pelos cristãos medievais como uma reconquista ao modo de reconquista ibérica" (Le Goff, 2010, p. 135). A influência das cruzadas é evidente na representação dos conflitos entre cristãos e muçulmanos, que simbolizam a luta entre o bem e o mal na perspectiva medieval. Além disso, moldam as motivações dos personagens, como a busca por glória e a defesa dos valores cristãos, reforçando a importância da guerra santa na construção da identidade religiosa e nacional.

Ao nos depararmos com a literatura do período medieval, torna-se o peso de sentimentos considerados nobres, que fazem parte do imaginário da época, como amizade, fidelidade, honra, submissão, bravura e amor, este último retratado em quase todos os tipos literários. "Eles choram através do campo de batalha, procuram seus homens, choram de dor e de pesar pelos parentes, com todo o coração, com todo amor!" (Vassallo, 1984, p. 55, versos 1438-1448). A passagem nos versos de *A Canção de Rolando* evidencia a união e a lealdade entre os guerreiros, dor sincera do luto, mostrando que o vínculo entre eles vai além do companheirismo no combate, no contexto das virtudes e bons sentimentos.

Desse modo, a partir desse contexto é que a presente dissertação apresenta *A Canção de Rolando*. Ao compreender os elementos centrais que se expressam nela, a pesquisa percorre o contexto histórico e social da época, buscando entender como a sociedade medieval funcionava social, cultural e economicamente. Além disso, tornou-se necessário analisar os valores

humanos que permearam a sociedade nesse período, também a relevância do momento histórico e suas manifestações literárias. Logo, foi construída uma trajetória que se pautou em momentos distintos. Para Loyn (1995), o período histórico marcado pela Idade Média divide-se da seguinte forma:

> A Idade Média é constituída de ciclos: o de Carlos Magno, o de Alexandre, o Grande, o de Rolando, o do rei Artur, do qual demanda um ideal de justiça e de fé religiosa, de procura da bem-amada inatingível, da galanteria cavaleiresca, dos sentimentos de honra, do misticismo e das façanhas guerreiras. Mas esses ciclos guardam entre si profundas diferenças. No bretão, predomina o sentimento amoroso; no ciclo carolíngio, a predominância é guerreira (Loyn, 1995, p. 13).

Dessa maneira, o fortalecimento das cidades e a organização da cavalaria refletem o papel central que a nobreza e a Igreja desempenharam nas contribuições da sociedade feudal. Esse cenário de transição social, moral, econômica e cultural, moldado pela necessidade de proteção, hierarquia e ordem, propiciou a formação de valores que expressam os ideais e as aspirações medievais presentes em *A Canção de Rolando.* Dentro desse contexto a figura de Carlos Magno emerge como um elemento crucial nesse processo, aspecto analisado na próxima subseção, que explora como a força militar da Igreja, em conjunto com as ações de Carlos Magno, facilitou a unificação e a expansão do Império Romano-Germânico, influenciando significativamente a formação da identidade cristã e a estabilidade política da Europa Ocidental.

2.2 A Igreja, a força militar e a construção da Europa Ocidental: a relevância de Carlos Magno

É fundamental compreender a influência da queda do Império Romano e das invasões bárbaras – o nascimento da Europa Ocidental, pois esses movimentos caracterizam o período da Idade Média.

Após a queda do Império Romano do Ocidente e as invasões bárbaras, a Europa Ocidental passou por um processo de ruralização, no qual o poder descentralizou-se e foi transferido para os senhores rurais. Entre os povos bárbaros que invadiram o Império, estavam os ostrogodos, visigodos, burgúndios, vikings, magiares, vândalos e francos (Silva; Júnior, 2006). Os francos, em particular, ganharam destaque ao atuar ao lado dos romanos contra outros inimigos, recebendo terras fronteiriças como recompensa, o que lhes conferiu poder e prestígio, tanto entre seu povo quanto entre os romanos (Bakhtin, 1987).

Em 496, Clóvis I, seu neto, converteu-se ao Cristianismo para legitimar seu reinado. Esse evento marcou o início de dois pilares da sociedade medieval, que, sob a influência da Igreja Católica, formou a casta nobre, dividida entre aqueles que oram e aqueles que guerreiam (Santos, 2016). Durante o fortalecimento dos francos na Europa Ocidental, o Império Muçulmano expandiu suas conquistas. Esse Novo Império Romano combinava elementos romanos, bárbaros e cristãos, formando a base cultural da Alta Idade Média.

> Pepino o Breve, aliado do papa, introduz a política carolíngia na Itália. Primeira expedição contra os lombardos em 754, segunda em 756. Carlos Magno acaba por capturar o Rei Desidério em Pavia em 774, toma-lhe e cinge a coroa da Itália, mas precisa guerrear para impor-se no norte da península, sendo que os ducados de Spoleto e de Benevento acabam lhe escapando. Em direção ao sudoeste também é Pepino que dá a arrancada, retomando Narbonne dos muçulmanos em 759. No entanto, é Carlos Magno que, segundo a lenda, ligará seu nome à reconquista da cidade. Mais tarde, em 801, aproveitando-se das querelas internas dos muçulmanos, Carlos Magno tomará Barcelona. Uma marca da Espanha foi criada da Catalunha a Navarra, graças principalmente ao conde Guilherme de Toulouse, que se tornaria herói das canções de gesta do ciclo de Guilherme de Orange. Na luta contra os muçulmanos e contra os povos pireneus, os carolíngios ainda não tinham sido tão bem-sucedidos. Em 778 Carlos Magno tomou Pamplona, não ousou atacar Saragoça, tomou Huesca, Barcelona e Gerona e, renunciando a Pamplona que havia arrasado, voltou-se para o norte. Montanheses bascos armaram uma emboscada na retaguarda para apossar-se da equipagem dos francos. Em 15 de agosto de 778, no desfiladeiro de Roncevaux, os bascos massacraram as tropas comandadas pelo senescal Eginhard, pelo conde palatino Anselmo e por Rolando, prefeito da marca da Bretanha. Os Annales Royales (Anais reais) carolíngios não dizem uma palavra sobre a desventura; um analista anota, sobre 778: “Nesse ano o senhor Rei Carlos Magno foi para a Espanha e lá sofreu grande desastre”. Os derrotados foram transformados em mártires e seus nomes se perpetuaram. Sua revanche foi A canção de Rolando (Le Goff, 2005, p. 35).

Enquanto o poder dos francos se consolidava e crescia na Europa Ocidental, o Império Muçulmano já havia conquistado a Península Arábica, o norte da África e a Península Ibérica, avançando em direção à França ao cruzar os Pirineus. Vale destacar que *A Canção de Rolando* retrata uma batalha que se tornou símbolo de heroísmo e foi imortalizada, transformando seus heróis em mártires.

Carlos Magno também lutava incansavelmente, sem abandonar sua fé, precisamente o juramento da fidelidade[15] aos costumes da cultura cristã e da essência divina. Assim, a sua transfiguração na história constitui-se como modelo dos princípios do agir, das virtudes em defesa dos valores representados pelo bastão e pela luva que simbolizam o pacto de honra e lealdade ao rei. “Para o pensamento do medievo, a cavalaria deveria ser um exemplo da vida

[15] Não há sujeito moral sem fidelidade de si para consigo, e é nisso que a fidelidade é devida, pois de outro modo não haveria deveres (Comte-Sponville, 2009, p. 27).

em sociedade, nessa camada, cada um deveria espelhar as virtudes pois assim refletia os seus pares" (Morais, 2021, p. 168). Os meios sociais carregavam o impacto das mensagens cristãs e dos ideais vigentes e se estendem do século XI ao XII.

Configura-se em um momento no qual é possível ao leitor vivenciar a percepção do instante poético dos cavaleiros em uma realidade histórica, tendo como pano de fundo uma guerra, a Batalha de Roncesvales, entre cristãos e pagãos, numa atmosfera da cristandade[16], quando o gênero épico é capaz de fazer corresponder às virtudes humanas que se naturalizam em atos no desenvolvimento da interioridade.[17]

É essencial compreender que, no contexto de Carlos Magno, surgiu o novo Império Romano durante a Alta Idade Média (séculos VIII a X). Este império integrava três elementos principais: o romano, o bárbaro e o cristão, os quais, em conjunto, moldaram sua cultura de maneira significativa, sem, no entanto, abandonar valores como a bravura em combate (Le Goff, 2005).

Os francos, comandados por Carlos Magno, trazem, em suas fileiras, o conde Rolando, exemplo de cavaleiro cristão leal a Deus e ao rei, orgulhoso de sua posição e de seus companheiros. A trama desenrola-se no campo de batalha e revela os valores da cavalaria medieval de coragem e sacrifício, que são parte da motivação dos guerreiros.

> O dia está claro e o sol radioso: todas as armaduras brilham. Soam mil clarins, para que fique mais bonito. Grande é o barulho e os franceses ouvem. Oliver diz: Senhor companheiro, acho que poderemos ter uma batalha com os sarracenos. Rolando responde: Que Deus nos conceda! Devemos permanecer aqui com nosso rei. Por seu senhor deve sofrer permanecer aqui por nosso rei. Por seu senhor sofrer desgraças e suportar o maior calor, o maior frio, deve-se perder o couro e o pêlo. Que cada um se esforce em dar grandes golpes, para que não façam canções maldosas sobre nós! Os pagãos estão no erro e os cristões no bom direito! (Vassallo, 1984, p. 44, versos 994-1016).

Esses versos de *A Canção de Rolando* ilustram valores centrais da época feudal, como honra, coragem, amizade e fé religiosa, que eram exaltados na literatura épica e no espirito cavalheiresco. A glória da batalha era motivo de orgulho para os cavaleiros, e a fidelidade do rei e aos companheiros era um princípio inquestionável. Isso reflete na fala de Rolando: "Devemos permanecer aqui com o nosso rei", evidenciando o senso de lealdade e dever. Além disso, a expressão "Que Deus no conceda "demonstra a forte presença da fé cristã na mentalidade medieval. O trecho 'sofrer o maior calor, o maior frio' e até perder o couro e o

[16] A religião constituía-se, naquela altura, como um vasto sistema de representações e de práticas simbólicas por meio das quais os homens do período encontraram um sentido e uma ordem para o mundo, aqui entendido como composto, simultaneamente, pela natureza, pela sociedade e pela pessoa humana (Schmitt, 2001, p. 78).
[17] O humanismo do século XII fundamenta-se no desenvolvimento da interioridade (Le Goff, 2010, p. 118).

pelo' simboliza a disposição de sacrificar-se em nome da coragem e da fidelidade ao rei e ao povo. Por fim, a afirmação de que 'os pagãos estão no erro e os cristãos no bom direito' reforça a visão de guerra como um embate entre o bem e o mal, representando a concepção medieval da luta contra os "infiéis" como uma missão sagrada.

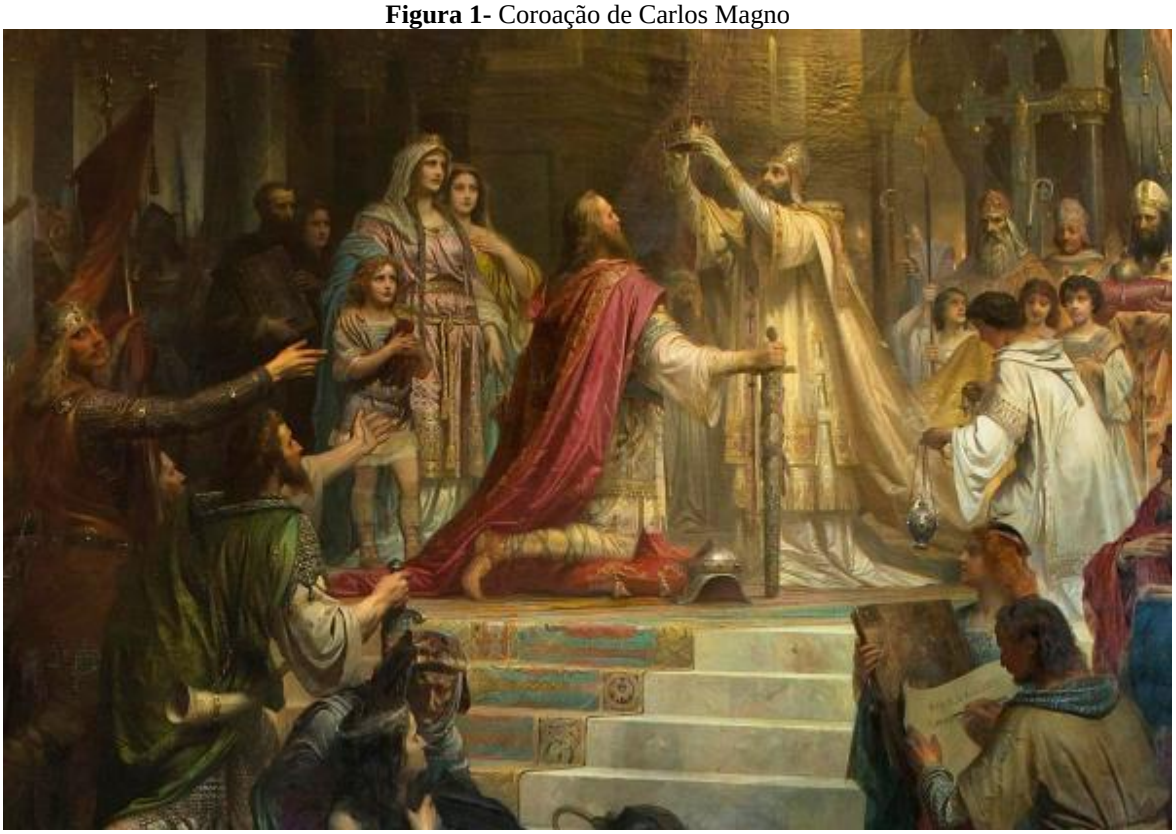
A corte carolíngia, conhecida por sua força militar, é retratada com atributos derivados da vontade divina, e a bravura de seus membros no campo de combate é sobrenatural. Essas características são ainda mais ressaltadas pela importância que o espírito guerreiro tinha nas gestas, combinadas com o caráter religioso do homem medieval (Le Goff, 2010).

A bravura e os feitos militares de Carlos Martel, seguidos por seus sucessores Pepino, Carlos Magno e Carlomano, permitiu a expansão territorial, a defesa das fronteiras e a expulsão de invasores como magiares, normandos e sarracenos. As guerras de expansão e defesa foram comuns na Alta Idade Média, com os carolíngios obtendo várias vitórias, mas também enfrentando derrotas, como a de Roncesvales, imortalizada A *Canção de Rolando*. Carlos Magno buscou seguir as tradições romanas, registrando decisões por escrito, cadastrando propriedades eclesiásticas e imperiais e adotando o latim como língua oficial do Império (Baschet, 2024). A respeito de Carlos Magno, Le Goff (1994) explica:

> Nascido em 724 ou 743, filho de Pepino, o Breve, rei dos Francos com seu irmão Carlomano em 768 e, depois da morte deste em 771, soberano único. Morreu em 814. É célebre: 1º Pelas suas guerras: contra os Lombardos, a quem arrebata a coroa da Itália, contra os Ávaros, cujo ring é destruído pelas suas tropas, contra os Saxões, que submete e cristianiza depois de ferozes campanhas, contra os Bávaros, que anexa, contra os Espanhóis, muçulmanos ou cristãos, a quem conquista a marca de Espanha mas que infligem a Roland a derrota de Rocesvales (778). 2º Pelo seu império, restaurado em seu benefício em 800 pelo papa Leão III, que o coroou em Roma; mas Carlos Magno considerava-se, antes de tudo, rei dos Francos, com os quais, confundia a cristandade ocidental[...]. 3º Pela sua legislação e pela sua política cultural (renascimento carolíngio), que impuseram ao ocidente um ilusório verniz superficial. Foi para toda a Idade Média um herói lendário (Le Goff, 1994, p. 274).

Na citação supramencionada, ressalta-se o papel de Carlos Magno na restauração do Império Ocidental, que foi reconhecido pelo papa Leão III em 800. Esse ato de coroação em Roma conferiu a Carlos Magno o título de imperador, consolidando a relação entre o poder secular e a Igreja. Ele foi uma figura central na história medieval, que deixou seu legado na Idade Média, com suas conquistas militares que expandiram e fortaleceram o reino dos francos. Carlos Magno fez esforços para trazer de volta as tradições romanas em sua forma de governar. A coroação de Carlos Magno representava o poder da igreja e sua influência na Europa Medieval.

Figura 1- Coroação de Carlos Magno



Fonte: A Coroação de Carlos Magno, 1861 d. C., por Friedrich Kaulbach (1822 - 1903 d. C.). (Domínio Público). Disponível em: https://www.historiaemdestaque.com.br/post/coroacao-de-carlos-magno. Acesso em: 05 jul. 2024.

O rei só teve sua coroação validada porque a Igreja concedeu-lhe um poder que estava em suas mãos: a herança política do Império Romano do Ocidente. Além disso, ao delegar à Igreja responsabilidades culturais e adotar o latim, ele deu à Igreja muito poder, que aumentaria durante o reinado de Luís, o Piedoso, sucessor de Carlos Magno (Bakhtin, 1987).

> O Papa Leão III viu, em 799, uma tripla vantagem em dar a coroa imperial a Carlos Magno. Preso e perseguido por seus inimigos romanos, tinha necessidade de ver sua autoridade restaurada de fato e de direito por alguém cuja autoridade se impusesse incontestavelmente a todos: um imperador. Chefe de um Estado temporal, o patrimônio de São Pedro, queria que o reconhecimento dessa soberania temporal fosse corroborado por um rei superior a todos os outros, efetivamente e de fato. Enfim, com uma parte do clero romano, pensava em fazer Carlos Magno imperador de todo o mundo cristão, inclusive Bizâncio, a fim de lutar contra a heresia iconoclasta e estabelecer a supremacia do pontífice romano sobre toda a Igreja. Carlos Magno deixou-se convencer e foi coroado em 25 de dezembro de 800. No entanto, só abordou Bizâncio para fazer com que fossem reconhecidos seu título e sua igualdade. O acordo se fez em 814, alguns meses antes da morte de Carlos Magno. Os francos entregavam Veneza, conservavam as terras ao norte do Adriático, e o basileu reconhecia o título imperial de Carlos Magno. (Le Goff, 2005, p. 37).

Um fato dessa época foi a batalha de Roncesvales, ocorrida no reinado de Carlos Magno, que envolveu as famílias no combate. Os conflitos na guerra fizeram com que o imperador Carlos Magno retornasse à guerra diante da perda de seu sobrinho Rolando, que nela sucumbiu. Impõe o batismo para todos em Saragoça e expande o Cristianismo, mesmo que seja pela punição, demostrando também a intolerância religiosa a outras crenças.

> O imperador tomou Saragoça. Mandou mil franceses revistar bem a cidade, as sinagogas e as mesquitas. Com maças de ferro e machados, quebraram as estátuas de todos os ídolos; aí não restará mais nenhum sortilégio nem maleficio. O rei acredita em Deus, quer fazer seu serviço. Seus bispos benzem as águas. Levam-se pagãos até o batistério. Se agora se opuser a Carlos, o rei manda prender, queimar ou matar. Mais de cem mil receberam o batismo se tornaram verdadeiros cristãos. (Vassallo, 1984, p. 109, versos 3668-3674).

Na Figura 2, na próxima página, mostra-se todo o percurso da guerra de Roncesvales de ida e volta da expedição dos exércitos de Carlos Magno (777- 778), que foi um dos líderes da Batalha de Roncesvales, mesmo não tendo participado diretamente, pois quem esteve à frente foi o lendário Rolando, que lutou bravamente por Carlos e todo o reino. E Carlos vai à frente quando sofre pela perda de Rolando.

Figura 2 - Percurso da guerra de Roncesvales

Fonte: Mapa no livro *A Canção de Rolando*, de Ligia Vassallo (1984, p. 130).

No mapa acima, é possível verificar todo o percurso da guerra de Roncesvales de ida e volta da expedição dos exércitos de Carlos Magno (777- 778). Ademais, no contexto da guerra, houve muitos massacres e mortes de cavaleiros da aristocracia feudal que lutaram em confrontos militares, usando de toda valentia consonante aos valores da Igreja Católica, ou seja, a religiosidade cristã. Os inimigos eram considerados contrários aos comportamentos herdados, era a contraposição entre paganismo e religião que embutia as questões de crença em nome da santidade. No entanto, é importante destacar que, para além destes elementos, também havia interesses ligados à riqueza e ao poder (Bakhtin, 1987).

A interferência da Igreja na política aconteceu porque, após a queda do Império Romano, esta era a única instituição organizada o suficiente para ocupar o espaço de poder que foi deixado. A Igreja tinha o controle exclusivo sobre a religião e a cultura. A ideia do imaginário religioso foi imposta a todos, pois, segundo a crença religiosa medieval, as pessoas só poderiam ser salvas por meio da religião; quem estivesse fora da Igreja poderia ser condenado à perdição eterna (Arias, 2016). De acordo com essa visão, somente por meio da Igreja o homem poderia encontrar Deus em um mundo cheio de pecados. Nesse imaginário, Santos (2016), em suas análises, faz o seguinte apontamento:

> O que dominava o pensamento e as emoções das pessoas na Idade Média era o seu sentimento de insegurança. Essa insegurança, tanto material quanto moral, tinha, segundo a Igreja, apenas um remédio: apoiar-se na solidariedade do grupo e das comunidades às quais pertenciam, evitando que essa união fosse rompida por ambição ou decadência. No fundo, essa insegurança era sobre o futuro, pois a vida após a morte não era garantida para ninguém, e nem as boas ações ou a conduta correta poderiam garantir totalmente a salvação. O risco de condenação eterna, agravado pela influência do Diabo, era tão grande, e as chances de salvação tão pequenas, que o medo superava a esperança (Santos, 2016, p. 15).

Havia um verdadeiro medo das capacidades do corpo, do sexo, da intelectualidade e do pecado original, pois tudo isso era visto como uma ofensa a Deus[18]. Esse clima, como observado por Baschet (2024), era relacionado ao medo e à insegurança de uma vida futura que povoava o imaginário medieval como um todo, desde os camponeses até a nobreza, colocando-os todos sob a égide da Igreja e das regras eclesiásticas.

> O Ocidente conheceu, no século VIII, as primeiras tentativas de construção de uma sociedade cristã. Investidos de um poder sobrenatural pela virtude da sagração, os soberanos carolíngios se consideraram como responsáveis pela salvação do seu povo e pretenderam reger a Igreja assim como regiam a

[18]Essa visão de mundo repousa sobre um teocentrismo absoluto-já que Deus representa todo o bem, é inútil perseguir as realidades terrestres, que são frustrantes e apresentam risco de pecado (Vauchez, 1995, p. 42).

> sociedade profana. Carlos Magno, que levou esses princípios até as últimas consequências, apareceu aos seus contemporâneos como um "novo Constantino", restaurador do Império cristão (Vauchez, 1995, p. 12).

A estrutura social e econômica da Idade Média destacou o papel dos reis e chefes tribais que recompensavam seus seguidores com terras para fortalecer laços. Na Sociedade das Três Ordens, o clero (*oratores*) intermediava entre Deus e os homens, a nobreza laica (*bellatores*) protegia o clero e os trabalhadores (*laboratores*) sustentavam ambos (Azevedo, 2007).

O imaginário religioso medieval priorizava a vida espiritual sobre a terrena, influenciado pela Igreja. Nobres e camponeses eram parte de uma sociedade tripartida. A exploração dos camponeses frequentemente gerava revoltas, mas a nobreza guerreira, com sua superioridade militar, as suprimia. A luta dos camponeses era pela sobrevivência, agravada por condições adversas de trabalho e terra infértil. Com o tempo, houve melhorias nas técnicas agrícolas, como o uso de arados de ferro e moinhos, o que gradualmente melhorou suas condições de vida (Bakhtin, 1987). Sobre isso, Vauchez (1995) aponta:

> A Igreja tentava elevar um povo ainda rude e mal instruído além dos requisitos puramente materiais, fazendo-o pressentir a existência de uma realidade superior. Para isso, não hesitou em utilizar os recursos da arte, ao mesmo tempo expressão de uma vida espiritual intensa - a dos clérigos - e meio para os leigos vislumbrar a grandeza e a infinita riqueza do mistério divino (Vauchez, 1995, p. 164).

No século XII, conforme aponta Morais (2013), com os avanços da sociedade que aumentaram a produtividade agrícola tornou-se possível a expansão das terras cultiváveis. O crescimento populacional impulsionou o desbravamento de novas terras, envolvendo trabalhadores pobres e filhos mais jovens de nobres. Tantos senhores eclesiásticos quanto leigos apoiaram essa expansão para aumentar tributos, mas muitos direitos eram negados e a população vivia apenas com o mínimo necessário para sobreviver.

Monteiro (2022) aponta, em seus estudos, que a literatura medieval frequentemente ridicularizava os camponeses e reforçava a hierarquia social. Mesmo com as revoltas camponesas, que eram regularmente reprimidas pela nobreza, não havia melhorias nas condições de vida dos trabalhadores, que continuavam sujeitos ao trabalho árduo e ao alto valor dos tributos.

A guerra era um importante motor da economia medieval, complementando a agricultura e as exações. Através dos saques, obtinham-se recursos como ouro, prata, metais e escravos, essenciais para as necessidades dos nobres. O resultado era o movimento da economia e o aprimoramento das técnicas militares. Os escravos capturados nas guerras pertenciam ao grupo dos *laboratores* e eram tratados como propriedade dos senhores.

> Para compreender a Idade Média, temos que nos representar uma sociedade que vive de um modo totalmente diferente, donde a noção de trabalho assalariado e o mesmo em parte de dinheiro estão ausentes ou são muito secundárias. O fundamento das relações do homem para homem é a dupla noção de fidelidade, por um lado, de proteção e por assegurar- se a devoção a qualquer pessoa e espera-se dela a troca de segurança. Compromete-se, não atividade em função de um trabalho preciso, de remuneração fixa, mas a própria pessoa, ou melhor, a sua fé, em troca requerer-se subsistência e proteção em todos os sentidos da palavra (Pernoud, 1997, p. 27).

Nesse período, as relações de trabalho eram baseadas no uso da terra, sendo a servidão como ponto central das relações sociais, que envolvia a fé das pessoas. Os nobres eclesiásticos tinham uma situação financeira mais favorável devido às constantes doações à Igreja, enquanto a nobreza laica enfrentava dívidas crescentes. Com o fortalecimento das cidades, muitos camponeses abandonaram o campo para se tornarem burgueses, desenvolvendo novos ofícios[19]. Em vez de contratos assalariados, as relações eram fundamentadas na liderança baseada na fidelidade e na proteção, no contexto de sua própria fé. Em troca, esperavam receber proteção, subsistência e segurança, tanto em termos de necessidades materiais quanto de defesa física pelo senhor feudal. Esse sistema de liderança e proteção mútua permeava todos os níveis da sociedade medieval, criando uma rede de dependência que sustentava a organização social e substituía a ideia de um mercado de trabalho.

Os *ministeriales*, funcionários dos senhores, exploravam os camponeses para enriquecer, enquanto a nobreza tinha a obrigação de proteger seus servos, papel que ganhou importância durante as invasões *vikings* e sarracenas (Barros, 2018).

O nascimento e fortalecimento da cavalaria na sociedade feudal está diretamente ligado à riqueza acumulada pela nobreza através da exploração dos camponeses e à importância dos cavaleiros na defesa das terras e na aplicação da justiça. Com o fim das invasões bárbaras, a cavalaria passou a buscar novas formas de legitimação, como casamentos vantajosos e a participação em torneios. A Igreja condenava essas competições, temendo que os cavaleiros caíssem em tentação e pecado.

Os muçulmanos, que inicialmente atuavam como piratas no Mediterrâneo, também se fixaram em terra quando a pirataria deixou de ser lucrativa. Os magiares, por sua vez, realizavam ataques rápidos e violentos por terra, utilizando antigas estradas romanas (Bakhtin, 1987). Essas invasões, embora violentas, contribuíram para a formação de estados e

[19] Aspirando à função de mercador, começou a seguir o modo de vida de vendedor ambulante, aprendendo primeiro a ganhar em pequenos negócios e preços de coisas insignificantes (Espinosa, 1976, p. 108).

fortaleceram economicamente os invasores, que eram parte da aristocracia e das elites de suas regiões.

É nesse cenário de submissão aos valores da Igreja que pode ser destacado um fator relevante para a compreensão das dinâmicas sociais e políticas da época: a força militar da Igreja e seu papel na construção da Europa Ocidental Cristã, especialmente através da liderança de Carlos Magno. A Igreja Católica, além de sua influência espiritual, desempenhava um papel central na organização e expansão dos territórios sob sua jurisdição. Essa combinação de poder religioso e militar permitiu à Igreja moldar profundamente a estrutura sociopolítica da Europa medieval, conforme abordado na sequência.

2.3 Movimento literário na Idade Média: relação entre a igreja e a nobreza

Durante a Idade Média, a maioria da população era composta por pessoas analfabetas. Diante disso, os grupos precisavam encontrar formas de comunicar como deveria ser o comportamento da população nas relações sociais estabelecidas, além de mostrar as punições associadas aos vícios e as recompensas do paraíso (Morais, 2013). No caso da palavra falada, para que esta chegasse ao público-alvo, era necessário que o mensageiro a transmitisse ao maior número possível de pessoas e, para isso, a memória desempenhava um papel essencial, conforme nos lembra Le Goff (2003):

> Muitos dos homens da Idade Média são analfabetos, como é o caso da grande maioria dos leigos até ao século XIII. Nesse mundo de iletrados, a palavra tem uma força especial. Das pregações o homem medieval extrai noções, anedotas, instrução moral e religiosa. É certo que o texto escrito tem um grande prestígio baseado no prestígio das -Sagradas Escrituras- e dos clérigos, homens de escrita, a começar pelos monges, como o scriptorium —o lugar da escrita, o aposento essencial de todos os mosteiros — comprova. No entanto, o grande veículo de comunicação é a palavra. Isso pressupõe que a palavra seja bem conservada. O homem medieval é um homem de memória, de boa memória (Le Goff, 1994, p. 274).

Com o fenômeno histórico das invasões bárbaras, que culminaram na queda do Império Romano, a Igreja Católica foi a única instituição organizada que sobreviveu às invasões e ainda transformou os invasores em reis cristãos. Essa nobreza invasora não era culta e, no princípio, não dava valor às artes. Contudo o não conhecimento das artes e mesmo o não conhecimento dos processos de escrita, não foram fatores impeditivos para suas conquistas (Monteiro, 2022).

Dessa forma, as variadas expressões literárias na Alta Idade Média surgiram primeiramente dentro das paredes dos mosteiros das diferentes ordens religiosas e possuíam um caráter majoritariamente religioso, refletindo o ambiente de onde provinham. Outra questão a

ser levada em conta são os constantes fluxos migratórios, pelos quais a população europeia cruzava as fronteiras entre um reino e outro em busca de melhores condições de vida ou fugindo das constantes guerras (Duby, 2019).

Nota-se então que, com as guerras, havia constantes mudanças territoriais e a dissolução de alianças. Nesse sentido, "[...]a literatura medieval abunda em relatos de viagens ao outro mundo, sinal de que não se tratava apenas da fantasia de alguns poetas, mas da expressão presente da época" (Franco Júnior, 2006, p. 140). Essas narrativas, portanto, não eram meramente invenções poéticas, mas refletiam uma visão de mundo profundamente enraizada na sociedade. Essas histórias frequentemente exploravam temas de moralidade e julgamento, refletindo a forte influência da religião e as expectativas religiosas da sociedade; e a partir do século XII, com o surgimento de uma literatura mais laica, é possível verificar essa mudança: a literatura medieval começa a explorar histórias de cavalaria, amor cortês, e aspectos da vida cotidiana.

Conforme a burguesia ascendia socialmente, assim como as gestas exaltam a nobreza e o modo de vida feudal, a poesia alegórica passa a valorizar o trabalho (da burguesia) e a questionar o feudalismo e seus valores (Barros, 2012). Esses questionamentos são frutos de uma melhoria nas condições de vida das pessoas, do surgimento dos centros urbanos, do crescimento da importância do dinheiro e do surgimento das universidades leigas (Arias, 2016).

Portanto, a literatura medieval apresenta uma diversidade de manifestações que refletem as complexas dinâmicas sociais, culturais e religiosas da época. Entre as primeiras expressões literárias desse período destacam-se as canções de gesta, poemas épicos que narravam os feitos heroicos de cavaleiros e nobres. Essas canções eram inicialmente transmitidas oralmente, mas, com o passar do tempo, foram registradas por escrito, preservando o uso do verso para facilitar a memorização e a transmissão das histórias. "Seu primeiro momento era oral, passando depois à escrita séculos mais tarde" (Vassallo, 1984, p. 04).

Outro gênero significativo é a poesia alegórica[20], que utiliza simbolismos e metáforas para representar conceitos abstratos e valores morais. Esse tipo de poesia permite uma interpretação mais profunda das obras, onde personagens e eventos simbolizam ideias maiores, como a virtude, a justiça e a fé. A poesia alegórica, portanto, não apenas entretém, mas também educa e moraliza, alinhando-se com os objetivos didáticos da literatura medieval. "Ela é um procedimento construtivo, constituindo o que a Antiguidade greco-latina e cristã, continuada

[20]É um procedimento intencional do autor do discurso, estética, dinâmica, descritiva ou narrativa. Há duas alegorias do poeta: uma maneira de falar e escrever: como a interpretação dos teólogos, que é um modo de entender e decifrar (Hansen, 2006, p. 13).

pela idade média, chamou de alegoria dos poetas, expressão alegórica, técnica metafórica de representar e personificar abstrações" (Hansen, 2006, p. 12-13).

Essa diversidade de gêneros e estilos literários contribui para a riqueza da literatura medieval, proporcionando múltiplas perspectivas sobre as normas e valores sociais. Ao compreender as características específicas de cada gênero, é possível apreciar melhor como a literatura medieval não apenas refletia a realidade de seu tempo, mas também influenciava e moldava as relações humanas e a estrutura social da Europa Ocidental.

Para Le Goff (2010), um exemplo emblemático desse gênero é *A Canção de Rolando*, que narra a derrota de Rolando, sobrinho de Carlos Magno, em Roncesvales. A obra, composta por cerca de 4.002 versos, retrata não apenas os valores da época, mas também a justiça divina, punindo os traidores como Ganelão, o padrasto de Rolando. "Ganelão morreu como um infiel e covarde. Quando um homem trai o outro, não é justo que possa se vangloriar" (Vassallo, 1984, p. 117, versos 3960-3974). Trair os valores de fidelidade e amizade ao senhor e rei resulta na condenação e na perda de honra, e a morte, como exemplificado pela figura de Ganelão. Traidores eram vistos como indignos. E a justiça divina retribuía a traição com punição, pois as ações desleais não passariam impunes. Ao morrer como "infiel e covarde", Ganelão[21] representa a quebra de laços essenciais no sistema feudal sobre os valores virtuosos como a fidelidade.

As canções de gesta frequentemente exploram o contratualismo, o belicismo e a religiosidade, refletindo o contexto feudal onde a luta em nome de Deus e do senhor feudal era vista como o maior dever de um cavaleiro.

> O conde Rolando se bate. Mas tem o corpo banhado de suor e ardendo em febre. Tem dores de cabeça e sofre muito. Ele rompeu as têmporas ao tocar a trompa. Mas quer saber se Carlos virá: Senhores, desgraça para nós! Rolando meu sobrinho nos dias de hoje nos deixa. Pelo som compreendo que ele não tem muito mais vida; quem quiser chegar lá que apresse o cavalo! Tocai todos os clarins quantos houver nesse exército. Sessenta mil clarins soam, tão alto que os montes ecoam pelos vales respondem. Os pagões ouvem e não tornaram a coisa como brincadeira. Um diz ao outro: "Logo Carlos estará em cima de nós (Vassallo, 1984, p. 71, versos 2099 a 2174).

A passagem retrata a coragem de Rolando na batalha e sacrifício extremo, e que mesmo à beira da morte ele continua lutando e tocando a trompa para tentar chamar ajuda. Esse ato

[21] Ganelão é apresentado como o oposto de Rolando; sua traição reflete fraqueza, desonra. O embaixador Ganelão negocia secretamente com os sarracenos, oferecendo-lhes uma oportunidade de atacar o exército francês e trama contra Rolando, sendo uma traição dupla, pois Ganelão não apenas age contra seu próprio padrasto, mas também conspira com os inimigos da fé cristã.

demonstra a dedicação extrema ao seu dever e ao seu rei, Carlos Magno. Essa luta é enaltecida como uma batalha do bem (Cristianismo) contra o mal (inimigos pagãos), e mostra também os deveres dos cavaleiros. Expressa o temor que o exército cristão inspira nos inimigos e valoriza a superioridade do poder militar e espiritual dos franceses. As canções de gesta frequentemente exploram o contratualismo, o belicismo e a religiosidade, refletindo o contexto feudal onde a luta em nome de Deus e do senhor feudal era vista como o maior dever de um cavaleiro, e a guerra como um caminho legítimo para defender a honra e a fé.

Além da França, onde surgiram os ciclos carolíngio, as canções de gesta também apareceram em outras regiões da Europa, como na Alemanha, com *O Anel dos Nibelungos*, e na Espanha, com *O Cantar de Mio Cid*. Esses textos literários não apenas glorificavam as proezas militares, mas também reforçavam a ideia de que a luta contra os inimigos da fé cristã era uma missão sagrada, digna de grande honra. No fim, a literatura de ficção na Idade Média, particularmente as canções de gesta, desempenhou um papel crucial na formação da identidade e dos valores da nobreza medieval, perpetuando a importância da fidelidade, da coragem e da guerra em nome da fé cristã (Santos, 2016). Apresentaram uma luta contra os inimigos da fé cristã como uma missão sagrada e honrosa, fortalecendo os valores da nobreza medieval, a coragem e o compromisso de defender a fé cristã.

O próximo subitem ocupa-se das principais transformações no ciclo carolíngio, pois é fundamental investigar esse período, uma vez que o poema da literatura medieval incorpora referências históricas e religiosas significativas, além de refletir as profundas transformações sociais resultantes desse momento histórico e de visão de mundo.

2.4 Considerações sobre as transformações no ciclo carolíngio

Para o objeto de nosso estudo, faz-se necessária uma pesquisa sobre o período carolíngio, visto que o poema da literatura medieval abarca informações de referências históricas e religiosas e de profundas mudanças nesse processo de crescimento das cidades. No entanto, antes de tratar do período carolíngio, torna-se necessário apresentar o período que o antecede, marcado pela dinastia merovíngia (478-751), pois sua constituição e o posterior processo de desmoronamento dessa dinastia marcou o início do reinado de Carlos Magno.

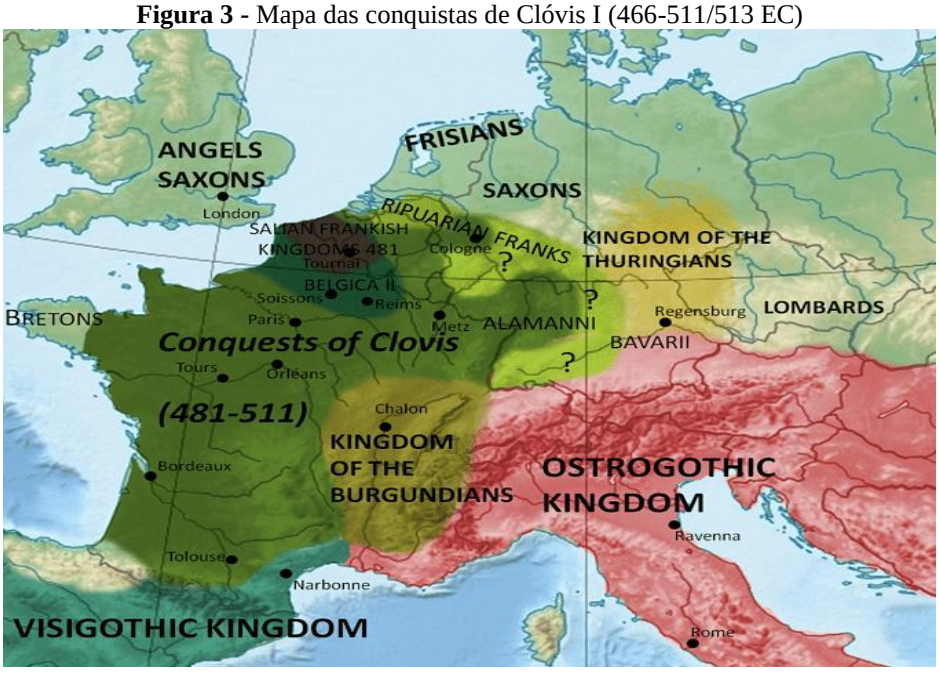
A dinastia merovíngia foi marcada pela dinastia franca, em que o rei ocupava a primazia do posto, sendo responsável pelos desenvolvimentos da guerra. Dentro dos castelos, havia prefeitos que cuidavam da administração do território.

Clóvis[22] (466- 511) foi o primeiro rei da dinastia merovíngia, em 481. Segundo Cruz (2013), não era cristão, mas foi convertido pelo próprio Deus sem intermediação dos bispos, destinado a realizar a defesa da Igreja, sendo seu batismo um momento de fé e de conversão. Sobre isso, o autor destaca:

> A narrativa do episódio do batismo de Clóvis é marcada pelo Providencialismo. A conversão do rei dos Francos não é resultado da atuação do bispo Remígio, apesar deste ser exaltado por Gregório de Tours como um grande orador, mas sim da intervenção direta de Deus que se manifesta por meio do povo (populus no original). Portanto, a conversão de Clóvis é uma obra direta de Deus, sem intermediação de nenhum clérigo, o que faz do monarca um ser especialmente escolhido e, por conseguinte, destinado a realizar grandes proezas, principalmente em defesa da Igreja e do cristianismo. Esta expectativa se traduz quando Gregório de Tours descreve o rei dos Francos como um novo Constantino (Cruz, 2013, p. 157).

Segundo Wasson (2014), Clóvis aumentou a supremacia da Gália, mesmo tornando-se rei tão jovem aos 15 anos de idade. Com o seu batismo e conversão e com o apoio cristãos através de sua conversão, ele continuou a guerra com os visigodos e saiu vitorioso, realizando grandes conquistas. Governou todas as tribos francas enquanto estava vivo, sendo considerado, então, o fundador da França. Ele teve muitas conquistas no seu reinado, como mostra o mapa na Figura 3, "Mapa das conquistas de Clóvis I (466-511/513 EC)", em que se exibe a expansão de seu reino após vitórias decisivas na Gália, estabelecendo as bases para o futuro reino franco.

Figura 3 - Mapa das conquistas de Clóvis I (466-511/513 EC)



[22] Ele é rei no império, em nome do imperador. É rei dos francos, mas rei numa Gália em que a unidade e a fé já são uma garantia de legitimidade (Favier, 2004, p. 20).

Fonte: "Conquests of Clovis I". World History. Disponível em: https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-724/clovis-i/. Acesso em: 10 set. 2024.

Cabe ressaltar também que, no período merovíngio, os cânones dos concílios[23] foram fundamentais para as condutas dos clérigos, transpondo os limites das províncias. Sua aliança com a Igreja Católica foi relevante, visto que seu batismo cristianizou a família.

> Os canônes dos concílios merovíngios são fontes fundamentais para a história da Gália durante os séculos VI e VII. Eles fixavam a regra de conduta dos clérigos. As exortações e as regras estabelecidas por esses documentos estavam dirigidas à sociedade da Gália Merovíngia e veiculavam um projeto de organização social e política de Regnun Francorun. (Silva, 2006, p. 102).

Mesmo com a morte de Clóvis[24] no ano de 511, seus filhos e netos seguiam no reinado. No entanto, havia uma pluralidade de reis que se fragmentava pelas partilhas. Conforme Favier (2004), Clóvis foi um chefe bárbaro que mantinha a ordem das províncias. Ele foi o senhor da Aquitânia até os Pirineus e era considerado rei no Império. Então, com sua morte, houve grandes mudanças.

Vale salientar também que o poder que unia a sociedade franca estava estabelecido pela Igreja, mesmo que, nesse contexto, existisse uma competição entre os bispos e abades. Eis que foi estabelecida nesse período a divisão das riquezas no interior de cada reino "[...] e o resultado foram guerras civis endêmicas e a impossibilidade de alcançar uma verdadeira unidade política. O desmoronamento foi rápido" (Rops, 1991, p. 387).

Os bispos, especialmente, tinham uma autoridade que transcendia o religioso, frequentemente atuando como conselheiros reais e administradores de terras. Contudo, essa influência também gerava rivalidades internas. Abades e bispos competiam pelo controle de recursos e pela influência sobre a nobreza, o que enfraquecia a coesão interna da Igreja e, por extensão, do reino (Greenfield, 2004).

Observa-se que a distribuição desigual de recursos e a rivalidade entre os senhores feudais criaram um ambiente propício para conflitos internos. Em vez de alcançar uma unidade política sólida, esses reinos enfrentaram dificuldades em manter a coesão. Isso é uma

[23] Os concílios eram o ordenamento sobre a relação da autoridade real entre Igreja e sociedade, e os princípios que regem as relações hierárquicas dos príncipes merovíngios.

[24] Após a morte de Clóvis I, o reino franco foi dividido sucessivas vezes por seus herdeiros, conforme era o costume franco. Praticamente o governo era exercido pelos Mordomos do Paço (uma espécie de primeiro-ministro), até que em 679, um Mordomo do Paço, Pepino de Eristau, conseguiu que os poderes dos mordomos passassem a ser hereditários. Em meados do século VIII, seu filho Pepino, o Breve, depôs o último rei merovíngio, dando início assim à dinastia carolíngia com Carlos Magno. (Santos, 2016, p.13).

característica típica do feudalismo, em que o poder estava descentralizado e os laços de lealdade eram pessoais, em vez de centralizados em um poder estatal.

O "desmoronamento" mencionado por Rops (1991) refere-se à rápida desintegração da estrutura política franca. Sem uma unidade política forte, os reinos estavam vulneráveis a invasões externas e à instabilidade interna. A falta de uma autoridade central forte e significativa possibilitava aos senhores feudais locais liberdade para agir de acordo com seus interesses, muitas vezes em detrimento da estabilidade do reino como um todo.

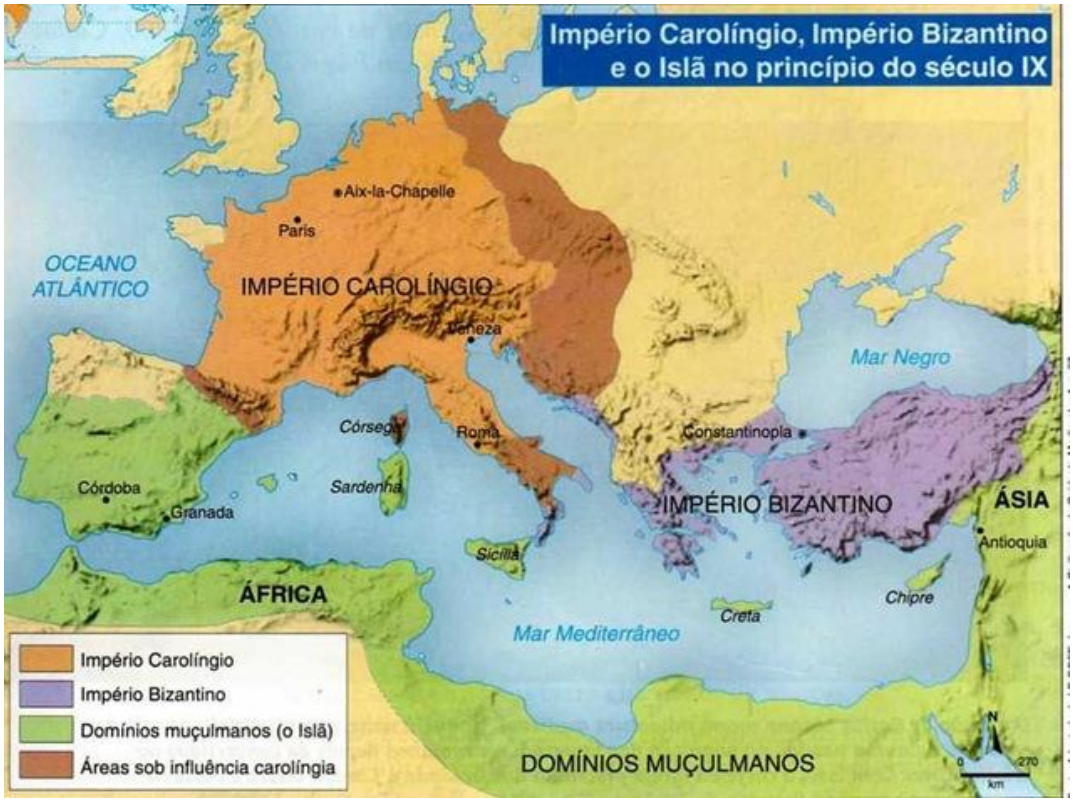
O ciclo merovíngio[25] perdurou por mais de 200 anos até a chegada do ciclo carolíngio, que aconteceu com o enfraquecimento da dinastia dos merovíngios, apresentada anteriormente, momento em que os reis não estavam mais preocupados em governar e, desse modo, a decadência alastrou-se dando lugar a uma nova forma de organização social.

O ápice do ciclo carolíngio foi o reinado do neto de Carlos Martel, Carlos Magno, que expandiu significativamente o território e foi coroado Imperador do Sacro Império Romano-Germânico em 800. Foi o responsável pela revitalização cultural e educativa, conhecida como renascimento carolíngio, que marcou o ressurgimento das artes e da educação sob os auspícios da Igreja. Conforme aponta Franco Júnior (2006), as últimas décadas do século VIII e as primeiras do século IX foram marcadas por uma estreita relação entre Estado e Igreja. Nesse período, era possível dizer que o homem era temeroso em sua fé, extremamente religioso e estava circundado pelas transformações culturais.

No mapa da Europa, na figura 4 na próxima página, apresenta-se o início do século IX, onde se destacam os principais domínios do Império Carolíngio, Império Bizantino e territórios sob controle muçulmano. Dessa forma, é possível verificar a extensão do Império Carolíngio sob Carlos Magno, que se estende da Península Ibérica até a Itália e partes da Alemanha, assim como o Império Bizantino ao leste e as áreas de influência muçulmana no sul.

Figura 4 - Principais domínios do Império Carolíngio

[25] A civilização medieval guardara aí toda uma gama de gestos: eles irão desde a entrega de um torrão por aquele que vende um terreno até a homenagem feita por um vassalo ajoelhado colocando suas mãos sobre as do senhor. Do sinal da cruz, que assume no século VIII sua importância na liturgia e devoção (Favier, 2004, p. 39).



Fonte: "Conquests of Clovis I". World History. Disponível em: https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-724/clovis-i/. Acesso em: 10 set. 2024.

O movimento cultural carolíngio contribuiu para acentuar o poder da Igreja sobre a sociedade medieval. Os membros do clero, cada vez mais cultos, passaram a sentir-se investidos do poder para determinarem as "boas obras" (mais tarde inscritas no pensamento tomista), bem como para discernir entre o certo e o errado. Durante o período, não por acaso, boa parte das escolas derivadas do movimento carolíngio foram organizadas nos mosteiros e igrejas, apesar da excelência da Escola Palatina organizada pelo próprio imperador (após 800 d. C.) na capital Aix-la-Chapelle1 (Vieira, 2010, p. 83).

Durante o renascimento carolíngio, Vasconcelos (2018) observa que houve um grande investimento na educação e na preservação do conhecimento. Carlos Magno via a cultura e a educação como ferramentas para unificar e fortalecer seu vasto império[26]. No entanto, esse esforço não foi apenas secular; a Igreja desempenhou um papel central nesse processo. Os membros do clero, como bispos, monges e abades, passaram a ser os principais guardiões e

[26] Do final do século XI até o século XIII, Carlos Magno foi um dos chefes, um dos protetores da aventura dos cruzados cristãos. Neste sentido, certamente foi grande a influência das obras literárias de sucesso, tais como *A Canção de Rolando* e *Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem et à Constantinople* (A peregrinação de Carlos Magno a Jerusalém e Constantinopla). Carlos Magno foi o herói de uma cristandade mítica e chegou até a escapar do espaço propriamente cristão, indo parar na Espanha, no mundo bizantino, na Palestina muçulmana (Le Goff, 2013, p. 39).

disseminadores do conhecimento. Isso deu à Igreja um poder imenso, não apenas no âmbito religioso, mas também cultural e político (Silva Hoffmann, 2010).

Ainda na fase do carolíngio a educação era majoritariamente controlada pela Igreja, o que permitiu ao clero moldar a sociedade de acordo com os princípios cristãos. A ideia das "boas obras", ou seja, a capacidade de discernir entre o certo e o errado, conceitos que mais tarde seriam formalizados na teologia tomista, ganhou força à medida que o clero se tornou mais erudito e influente.

Silva Hoffmann (2010) evidencia que a moralidade e a ética da sociedade medieval foram, em grande parte, definidas pela Igreja, o que reforçou seu domínio sobre as mentes e comportamentos dos indivíduos. Grande parte das escolas surgidas durante o movimento carolíngio estava associada a mosteiros e igrejas. Os mosteiros eram os principais centros de aprendizado, onde os monges dedicavam-se à cópia de manuscritos e à preservação do conhecimento clássico e cristão. As escolas monásticas foram fundamentais para a formação do clero e, em alguns casos, para a educação de leigos, principalmente os filhos da nobreza (Júnior; Jakubecki, 2021).

Esses centros de aprendizado não apenas preservavam o conhecimento, mas também o transmitiam de uma forma que reforçava a posição da Igreja na sociedade. A teologia, a filosofia e a moral cristã estavam no cerne do currículo dessas escolas, o que significava que a visão de mundo da Igreja era perpetuada e fortalecida (Vasconcelos, 2018).

A Escola Palatina, fundada por Carlos Magno em sua capital Aix-la-Chapelle (Aachen), foi uma exceção notável. Sob a orientação de eruditos como Alcuíno de Iorque, a Escola Palatina buscava criar uma elite culta que pudesse auxiliar na administração do império e na implementação das reformas de Carlos Magno (Júnior; Jakubecki, 2021). Embora fosse uma instituição de grande prestígio, destinada a formar a aristocracia e altos funcionários do império, ela não estava totalmente desvinculada da influência e dos objetivos da Igreja (Vitoretti, 2004).

Mesmo com a excelência da Escola Palatina, a maior parte da educação e da vida intelectual continuava centrada nos mosteiros e igrejas. A Igreja, portanto, manteve seu papel central na educação e, por consequência, na definição da cultura e dos valores da sociedade medieval (Morais, 2013). O renascimento carolíngio não só revitalizou a vida intelectual da Europa, mas acentuou o poder da Igreja sobre a sociedade medieval. Ao monopolizar a educação e a disseminação do conhecimento, o clero colocou-se em uma posição de poder que transcendeu a esfera religiosa, moldando a moralidade, a cultura e as normas sociais da época. O impacto desse movimento perdurou por séculos, consolidando a Igreja como a principal autoridade moral e intelectual do Ocidente medieval.

O próximo subitem aborda a educação do século XII e o modelo de cavaleiro, elementos essenciais para compreender a formação das elites sociais e as reorganizações das relações humanas. A educação na Europa medieval passou por um período de intensas transformações e inovações, que refletiram as mudanças nas esferas sociais, políticas e culturais. Entre os nobres, o cavaleiro, por exemplo, recebeu uma educação particular que abrangia tanto o preparo militar quanto a formação social e moral, adequada às suas responsabilidades.

2.5 Educação do século XII e o cavaleiro: apontamentos

A educação do século XII, na Europa medieval, foi marcada por um período de grandes transformações e inovações. Durante esse tempo, dois grandes grupos sociais emergiam como figuras centrais: o clero e a nobreza, cada um com um papel distinto e uma educação própria. Entre esses, o cavaleiro, membro da classe nobre, tinha um tipo específico de formação, que refletia tanto suas responsabilidades militares quanto suas funções sociais e morais (Perin; Oliveira, 2002).

Vale retomarmos o entendimento de que, no século XII, a Europa vivia um período de transição e crescimento. O renascimento urbano e a revitalização do comércio estimularam novas formas de organização social e cultural. Morais (2013) frisa que a educação, que havia sido predominantemente monástica e eclesiástica até então, começou a expandir-se para fora dos muros dos mosteiros. Desse modo, surgiram as primeiras universidades, como as de Bolonha e Paris, que começavam a atrair estudantes de diferentes partes do continente.

Entretanto, como compreendido por Zierer (2015), o sistema educacional não era homogêneo, variando amplamente dependendo da classe social e do gênero. Enquanto a educação formal, voltada para o clero e para os intelectuais, ganhava força, a educação da nobreza, especialmente a dos cavaleiros, seguia um caminho diferente, centrado na preparação para a guerra e na administração de propriedades. “Carlos Magno teve a preocupação de administrar e governar com eficácia o imenso espaço. Embora os atos governantes continuassem sobretudo orais, o uso da escrita foi estimulado, e um dos principais objetivos do renascimento cultural era aperfeiçoar” (Le Goff, 2005, p. 43).

Sousa, Briscola e Silva (2021) explicam que a formação de um cavaleiro começava cedo, geralmente por volta dos sete anos de idade, quando o jovem nobre era enviado para servir como pajem em uma casa senhorial. Nessa fase inicial, a educação era prática e centrada em habilidades fundamentais, como cavalgar, manejar armas leves, caçar e aprender as regras básicas da etiqueta e do serviço. O convívio com o senhor e a dama da casa proporcionava ao

pajem um modelo de comportamento cavalheiresco, onde a lealdade, a coragem e o respeito pelas mulheres eram enfatizados (Duby, 2019). Ele seguia um processo estruturado para a aprendizagem de ser cavaleiro:

> A ciência e a escola da Ordem da cavalaria é que o cavaleiro faça que ensine a cavalgar seu filho já em sua juventude; pois se o infante em sua juventude não aprender a cavalgar não poderá aprender em sua velhice. E ao filho do cavaleiro convém que enquanto escudeiro, saiba cuidar do cavalo. E ao filho do cavaleiro convém que antes seja súdito, que saiba servir ao senhor (Llull, 2019, p. 19).

O ritual de sagração, que transformava o escudeiro em cavaleiro, era carregado de simbolismo religioso e cultural. Após um período de vigília, confissão e oração, o jovem era armado cavaleiro em uma cerimônia solene, onde recebia suas armas e fazia um juramento de lealdade ao seu senhor e à defesa dos fracos e oprimidos, especialmente à Igreja. Esse juramento refletia o ideal de cavalaria, que combinava destreza militar com virtudes morais e espirituais (Zierer, 2015), sendo que "[...] a importância que reveste para os mais elevados senhores sua entrada na cavalaria, a investidura de cavaleiro, o armamento" (Duby, 2019, p. 86).

Figura 5 - Investidura do cavaleiro

Fonte : Domínio Público. Disponível:. Disponível em: https://medievalimago.org/2013/10/16/ritual-de-investidura-de-um-cavaleiro-do-seculo-xii/.Acesso em: 15 out. 2024.

A investidura dos cavaleiros era considerada um ritual solene e, a partir daquele momento, eles defenderiam sua fé e compromisso de justiça e sua dedicação ao código de honra do cavaleiro, da nobreza e da coragem. "E se tu morreres para manter a cavalaria, então a cavalaria está em ti, como aquilo que mais podes amar" (Llull, 2000, p. 35). Vale dizer que

esses pontos acima mencionados mostram que, ao usar a obra de Ramon Llull, mesmo pertencendo a um contexto histórico diferente, faz-se relevante, pois compartilha temas e objetivos com *A Canção de Rolando*, com conexões entre literatura, filosofia e religião ao explorar conceitos de fé, ética, heroísmo, martírio, simbolismo. Além disso, também valorizava a dedicação a Deus, que é central na *Canção de Rolando*, utilizando esses elementos para fortalecer valores e ensinamentos cristãos e cavaleirescos que se apresentam em sua obra[27].

A educação dos cavaleiros não se limitava às habilidades militares e à administração. Havia também um componente cultural significativo. Na corte, o cavaleiro era exposto à literatura, à música e às artes, que eram valorizadas como parte do ideal de cortesia. Os trovadores e poetas, que exaltavam os feitos heroicos e os ideais do amor cortês, influenciaram a mentalidade e o comportamento dos cavaleiros. Através dessas manifestações culturais, o cavaleiro aprendia não apenas a lutar, mas também a comportar-se de maneira digna e nobre, sendo um exemplo para os demais (Sousa, Briscola e Silva, 2021).

Embora o ideal da cavalaria fosse exaltado na literatura e na tradição, a realidade do cavaleiro medieval nem sempre correspondia a esse modelo idealizado. Muitos cavaleiros agiam por interesse pessoal, envolvidos em saques, pilhagens e em disputas locais (Perin; Oliveira, 2002). A educação militar e moral recebida, embora fundamental, nem sempre era suficiente para garantir a conduta ética. No entanto, a existência desse ideal de cavalaria influenciava profundamente a cultura e a sociedade da época, servindo como um padrão de comportamento ao qual muitos aspiravam (Silva, 2011).

A educação do século XII, especialmente a dos cavaleiros, foi uma expressão do contexto social e cultural de uma Europa em transformação. Combinando treinamento militar, aprendizado moral e cultural, a formação dos cavaleiros refletia as necessidades de uma classe nobre que se via como protetora da ordem feudal e defensora da fé cristã. Através dessa educação, a figura do cavaleiro emergiu como um símbolo central da Idade Média, representando tanto os valores de sua época quanto os desafios e contradições de um mundo em constante mudança.

> O mais importante para o futuro europeu do fenômeno da cavalaria é a formação, desde a Idade Média, de um mito do cavaleiresco. O mito do cavaleiro começou a ser orquestrado nas canções de gesta. Os dois aspectos do cavaleiro, a proeza militar e a piedade, incarnaram-se, desde o fim do século XI (Le Goff, 2010, p. 83).

[27] O livro da Ordem de Cavalaria.

Os estudos de Medeiros (2013) mostram que o mito da cavalaria é um dos legados culturais mais significativos da Idade Média europeia, cujas origens e desenvolvimento têm raízes profundas na sociedade medieval. A formação desse mito não foi apenas um reflexo das realidades sociais e militares da época, mas também um processo de construção cultural e literária que começou a ser delineado nas canções de gesta, textos épicos que glorificavam os feitos heroicos dos cavaleiros e os valores que eles supostamente representavam (Jesi, 2014). Os cavaleiros não abandonavam as batalhas, ainda que precisassem morrer, como se apresenta em *A Canção de Rolando.*

> Vi os pagãos, jamais na terra se viu em maior quantidade. São cem mil diante de nós, com escudos, elmos presos e alvas cotas de malhas, dardos firmes, brilhantes lanças brunidas! Tereis uma batalha como jamais houve. Senhores franceses, que Deus vos de força; sede firmes no combate, para que não sejamos vencidos!" os franceses dizem: Maldito seja quem fugir! se for preciso morrer, nenhum de nós faltará!" (Vassallo, 1984, p. 45, versos 1039-1048).

As canções de gesta, recitadas por trovadores e menestréis, celebravam as proezas militares de grandes heróis e cavaleiros, como o lendário Rolando, na *Chanson de Roland*. "Na canção de Rolando, por volta de 1100, completava-se a cristianização feudal" (Franco Júnior, 2006, p. 114). Através dessas narrativas, os cavaleiros eram retratados não apenas como guerreiros invencíveis, mas como figuras de profunda devoção religiosa e de nobreza moral. Assim, o mito do cavaleiro foi construído em torno de dois pilares principais: a proeza militar e a piedade cristã. Essa dualidade era fundamental para a imagem do cavaleiro idealizado na Idade Média (Medeiros, 2008).

Para Souza e Carneiro (2014), o mito foi perpetuado em diferentes formas ao longo da história, desde os romances arturianos até as novelas de cavalaria do Renascimento, e mesmo na cultura contemporânea, na qual a figura do cavaleiro continua a ser evocada como um símbolo de honra, coragem e justiça. Estavam presentes as virtudes[28] como essenciais aos cavaleiros para seguirem o caminho do bem, ou seja, o caminho virtuoso, que são valores necessários para as relações humanas; eles tinham um olhar protetor para com o outro quando passavam, com senso de dever e proteção, zelando pelo outro, há uma manifestação visível de defensor do reino e da ordem.

> Pelos desfiladeiros da Espanha passou Rolando, montado em seu bom cavalo de batalha, ele veste armas que lhe assentam muito bem, vai o bravo, empunhando na mão a lança cujo ferro está voltado para o céu, a qual leva no

[28] Há duas espécies de virtude, intelectual e moral; a primeira gera-se e cresce graças ao ensino — por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, (Aristóteles, 1991, p. 27).

> ápice um estandarte todo de branco; as franjas encostam na mão dele; Rolando tem o porte nobre, o rosto claro e sorridente. Seu companheiro Oliver o segue e todos os de França saúdam Rolando como seu protetor (Vassallo,1984, p. 48, versos 1152 a 1169).

A persistência do mito do cavaleiro ao longo dos séculos evidencia não só uma fascinação com o ideal de nobreza, mas também uma contínua necessidade cultural de heróis que personificam valores como honra, coragem, justiça e amizade. Esses valores, embora moldados por contextos históricos distintos, ressoam com a eterna busca humana por figuras exemplares.

> Esse mito cavaleiresco foi, se não criado, pelo menos propagado por uma literatura especializada; e aqui é o lugar de marcar quanto, na herança que a idade média legou à Europa, a literatura tem um grande lugar. O mito do cavaleiro começou a ser orquestrado nas canções de gesta. Os dois aspectos do cavaleiro, a proeza militar e da piedade, incarnaram-se, desde o fim do século XI, nos dois heróis da *A Canção de Rolando.* Os cavaleiros são louvados aí como os grandes servidores dos reis, graças às virtudes cavaleirescas, a valentia guerreira ao serviço da fidelidade vassálica (Le Goff, 2010, p. 83).

Dessa maneira, Le Goff (2006), ressalta que o mito cavaleiresco propagado pela literatura medieval deixou um legado na cultura europeia, na qual o ideal de coragem e virtude continuou a influenciar a percepção da cavalaria e a cultura por séculos. Dessa maneira, a literatura medieval não era apenas entretenimento da oralidade, mas um instrumento poderoso na construção da identidade e dos valores cavaleirescos relevantes para a educação, as relações humanas e a civilização de costumes.

Refletindo sobre a educação no século XII e o papel dos cavaleiros, esse sistema formativo para a reorganização da sociedade articulava-se para moldar a identidade e os valores da nobreza medieval concernente aos valores morais e virtudes, tornando o cavaleiro não apenas um guerreiro, mas também um modelo de comportamento ético e religioso, alinhado com os ideais de justiça, amizade e coragem.

Na perspectiva da longa duração, as virtudes idealizadas em narrativas, como nas canções de gesta, consolidaram-se como um símbolo de formação humana que é valorizada até hoje. Vale dizer também que o mito do cavaleiro se admite como uma herança cultural vinculada a grandes acontecimentos históricos, que se faz presente para uma reflexão sobre esses valores por todo o sempre.

O próximo capítulo trata da análise da obra *A Canção de Rolando*: o ensino de virtudes tem como foco apresentar as virtudes presentes nessa obra nascida na tradição oral e faz uma reflexão sobre o herói e as virtudes que se complementam em ações e atitudes por meio de

batalhas, de modo que os valores estão acima de todas as atitudes, mediadas pela honra e devoção ao rei, mesmo que isso termine com o fim da própria vida, defendendo a justiça, amizade e assumindo a coragem como uma linha de conduta na proteção do outro.

3 ANÁLISE DA OBRA *A CANÇÃO DE ROLANDO*: O ENSINO DE VIRTUDES

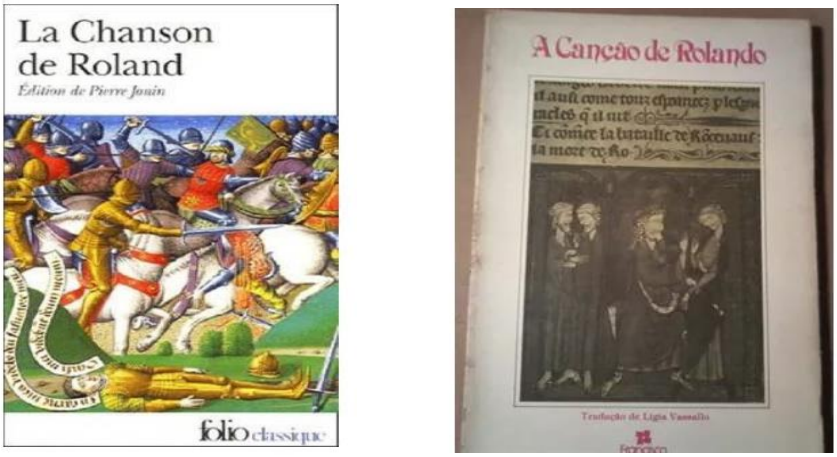
A Canção de Rolando é mais que uma narrativa épica medieval; é uma construção literária que reflete os valores fundamentais da sociedade feudal cristã. Neste capítulo, investigamos como as virtudes exaltadas na obra – amizade, coragem e justiça – não apenas moldam os personagens, mas servem como pilares éticos para a organização social. Por meio dessa análise, buscamos compreender como essas virtudes dialogam com as práticas educacionais e sociais da Idade Média, fornecendo subsídios para a reflexão sobre a formação humana.

É relevante destacar, em primeiro lugar, que a obra escolhida para o trabalho estudado, *A Canção de Rolando*, é uma das mais importantes da literatura medieval. Ela nasce na oralidade, permeada por questões históricas, sociais, políticas, religiosas, éticas, concernentes a valores entre senhores e vassalos nos quais se destacam as virtudes, direitos e deveres que, de maneira geral, são vislumbrados no Cristianismo e no ideal do cavaleiro[29]. Vale ressaltar também que a *A Canção de Rolando* "[...] não se trata de um texto histórico, mas de uma

[29] Pelos cavaleiros deve ser mantida a justiça, porque, assim como os juízes têm o ofício de julgar, assim os cavaleiros têm o ofício de manter justiça. E se o cavaleiro e letras pudessem convir tão fortemente que o cavaleiro pela ciência bastasse para ser juiz deveria ser o cavaleiro, aquele por quem a justiça pode ser mantida é mais conveniente para ser juiz que outro homem; com o que é conveniente que o cavaleiro seja juiz (Llull, 2000, p. 29).

reelaboração dos dados reais do século VIII a partir da ideologia e da vivência dos séculos XI ao XII" (Vassallo, 1984, p. 8). Era a reinterpretação dos fatos históricos associados à luz da ideologia da época que estavam interligados aos valores do contexto social, político e religioso dos valores cristãos.

Figura 6 - *A Canção de Rolando*



Fonte: Disponível em: https://www.yumpu.com/pt/document/view/14319828/a-cancao-de-rolando e https://www.traca.com.br/livro/1149331/. Acesso em: 01 out. 2024.

Na obra das ilustrações acima, as canções de gesta são parte integrante e, segundo Arias (2015), são um gênero literário poético corrente nas regiões que compunham o reino da França, entre o século XI e o século XV. O período áureo dessa poesia coincidiu com o governo da dinastia conhecida como dos Capetos diretos, cujo reinado e sucessão de pai para filho persistiu sem interrupção de 987 até 1328. Criadas e difundidas nos diversos senhorios territoriais da França, em especial no norte do reino, as canções de gesta tratavam, em seus enredos, de vários problemas de ordem moral e política vigentes na época.

Receberam o nome de canções de gesta, ainda conforme Arias (2016), os cerca de cem poemas conhecidos, cujas características particulares identificavam-nos como um grupo diferenciado frente às outras formas literárias em língua vernácula surgidas nas regiões que constituíam o reino da França, na Idade Média Central. A palavra latina *gesta* era um neutro plural e pode ser traduzida por "coisas ou ações realizadas"; referia-se principalmente aos feitos heroicos dos antepassados.

> O termo gesta é um neutro plural latino significando "coisas feitas", mas passou logo a ser percebido como um feminino singular com o sentido de história. Trata-se, portanto, de um poema ou conjunto de poemas cujos temas se referem a um mesmo grupo lendário ou de protagonistas, daí serem concebidos em ciclos. Eles partem de um personagem ou acontecimento real, adulterado pela lenda e transmissão oral, o que se atesta pelas inúmeras versões de cada história. Seu núcleo reside em efemérides belicosas ocorridas na Alta Idade Média, período de grandes invasões e de lutas pela conquista do

> território. Seu primeiro momento é oral (Vassallo, 1984, p. 84).
> .

Cabe ressaltar que *A Canção de Rolando* é considerada como parte das canções de gesta, pois faz a narração de atos heroicos, tendo como protagonista Rolando, e exaltando os valores da cavalaria medieval, como por exemplo as virtudes da amizade, coragem e justiça e de preservação da memória histórica e cultural da identidade de um povo, transmitidas pela oralidade.

O estudo da literatura medieval na canção de gesta contextualiza-se em manuscritos antigos em "[...] versos históricos em assonância em vogais de 10 a 12 sílabas em estrofes, com sua origem na tradição oral cantadas para vários públicos na forma de jograis com os trovadores e divididos em 4 partes[30]" (Jonin, 2006, p. 20). É importante destacar que, nas canções de gesta, os cavaleiros são os heróis exaltados por sua coragem e honra, que consistiam em suas virtudes e no seu devotamento à religião. "Na *Canção de Rolando, o*corre o sacrifício do herói que antes de morrer entoa uma canção de amor a sua espada durandal e oferece sua luva a Deus erguendo-se ao céu que se abre para uma multidão de anjos" (Cardini, 1989, p.60). O sacrifício é apresentado como um ato de fé e entrega, reforçando as virtudes do herói medieval que, em símbolo a sua coragem, seria capaz de perder sua vida em nome da batalha.

> O conde Rolando tem a boca ensanguentada e em sua testa a têmpora se rompeu; ele toca o olifante com dor, com angustia. Carlos ouve seus franceses também. E o rei diz: esta trompa tem um longo fôlego. Armai-vos, daí vosso grito de guerra e socorrei vossa nobre casa. Já ouvistes bastante o lamento de Rolando (Vassallo, 1984, p. 630, versos 1786 a 1795).

Esse momento da canção de gesta revela a honra e a valentia de Rolando, que permanece fiel até o fim, e o comprometimento de Carlos Magno em proteger seus homens. A persistência de Rolando, apesar de sua dor, e a resposta de Carlos destacam os valores heroicos e a força da amizade, coragem, justiça e lealdade entre os guerreiros. Esse sacrifício do herói torna-se um símbolo do aspecto central do ideal cavaleiresco que envolve os feitos dos heróis e as virtudes. Além disso, a citação acima evidencia a bravura e o testemunho de Rolando como um exemplo de cavaleiro que honra seus preceitos morais em favor da batalha e da sociedade medieval, demostrando toda sua coragem e amizade, mesmo diante do sofrimento próximo à morte.

A *Canção de Rolando* possui origem francesa, narra feitos de heróis de um período marcante para a Idade Média. Nesse sentido, a canção de gesta de versos longos contextualiza valores sociopolítico-culturais daquele momento histórico, enfatizando a supremacia e a ideologia daqueles que detinham o poder com personagens históricos e fictícios, tendo como

[30] A traição (versos 1 a 1016); a batalha (versos 1017 – 2396); o castigo dos pagãos (versos 2397 a 3674); o castigo de Ganelão (versos 3675- 4000) (Jonin, 2006, p. 06).

protagonistas os heróis[31]. “Podemos afirmar que o herói é a personagem que representa o ideal supremo de homem comum, marcado por virtudes que podem exaltar o espírito patriótico de um povo, somando-se nessa obra às questões de fé e da lealdade feudal” (Borges, 2014, p. 231). Desse modo, os valores culturais eram aliados ao cristianismo *versus* o paganismo, do herói ao martírio, e da capacidade de suportar o sofrimento em todas as suas formas.

> A Chanson de Roland oferece um primeiro e importante modelo de codificação do ritterliches Tugendsystem, do “sistema ético cavaleiresco”. Os dois polos em redor dos quais gira, são a prouesse, a coragem, e a sagesse, «a sageza», ou seja, uma sagacidade especial, refinada pela experiência, que costuma traduzir-se por prudência. (Le Goff, 1989, p. 61)

É central no enredo a relevância dos personagens do Imperador Carlos Magno e seu sobrinho Rolando, pertencentes à nobreza e envolvidos na batalha em mundo cristão e de guerra, de sentimentos, culturas e fé, e força sobre-humana para enfrentar os sofrimentos que exigem valentia, construindo o mito do herói perpassado por emoções fortes que transcorrem diante do espectador e leitor, como no verso 185: “Carlos levantou seu olhos para o céu, vê trovões, ventos, nevascas, borrascas, tempestades violentas e chamas de fogo, está tudo ali e se abate sobre seu exército” (Vassallo, 1984, p. 67). As guerras fazem parte dos assuntos de família e manifestam-se também na forma da tradição oral que retratava os feitos históricos em uma sociedade guerreira medieval marcada pelos preceitos da igreja, que possui elementos diversos em uma cultura religiosa e de valores. “De modo geral, a Igreja esforçou-se para cristianizar a atmosfera de sacralidade difusa que cercava os principais atos da vida na religiosidade popular” (Vauchez, 1995, p. 26).

A Canção de Rolando permanece como um marco literário e histórico, que perpetua os valores fundamentais da cavalaria medieval, projetando um modelo de heroísmo que resistiu ao tempo como símbolo de honra, fé e valentia presente na oralidade em cantigas, poemas, fábulas e relações sociais.

Vale frisar que, em *A Canção de Rolando*, acontece o fato histórico da batalha de Roncesvasles, um conflito territorial que envolve embates que exigem bravura e virtudes com heroísmo e sacrifícios, pois foi uma guerra sangrenta e intensa com sofrimentos e muitas mortes envolvendo o sacrifício da vida em prol da batalha, como um cavaleiro deveria ser. Rolando era um exemplo de cavaleiro nas batalhas:

> Como os cervos diante dos cães, fogem os pagãos diante de Rolando. O arcebispo diz: Vós combateis muito bem! Assim deve se comportar todo bom

[31] Os cavaleiros das canções de gesta tiveram sucessores que adquiriram tanto sucesso quanto eles. São os heróis dos romances de aventuras, cujas duas grandes fontes foram a história antiga transfigurada [...] e a “matéria da Bretanha” [...]. (Le Goff, 2010, p. 83).

> cavaleiro que usa armas e cavalga um bom cavalo! Na batalha deve ser forte e altivo; senão não valeria quatro tostões, melhor que seja monge num mosteiro qualquer e que reze o dia todo por nossos pecados (Vassallo, 1984, p. 65-/, Versos 1869 a 1885).

Os versos de 1869-1885 de *A Canção de Rolando* retratam o poder avassalador de Rolando e dos franceses, da superioridade do cavaleiro em relação aos inimigos, de sua fé divina no combate. O arcebispo, ao elogiar a bravura de Rolando, reforça o ideal cavaleiro de força e coragem no campo de batalha; caso contrário, aquele que falta à altura desse ideal não tem valor e seria melhor que vivesse como monge, rezando ao invés de lutar. Recuar ou mostrar fraquezas seria uma desonra, enquanto lutar bravamente é um ato de fé e de compromisso com o seu reino no paralelo entre a guerra e a divindade.

Figura 7 - Batalha de Roncesvalles (778 AD)

Fonte: Amaral (2014). Disponível em: https://medievalimago.org/2014/07/19/as-cancoes-de-gesta-chansons-de-geste/. Acesso em: 09 ago. 2024.

A Figura 7 acima demonstra a pintura da Batalha de Roncesvalles nos Pirineus, em 778 AD, que foi a base do épico *Chanson de Roland*, A batalha de Roncesvalles aconteceu em 778, e foi considerada uma das mais importantes batalhas do reinado de Carlos Magno e também uma guerra que se torna assunto de família, das raízes medievais da Europa, tendo vários parentes na equipe no confronto militar.

> O enredo da canção de Rolando repousa sobre o fato real ocorrido no reinado de Carlos Magno (768-814), a batalha de Roncesvales (15/8/778), quando o rei (742- 814), que só se tornará imperador em 800, tinha apenas 36 anos. O exército franco havia ido a Sagaroça por solicitação do governador de Barcelona, revoltado contra o emir de Córdoba, seu superior. Por causa do hierarquizado sistema de alianças então vigente, a guerra torna-se um assunto de família. A retirada e o massacre são episódios de monta, que levam o rei a desistir de aventuras na Espanha e fortificar suas aventuras na Aquitânia. (Vassalo, 1984, p. 7).

Essa batalha, nos versos épicos de *A Canção de Rolando*, mantinha a ideia da figura poderosa de Carlos Magno nos elementos bélicos da guerra e de seu sobrinho Rolando, que comandou o exército até a sua morte, causando grande comoção ao imperador Carlos Magno, que prometeu vingá-lo, assim como a morte de seus amigos[32]. É relevante mencionar que os personagens na obra são pertencentes à alta nobreza e o mesmo personagem pode ter vários títulos e pertencer ao mesmo grupo: "Assim Carlos Magno é rei, imperador; Rolando é conde, marquês da marca ou marquesado (território da fronteira da Bretanha" (Vassallo, 1984, p. 8).

Muitas eram as dificuldades apresentadas no período estudado de *A Canção de Rolando* e o sistema hierarquizado das alianças vigentes, em que os mártires morrem em defesa de sua fé, e os próprios atos podem ser virtuosos ou ser viciosos. "Em relação a esse sentimento do prazer e da dor, é comum o homem tornar-se bom ou ruim, pois é a busca desses sentimentos de forma brusca e desmedida, que o afasta de uma real felicidade" (Aristóteles, 1991, p. 30).

Nesse sentido, faz-se necessário conhecer sobre as virtudes[33], estudo para compreender os valores que aparecem tanto para os cristãos como pagãos. O poder e o sagrado vêm juntos no mesmo poema; a igreja é a grande questão que florescia naquele momento histórico, com marco no Cristianismo, que vicejava naquele período.

> Os franceses veem tantos pagãos que a planície está cheia deles, sem parar chamam rolando e Oliver e o dozes pares para socorrê-los. E o arcebispo lhe diz todo o seu pensamento. "Senhores barões nada de temores covardes! Em nome de deus não fugi, para que nenhum valente cante canções maldosas sobre nós. Mas vale, e de muito morrer lutando. Está claro que vamos encontrar nosso fim aqui mesmo; depois deste dia, não estaremos mais vivos. Mas posso garantir que o santo Paraíso vos espera e que ireis vos sentar entre os inocentes! (Vassallo, 1984, p. 56, versos 1487 a 1510).

Pode-se notar, nesses versos, que tanto cristãos como pagãos não perdem a sua vontade de lutar relacionada a coragem[34] e a boa fé em aceitação máxima às consequências a serviço de

---

[32] Rolando é bravo, Olivier é sábio. Todos os dois são de coragem maravilhosa. O arcebispo Turpim devolve mais de mil golpes (Vassallo, 1984, p.10).

[33] Ela é própria bem, em espírito e verdade. O bem não é para se contemplar, é para fazer. (Comte-Sponville, 2009, p. 9).

[34] A vida nos ensina que é preciso coragem para suportar o desespero, e também que o desespero pode dar às vezes coragem. (Comte-Sponville, 2009, p. 65).

uma causa para cumprir seu dever, que são capazes de morrer em defesa de sua fé. A relação de vida e morte está presente para todos, refletida na preocupação da dicotomia do céu e do inferno, do bem versus o mal. O medo da morte jamais o fará fugir de uma guerra: "Ele morrerá, mas não cometerá um ato de covardia" (Vassallo,1984, p. 94, versos 3035 a 3051). Era considerado melhor perder a vida com honra ao ter fugido da batalha, pois os heróis morriam com honra, sendo exaltados pela coragem e pelas decisões que eram inspiradas pela força divina e a busca da salvação eterna. A virtude da coragem era exaltada e glorificada pelos cavaleiros e por toda a sociedade daquele período vigente.

Nesse sentido:

> Aristóteles define cada coisa segundo o seu fim; como a coragem é nobre, seu fim também o é. Toda atividade realizada pelo homem tem o seu fim, em conformidade com a correspondente disposição de caráter; o homem corajoso age conforme lhe aponta a coragem (Silveira, 2000, p. 70).

Em *A Canção de Rolando,* uma das virtudes mais destacadas é o uso da coragem para enfrentar um fim em si mesmo; nos fenômenos da natureza e embates da vida, vislumbra-se que existe um propósito maior na defesa dos valores supremos. "Todas as virtudes se relacionam, e todas se relacionam com a coragem" (Comte-Sponville, 2009, p. 67). Uma das maiores virtudes que permite que outras se realizem advém da coragem que leva a luta do bem comum, da realização de sonhos, de vencer o medo, e volta-se para a fé em Deus com disposição de agir para o bem de modo geral com o outro e conosco.

Além disso, uma das questões apresentadas no contexto diz respeito às virtudes na canção de gesta, na poesia de Rolando, e sua contribuição para as relações sociais, visto que "Rolando se tornou o símbolo de uma concepção de vida e o culto de sua personalidade mítica atravessou as fronteiras do tempo e do espaço" (D'Onofrio, 1990, p. 160). Ele jamais desistiu da luta relacionada à sua fé do mundo real ao mundo dos sonhos, para encontrar o mundo sagrado dentro das adversidades da vida. "Tratava-se sempre de encontrar as chaves que abrissem as portas do mundo sagrado" (Le Goff, 2005, p. 337). Por natureza, as virtudes, de maneira geral, sempre estavam presentes em ações em meio às batalhas, como a virtude da coragem, da justiça e da amizade como condição básica de influir no homem e na sociedade. Dessa maneira, a obra evidencia a necessidade do estudo, sendo preciso pensar sobre o passado na cultura medieval e como este pode contribuir para as reflexões frente às necessidades das relações humanas, dentre elas as virtudes no decorrer da história.

A Canção de Rolando é necessária para o entendimento dos valores e mentalidades culturais da época medieval, que demonstram a identidade cultural e a formação de um povo que vivia preceitos de ética e moralidade, e proporciona uma reflexão sobre o passado e os

impactos importantes que tiveram sobre aquele período histórico. Séculos depois, ainda é mister a compreensão do passado e da influência que foi gestada naquele período de tradições que marcou a literatura, costumes e artes para todo o sempre.

O estudo sobre a canção de gesta na poesia de Rolando leva a uma transfiguração histórica, revelando traços da sociedade do passado, possibilitando reflexões respaldadas em valores e virtudes fundamentais para o convívio social e desenvolvimento humano no modo de agir e de pensar essenciais para o homem em sociedade nas relações humanas. “As virtudes em geral, esboçamos seu gênero demostrando que são meios e estados de caráter, e que tendem por sua própria natureza, a agir de modo a produzi-los” (Aristóteles, 1991, p. 66). Sendo assim, as virtudes são tomadas como fundamentais para o bem viver em preceitos éticos, morais e intelectuais.

Compreende-se que as virtudes são necessárias às relações humanas e direcionam-nas para o bem comum. Notamos que o estudo de *A Canção de Rolando* mostra-nos acentuadamente a importância do conhecimento decorrente dos fatos históricos e de suas crenças. “A Canção de Rolando propõe a representação de uma realidade que para a sociedade da época era sagrada” (Santos, 2016, p. 83). Era o momento das transformações vinculadas às instituições religiosas, da fé versus razão e as relações de poder, do mito cavaleiresco.

> Desde a idade média, de um mito cavaleiresco. Esse mito cavaleiresco, foi, se não criado, pelo menos propagado por uma literatura especializada; é aqui o lugar de marcar quanto na herança da idade média legou a Europa, a literatura tem um grande lugar. O mito do cavaleiro começou a ser orquestrado nas canções de gesta. Os dois aspectos do cavaleiro, a proeza militar e a piedade incarnaram-se, desde o fim do século XI, nos dois heróis de A Canção de Rolando. Os cavaleiros são louvados aí como grandes servidores dos reis, graças às virtudes cavaleirescas, a valentia guerreira ao serviço da fidelidade vassálicas (Le Goff, 2010, p. 83).

Naquela época, os valores representados em *A Canção de Rolando* não são apenas características desejáveis para um indivíduo em particular, mas retratam as virtudes essenciais para o funcionamento harmonioso da organização da sociedade nas complexas relações de poder que abarcavam divindade e razão.

Esses valores, quando incorporados em uma sociedade, promovem a solidariedade, a perseverança e a justiça, que são pilares de uma convivência social saudável, necessária ao desenvolvimento das relações humanas cultural e educacionalmente. De qualquer forma, ao estudar profundamente *A Canção de Rolando*, podemos refletir sobre como esses valores ainda são necessários no mundo contemporâneo, onde a confiança mútua, a coragem moral e a fé em princípios éticos são fundamentais para enfrentar os desafios modernos (Santos, 2016).

A virtude está no contexto dos princípios éticos como necessária à formação humana; desde a infância, ela faz-se relevante para a compreensão do senso de justiça, amizade, coragem, lealdade e caráter. “A suas virtudes comprovadas e seguras confiava-se toda a progênie da mesma casa. Ela conduzia os estudos e os deveres das crianças e suas brincadeiras e distrações" (Brown, 1990, p. 213). A citação de Brown (1990) ressalta que interações lúdicas vividas pelas crianças reforçam a ideia de que a educação começa cedo e estende-se ao longo da vida, e relacionam-se com o ensino das virtudes desde a pequena infância, para que desde sempre se compreenda sobre o sentido de cooperação e de ações justas que posam refletir no futuro em uma humanidade em atos em defesa do outro para o bem comum.

A *Canção de Rolando* reflete esses princípios, quando, além de fatos históricos, traz como foco as virtudes nos personagens principais. Da mesma maneira, isso era também transmitido pela cultura de tradição oral. Ressaltamos que as virtudes estão relacionadas com a aprendizagem desde cedo, com princípios também da afetividade humana, por isso as virtudes estão no contexto de longa duração, pois são importantes até dos dias de hoje nos desafios contemporâneos, como por exemplo os direitos humanos e o senso de justiça na garantia da equidade para todos os cidadãos.

> Quando o rei vê o cair a tarde, desce à relva verde de um prado, deita-se na terra e pede ao nosso senhor que pare para ele o curso do sol, retarde a noite e prolongue o dia. Então um anjo que costumava falar com ele deu-lhe logo voz de comando. “Cavalga Carlos, pois a ti claridade não falta. Tu perdeste a flor da França, Deus Sabe. Podes te vingar da corja criminosa!” Ante essas palavras o imperador montou o cavalo (Vassallo, 1984, p. 79, versos 2423-2457).

Nos versos acima, fica explícito que a justiça era um valor para a ordem social do reino, na Idade Média, independente que esta acontecesse, em alguns contextos, por meio de vingança, o que era visto como algo que poderia efetivar a defesa do reinado e a punição dos culpados, clamando a Deus luz no caminho. Na Idade Média ela era influenciada pela justiça divina e a fé em Deus, e difundida por reis, imperadores e condes.

O senso de justiça na atualidade permanece, mas de maneira mais tranquila, sem batalhas e guerras de maneira geral, ainda que em alguns países observam-se as guerras. A virtude da justiça na contemporaneidade é um valor primordial para as justiças sociais e políticas, concernente aos direitos conquistados pela democracia e pelos conjuntos de leis, como a Constituição Federal.

O estudo de *A Canção de Rolando* revela muito mais que os eventos históricos ou os valores da Idade Média; ele oferece uma transfiguração histórica que ainda hoje nos ensina sobre a importância das virtudes fundamentais para o convívio social e o desenvolvimento

humano. Ao explorar os temas amizade, coragem e justiça, essa obra as apresenta como temas centrais na epopeia, e convida-nos a uma reflexão profunda sobre sua aplicação em nossa sociedade, promovendo um bem maior e mais profundo entendimento de nossa história, cultura e identidade e o valor da tradição oral como importante instrumento de formação nas relações humanas.

Assim, nos próximos subitens, abordamos as virtudes da amizade, coragem e justiça que se fazem presentes nos versos dessa canção de gesta, refletindo aquela sociedade marcada por grandes acontecimentos históricos associados ao herói e ao cavaleiro adornados com gestos nobres e valores medievais. Espaço onde as virtudes tornaram-se exemplos na historicidade do comportamento, das ações ilustres no desenvolvimento das relações humanas e permanecem atemporais em diversas dimensões da vida social.

3.1 Virtude da amizade presente em *A Canção de Rolando*

A amizade em *A Canção de Rolando* é apresentada como um valor essencial que transcende o afeto individual, sendo construída em torno da lealdade e do dever, permeando toda a narrativa, que a compartilha como fonte de valor, de apoio e coesão na batalha, exemplificando-se na morte de Rolando, que se sacrifica em nome da amizade e lealdade a Carlos Magno, sendo colocada como um valor universal de honra.

A amizade desempenha um papel crucial na formação do ser humano e na promoção do bem comum, constrói laços de fraternidade e de rede de apoio. O ser humano precisa aprender a ser virtuoso, visto que a virtude leva ao bem de todos. Segundo Comte-Sponville (2009, p. 8), “A virtude de um ser é o que constitui seu valor, em outras palavras sua excelência própria”. Um valor essencial para a formação do ser humano e para a promoção do bem comum, desenvolve o crescimento emocional de forma positiva pelo apoio e segurança do senso de pertencimento, elementos essenciais para desenvolvimento e equilíbrio nas relações humanas como um valor intrínseco às condutas humanas.

A pessoa torna-se valiosa pela sua essência em suas atribuições, o que não inclui bens materiais e sim valores de honra como a virtude da amizade na sua conexão ao outro. Assim, toda felicidade provém das ações virtuosas em boas ações de conduta: “A história trata de seres capazes por natureza de fins conscientemente procurados” (Bloch, 1976, p. 124). Nesse sentido, compreende-se a virtude da amizade como sempre necessária para o bem viver, indispensável às relações humanas, pois também é considerada como um dom de Deus, um bem supremo e um laço sagrado.

Também Cícero (2006) afirma:

> Há ainda os que vêem na virtude o bem supremo: é maravilhoso, com certeza, mas é exatamente a virtude que gera e conserva a amizade, e sem ela não pode deixar de existir, de maneira alguma qualquer amizade. A amizade nada mais é, com efeito um entendimento perfeito de todas as coisas, divinas e humanas, acompanhada de generosidade e afeição mútua e tirante a sabedoria, não creio que os deuses imortais tenham dado ao homem algo melhor que ela (Cícero, 2006, p. 70).

Assim, a amizade é uma construção permanente ao longo do tempo, com o desenvolvimento de confiança mútua, criando laços que visam ao bem uns dos outros, de companheirismo, de agradabilidade. No conceito de Aristóteles "[...] a amizade é perfeita tanto no que diz respeito em todos os outros aspectos, é nela que cada um recebe do outro, em tudo, o mesmo que dá, ou algo parecido" (Aristóteles, 1991, p. 186). O filósofo, além de defini-la como umas das virtudes mais importantes da vida humana, classifica a amizade de três maneiras distintas, que são: por utilidade[35], por prazer[36] e verdadeira[37]. A terceira, verdadeira, é mais elevada, pois compartilha de permanência no tempo e espaço, e de disposição de caráter, fidelidade, respeito mútuo, felicidade e benevolência, bem como de desenvolvimento ético, como presentes em *A Canção de Rolando*.

> Na Canção de Rolando, a relação compreendida entre Carlos Magno e Roland se baseia numa amizade profunda de ambos os cavaleiros primando pelo apoio incondicional em todos os momentos e adversidades das batalhas travadas, onde a virtude da amizade prevalecia sempre. Pois a amizade se introduz não sei como em todas as existências, jamais permitindo que se construa uma vida sem ela (Cicero, 2006 p. 100).

Pelos versos de *A Canção de Rolando*, é possível afirmar que a amizade construída entre Rolando e Carlos Magno estava unida pela justiça e pela fé, pela coragem e valores profundos, uma vez que ambos se preocupavam um com o outro em seu bem-estar. Da mesma maneira, havia entre eles como cavaleiros o senso de dever e honra nas lutas travadas, retratado em lealdade e bravura, como se vê nos versos 1753 a 1760:

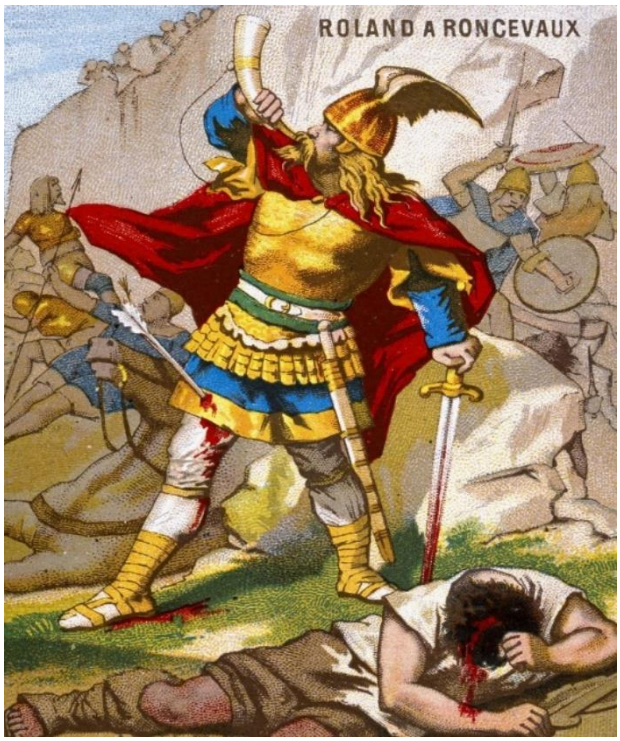
> Rolando colocou o olifante na boca, firma-o bem e toca com muita força. Altas são as montanhas e bem longo o som da trompa. As trinta boas léguas ouvem-se o eco. Carlos ouviu e todo o exército; e o rei diz: "Nossos Homens estão em luta". O conde Ganelão replica: "Se o outro tivesse tido parecia uma grande mentira (Vassallo, 1984, p. 62.).

[35] Cada parte se utiliza de benefício próprio, elas sempre querem obter o melhor na relação, e pensam que têm menos que deveriam (Aristóteles, 1991, p. 202).
[36] Os prazeres que se completam serão, em sentido estrito, os prazeres próprios do homem e o resto será de maneira própria (Aristóteles, 1991, p. 240).
[37] Desejam o bem uns aos outros (Aristóteles, 1991, p. 185).

Esses versos simbolizam o momento de bravura entre eles e a amizade ao ir para a batalha, acentuando a importância da luta e de estarem sempre juntos, um apoiando o outro, no sentido de unidade em atos heroicos. Por outro lado, podem-se levantar os seguintes questionamentos: por que demorou para tocar o olifante? Seria a força do espírito de perfeição e lealdade, ou seria a fraqueza humana em desistir, mostrando o herói como humano coberto de falhas?

Nessa resposta em *A Canção de Rolando,* a amizade é um valor supremo e divino dos que compartilham de ideais comuns na batalha, que se fortalece pelo sacrifício, que simboliza o caráter e a lealdade, e a fé cristã. A amizade é um dos pontos de destaque em *A Canção de Rolando* pelo herói.

Figura 8 - Rolando toca o olifante



Fonte: Meisterdrucke. Disponível em: https://www.meisterdrucke.lu/fine-art-prints/French-School/1061218/Le-Chevalier-Roland-%C3%A0-Roncevaux-sonnant-l%27olifant.-Roland,-conduisant-l%27arri%C3%A8re-garde-de-l%27arm%C3%A9e-de-Charlemagne,-fut-surpris-par-les-Vascons-le-15-ao%C3%BBt-778.-Il-sonna-alors-son-cor,-trop-tard-pour-que-le-roi-puisse-l%27assister.-Chromolithographie-de-la-S%C3%A9rie.html. Acesso em: 08 mar. 2025.

Quando o olifante tocou por Rolando, já havia dor e angústia e todos preocupavam-se pelo grande fôlego[38] que usou para tocar, com uma valentia sobre-humana, e era capaz de morrer em nome de Carlos Magno, renunciando à vida pela coragem, nobreza, amizade e honra na batalha. O toque do olifante era também força e honra que se ecoava para Carlos Magno, era

[38] Ele toca o olifante com dor e angústia (Vassallo, 1984, p. 83).

como se fosse um testamento de fé e sua coragem e símbolo de sua amizade. Vale afirmar também que Rolando, sendo um homem virtuoso, tinha grande apreço por Oliver[39], seu amigo e companheiro de lutas, que não era covarde, nem malvado, assim como ele próprio era. Entretanto, na batalha, ele perde seu amigo que tanto amava e que sempre esteve ao seu lado, o que lhe causa dor. "Mas vê-lo sofrer é doloroso, uma vez que cada um evita causar dor" (Aristóteles, 1991, p. 227). Sente um aperto no coração, uma sensação terrível ao encontrar seu amigo e companheiro de batalha, o que o consome em dor, reconhecendo a importância de seu amigo fiel.

> Rolando parte outra vez, vai de novo esquadrinhar o campo de batalha; encontrou seu companheiro Oliver: apertou-o estreitamente junto ao peito; volta para perto do arcebispo do jeito que pode; deitou Oliver, sobre um escudo, junto dos outros, e o arcebispo o absolveu com o sinal da cruz. Eles aumentam o pesar e a piedade. Ele amava tanto e começa a chorar. Em seu rosto apareceu uma grande palidez; sentiu uma dor tão grande que não pode suportar (Vassallo, 1984, p.73-74, Versos 163-164).

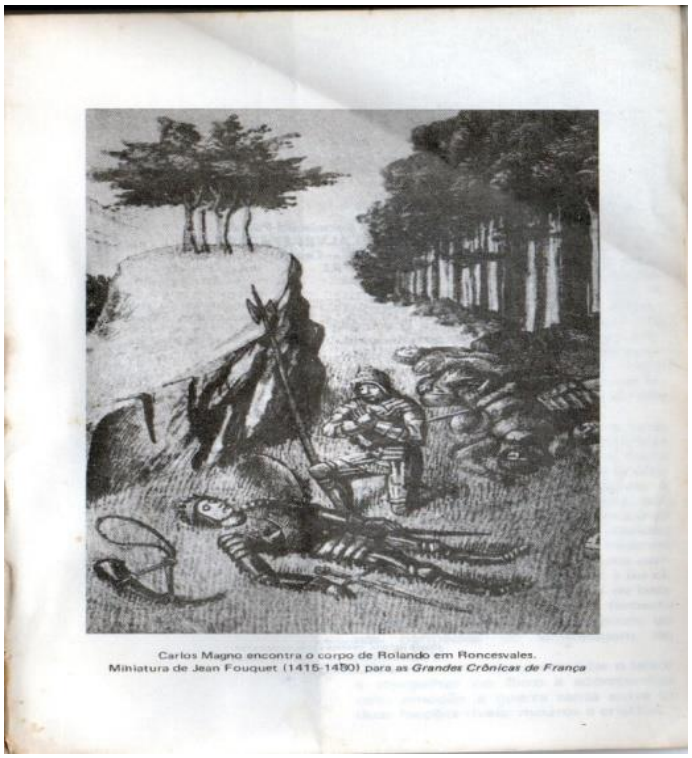
Rolando chora a morte de Oliver durante a batalha, pois ele sempre o apoiava, e essa amizade faz relação com o amor que deseja o bem um do outro, que explicita essa virtude como um valor fundamental para a vida e de honra para todo o sempre; sentiu uma dor imensa que apertava o peito, sua amizade era um exemplo de benevolência. "Uma amizade assim é permanente, pois eles se encontram um no outro" (Aristóteles, 1991, p. 185). A virtude da amizade condiz com a benevolência, igualdade, com ser bom para o outro, sofrer pelo outro, a lealdade que compreende o aspecto ético e cristão, estar presente nas adversidades.

Ele perde muitos companheiros na batalha e está em desigualdade com os inimigos Ganelão o traidor e o rei Marsílio[40], continuando os ataques. Assim, Rolando sente que o fim está se aproximando. "Rolando sente que a morte o invade, que lhe desce da cabeça até o coração. Correu para debaixo de um pinheiro e se deitou na relva verde, com o rosto na terra. Debaixo de si, coloca a espada e o olifante" (Vassallo, 1984, p. 77).

[39] Que representava o companheiro de guerra (Vassallo, 1984, p. 08).

[40] Marsílio era o rei dos sarracenos, havia tomado Saragoça. Após a decisão em assembleia, mandou alguns de seus homens até Carlos Magno. Rolando pediu ao rei que desconfiasse, mas Ganelão e outros convenceram o rei franco. Ganelão traiu o rei Carlos e propôs uma emboscada a Rolando (Borges, 2013, p. 230).

Figura 9 - Morte de Rolando



Fonte: Retirado do livro **"***A canção de Rolando" (*Vassalo,1984, p. 135).

A figura acima ilustra a morte de Rolando, um dos momentos mais emocionantes da canção de gesta, onde seus pares[41] e Carlos Magno choram por ele. E com imensa tristeza Carlos Magno sente por não ter salvado seu sobrinho e amigo fiel. "Amigo Rolando, que Deus tenha misericórdia de ti. Que tua alma seja colocada no Paraíso! Quem te matou fez a desgraçada França: Tenho um pesar tão grande que não quero viver!" (Vassallo, 1984, p. 91).

Carlos Magno sente com toda dor que possa existir a perda de seu sobrinho em sua trágica morte que significou a grandeza de patriotismo de fé; sofre com ardor o vazio da morte de Rolando, por inúmeros motivos: pelo cavaleiro[42] exemplar que lutava com força, que defendia sua fé e honra, lealdade, e senso de justiça, designando assim as virtudes na figura heroica que buscava a perfeição, mesmo na certeza de que a perfeição estava em Deus: "[...] o homem modelo no medievo não pôde ser perfeito, porque a perfeição não pertence a este mundo" (Le Goff, 2010, p. 240). No entanto, a amizade de Rolando com os doze pares da França também é um exemplo da presença da virtude, de companheirismo e de fidelidade, que

[41] Os doze pares de Rolando são: Oliver, Turpino, Gerino, Gerier, Oton, Berenger, Ivon, Ivório, Engeelier, Samson, Anseis e Gerard de Roussilon. Pares significam que estão em pé de igualdade em relação a Rolando (Vassallo, 1984, p. 8).

[42] Os cavaleiros são louvados aí como grandes servidores do rei, graças às virtudes cavaleirescas, a valentia guerreira ao serviço da fidelidade vassálicas (Le Goff, 2010, p. 83).

se fortaleceu nesse momento de dor em memória aos valores que Rolando representava para a sociedade; é elucidativo as virtudes que sua vivência apresentava.

Indubitavelmente, Rolando era virtuoso e seguia os princípios da sociedade vigente, e da tradição guerreira e dos valores culturais do cristianismo; era inspiração para a doutrina da religião pela formação da igreja. “Mas o que é certo é que esses anjos que descem para acolher o conde Roland e o escoltam até ao céu, não são valquírias disfarçadas, são anjos cristãos, revividos, porém, num conjunto de valores conceptuais e de sensibilidade que deve muito à tradição guerreira ancestral” (Cardini, 1989, p. 61). Trata-se de um momento em que a canção exalta a temática religiosa, em relação à alma humana entregue para Deus na representação poética e em relação com o período histórico vigente que se esboça nas raízes da Idade Média e das virtudes. “Por virtude humana entendemos não a do corpo, mas a da alma” (Aristóteles, 1991, p. 32). Em relação à virtude humana, ela faz parte de nosso interior e determina nossa direção para alcançar a felicidade e o bem viver.

Portanto, a virtude da amizade presente em *A Canção de Rolando* remete-nos à reflexão sobre o seu papel na reorganização das relações humanas, nas transformações culturais[43] da época, que abarca três séculos e o início do século XII[44], na canção de gesta, bem como a visão de mundo apresentada pelo modelo de comportamento dos cavaleiros nas relações do mundo retratadas pelo poema épico.

A morte de Rolando foi profundamente sentida por Carlos Magno, representando não apenas a perda de um cavaleiro, mas a morte de um ideal de virtude que permeava a sociedade medieval, dos valores pagãos e cristãos, refletindo uma sociedade em transformação. Sobre esse aspecto, pode-se dizer que a amizade de Rolando e Carlos Magno, Rolando e os dozes pares, Rolando e Oliver ilustra a relevância da virtude da amizade para as relações humanas, uma amizade alicerçada no bem comum, que se preocupa com o bem-estar do outro tanto quanto com o próprio.

Dessa forma, podemos dizer que, ao adentrarmos a pesquisa, vislumbramos que *A Canção de Rolando* permanece uma obra atemporal, na qual cultivam-se virtudes que promovem o bem-estar e que transcende séculos.

---

[43] Os séculos XI-XII são um período essencial de transformação da Europa Cristã. O homem se firma sob a imagem de Deus e não só como um pecador esmagado pelo pecado original. Por outro lado, a partir da fé, transformada, mas sempre viva, o século XII redefine para muito tempo duas nações essenciais que darão forma ao pensamento europeu ocidental: a ideia de natureza e a ideia de razão (Le Goff. 2010, p. 111-112).

[44] Acredita-se que tenha sido escrito entre o final do século XI e meados do século XII, depois que a ideia das cruzadas contra os pagãos já vicejava na Europa cristã. Seu primeiro momento é oral, passando depois à escrita. (Vassallo, 1989, p. 05-06).

Na próxima subseção, tratamos sobre a virtude da coragem e os desafios que foram realizados pelos cavaleiros nas batalhas, sendo que a coragem era um dos princípios dos códigos de honra dos

cavaleiros, o pilar de um cavaleiro para enfrentar todas as nações nos campos de batalha. A coragem, pilar essencial para enfrentar os desafios nos campos de batalha, continua a inspirar e a moldar o comportamento humano em diferentes contextos, conectando passado, presente e futuro.

3.2 Coragem em *A canção de Rolando*

A virtude da coragem, presente em *A Canção de Rolando*, faz parte de vários versos que mostram situações perigosas que dela necessitam para serem enfrentadas pelos cavaleiros ao longo das batalhas. Todavia, cabe ressaltar que, para o desenvolvimento das relações humanas, é preciso considerar que as virtudes se perpetuam no conceito de longa duração, e que correspondiam a modelos na educação medieval que se estendem até a atualidade, sendo necessárias. “O indivíduo corajoso escolhe e suporta as coisas porque é nobre fazê-lo” (Aristóteles, 1991, p. 68). Busca-se, nas virtudes, o bem na universalidade para servir ao todo, mesmo na adversidade.

Figura 10 - Retratando o momento das batalhas

Fonte: Disponível em: https://leituras-compartilhadas.blogspot.com/2015/08/a-cancao-de-rolando-poema-epico.html. Acesso em: 11 out. 2024

A imagem acima expressa a virtude da coragem e também o heroísmo em defender a todos, não pensando em si próprio, mas nos valores de honra em defesa de seus povos, que são marcas também dos cavaleiros que enfrentam as batalhas: "[...] a nobreza da coragem não possa ser vencida nem apoderada por um homem nem por todos os homens que existem, enquanto que um corpo pode ser vencido e preso por outro" (Llull, 2000, p. 35).

Trata-se do sacrifício em nome da coragem, como no verso 84, no qual se afirma: "Não agrada ao senhor Deus que por minha falta meus parentes sejam censurados e que a doce França caia na Humilhação" (Vassallo, 1984, p. 46). Nesse sentido, fica evidente a virtude da coragem que eleva o bem comum, refletindo sobre ser melhor a morte que desistir e passar por humilhações, sendo preciso coragem para combater, enfrentar e resistir e o compromisso com a palavra do rei. Desse modo, desistir seria considerado uma vergonha, uma covardia. "O indivíduo corajoso escolhe e suporta as coisas porque é nobre fazê-lo" (Aristóteles, 1991, p. 69).

Assim, a coragem em *A canção de Rolando* não se limita a um atributo individual, mas adquire um caráter coletivo e moral, enraizado na lealdade ao rei e na defesa e honra de seu povo.O temos não recai sobre a morte em si, mas sobre a possiblidade de desonra e fracasso, o que reforça a ideia que a bravura está diretamente ligada a preservação da dignidade e da identidade da nação. Essa concepção de coragem, conforme apontado por Aristóteles, implica não apenas a disposição para enfrentar perigos, mas também a escolha consciente de suportar adversidade por um propósito maior. Essa concepção de coragem, conforme apontado por

Aristóteles, implica não apenas a disposição para enfrentar perigos, mas também a escolha consciente de suportar adversidades por um propósito maior.

Dessa forma, a epopeia reafirma a virtude da coragem como um ideal essencial ao cavaleiro, exaltando o sacrifício pessoal em prol do coletivo. A morte heroica não e vista como uma derrota, mas como a máxima expressão da fidelidade e da honra, princípios fundamentais da ética cavalheiresca.

> Embora a coragem esteja relacionada com sentimentos de confiança e de medo, ela não se ocupa de ambos da mesma maneira; está mais ligada às coisas que inspiram temor. Aquele que não se perturba e se comporta como deve diante dessas coisas é mais corajoso que quem faz em relação às coisas que inspiram confiança. É por enfrentar aquilo que dói. Como já dissemos que os homens são chamados de bravos. Portanto a coragem também envolve a dor e é elogiada justamente por isso, uma vez que é mais difícil encarar o que é doloroso do que abster do que é agradável (Aristóteles, 1991, p. 73).

Dessa maneira, a coragem encara o doloroso, manifestando-se não apenas no físico, mas nos sacrifícios, como a própria vida. Essa postura em relação às batalhas demostra que Rolando seguia o modelo do cavaleiro cristão concernente ao espírito patriótico; sua disposição para o sacrifício, incluindo a própria vida, revela a profundidade de sua bravura. Os apontamentos do excerto acima, retirado do livro, mostram que Rolando disse que mais vale a morte que a vergonha. Era preciso lutar de forma valente, "[...] a força conferida ao seu caráter épico permite que ele suporte a dor física, psíquica ou moral, mantendo-se como bravo, preferindo morrer a cometer um ato de covardia" (Borges, 2013, p. 236). Morrer era, então, o símbolo que representava toda a coragem conferida aos cavaleiros, representando a sua força e a sua honra.

> E se o cavaleiro deu o coração, para que seja câmara onde resida a nobreza da coragem, ao cavaleiro que se mantém firme em sua honra deu seu coração para que tenha piedade de mercê para ajudar, salvar e guardar aqueles que elevam os olhos com esperança aos cavaleiros, para que os ajudem, os defendam e os protejam e lhes cubram de toda a necessidade (Llull, 2000, p. 39).

Segundo a citação, a sede de coragem concretiza-se na fé e na moral com valores centrais da cultura medieval. Também usa de toda sua força para proteger o bem-estar de todos.

Em *A Canção de Rolando* é importante destacar que a coragem do cavaleiro se destaca na luta extrema com dragões, tempestades, ventos, granizos em excessos em meio às tempestades, e jamais perderia sua coragem, que se apresentava de diversas maneiras nas relações humanas, mas era algo supremo.

A virtude da coragem não se apresenta apenas importante como em *A Canção de Rolando*, que comtempla sua presença na guerra; ela se apresenta na contemporaneidade na empatia, no respeito ao outro, na coragem de lutar por uma sociedade mais justa e democrática, nas relações humanas, tendo como ênfase a determinação. Nesse sentido abaixo discutiremos sobre a virtude da justiça que se encontra interligada com a virtude da coragem e da amizade, que foram colocadas a serviço do rei e da fé cristã, sendo pilares éticos do próprio bem.

3.3 Justiça em *A Canção de Rolando*

A obra *A Canção de Rolando* também apresenta a virtude da justiça como parte da teologia cristã, compondo as leis e moralidade de maneira complexa e, ao mesmo tempo, de suas ramificações em sentido universal.

> A justiça é a virtude completa em seu sentido mais pleno, porque é o exercício em ato de virtude completa. E é completa porque aquele que a possui pode exercer sua virtude não sobre si, mas também em relação ao próximo, pois muitos homens podem exercer a virtude em seus assuntos particulares, mas não em suas relações com os demais. (Aristóteles, 1991, p. 106).

A justiça torna-se completa, pois corresponde aos valores éticos e morais, praticada em ações e atitudes nas diversas atividades da natureza humana. Nos versos de *A Canção de Rolando*, a justiça consiste em defesa da fé e dos valores da cristandade daquele tempo histórico, pelo discurso ético da época, das ideias morais. Quando Ganelão, padrasto de Rolando, traiu Carlos, queria o poder e juntou-se aos inimigos de Carlos Magno, os sarracenos. Rolando esteve ao lado de Carlos Magno, pelo senso de justiça e pela amizade, sabendo do massacre que estava para acontecer, e que, nesse mesmo massacre, poderia perder a vida; a virtude de justiça correspondia ao seu dever de honra, coragem e lealdade.

> Caro senhor, Ganelão. Diz o rei Marsílio, tenho um belo exército: não podereis ver mais belo que este; posso ter quatro mil cavaleiros; posso sim combater Carlos e os Franceses? Ganelão responde: Não desta vez. Vós perderíeis os vossos melhores pagãos. Deixei a loucura de lado, atei-vos à sabedoria. Daí tantas riquezas ao imperador que todos os franceses fiquem maravilhados; com vinte reféns que enviardes o rei voltará para a doce Franca. Deixará atrás de si a retaguarda. O conde Rolando, seu sobrinho, lá estará. E com ele Oliver, o bravo cortês. Se acreditardes em mim os dois condes estarão mortos. Carlos verá cair seu grande orgulho e nunca mais desejará vos combater (Vassallo, 1984, p. 33, Versos 580-595).

Na narrativa histórica, mostra-se o ciclo do poder que primara sobre a moral do inimigo num processo de batalhas e derrotas e, entras elas, vê-se o declínio de Carlos Magno. Entretanto, a justiça e a coragem que fazem parte do conde Rolando são maiores que a covardia e o medo

do embate na proteção de Carlos Magno. Segue-se firme na batalha como um cavaleiro deve fazer. Portanto, “As virtudes são independentes do uso que delas se faz, como do fim a que servem” (Comte-Sponville, 2009, p. 8). Na batalha, Carlos Magno perdeu seu fiel amigo Rolando, Oliver e o bispo Turbim, mas depois continuou a luta com senso de justiça, querendo que os culpados fossem punidos com a morte, movido por um sentimento de justiça.

> Marsílio, que havia sido ferido por Rolando, fugira para Saragoça, e assim Carlos e seu exército dirigiram-se para lá. No rio Ebro, a milícia de Carlos Magno afundou as tropas pagãs. Marsílio pediu ajuda a Baligante, o emir da Babilônia. Carlos formou um exército de dez corpos de batalha a partir de seus marquesados para combatê-lo, assim como aos demais grupos de sarracenos. O emir também formou dez corpos de batalha de seu lado, mas foi derrotado e morto por Carlos e seu exército. Vencidos os Sarracenos, Bramimonda, esposa de Marsílio, entregou Saragoça a Carlos, que tomou a cidade e mandou destruir as estátuas e os ídolos. Por causa da traição, Ganelão foi levado a julgamento diante de uma assembleia dividida. Aconteceu, então, um duelo entre Piabe e Thierry, defensores, respectivamente, de Ganelão e do rei. Thierry venceu e honrou o rei. Assim, Ganelão foi sentenciado à morte (enforcamento) por traição, juntamente com seus familiares (Borges, 2013, p. 230).

Rolando, ao permanecer fiel, exemplifica a virtude da justiça em sua forma mais elevada, ao mesmo tempo que defende a honra e a fé, mas também a justiça como valor ético, que persiste mesmo nas circunstâncias mais sombrias, ainda que isso tenha lhe custado a própria vida. Virtudes como justiça e coragem, que caracterizam o conde Rolando, mostram-se superiores à covardia e ao medo, especialmente na proteção ao seu senhor. Por fim, Carlos Magno enfrenta os sarracenos, culminando no julgamento de Ganelão, demostrando justiça como algo supremo. O desfecho, com a condenação do traidor, reafirma que a justiça é sempre necessária e importante no viver.

Dessa maneira, as virtudes presentes na narrativa mostram-nos que a verdadeira justiça se manifesta nas relações humanas, exigindo coragem e amizade, como exemplificado por Rolando e Carlos Magno. Ao praticarmos a justiça em nossas ações humanas, contribuímos para uma sociedade mais justa, perpetuando o legado das virtudes que continuam a ser essenciais para a reorganização da sociedade.

Em *A Canção de Rolando*, os heróis Rolando e Carlos Magno são os cavaleiros que honram o corpo e a alma com a nobreza das virtudes, seja da coragem, justiça e amizade como ditas acima, mas todas estão presentes no processo de formação do cavaleiro, juntas, para que ele possa ser o modelo de cavaleiro ideal e de vida honrada.

Todo cavaleiro deve conhecer as virtudes, também vivenciá-las em batalhas e na vida, demostrando sabedoria e princípios dos bons costumes e virtuosos em prol da fé, tornando-se

exemplo para a sociedade no tempo medieval[45]. Em *A Canção de Rolando* ele era o modelo de cavaleiro e tinha uma conexão de virtudes, "[...] a figura de Rolando, que se tornou o modelo do cavaleiro cristão" (Le Goff, 2010, p. 128).

A conexão de virtudes presentes no cavaleiro era impregnada em sua alma e atitude humanas, e procuravam influenciar o período medieval, em que se desejava um cavaleiro sem fraquezas e medos, que perdesse a vida em nome das virtudes, como por exemplo as virtudes da coragem, justiça e amizade. E assim aconteceu com o bravo Rolando, que se distinguia também pelos seus objetos sagrados.

> O herói Rolando distingue-se também pela posse e o uso de objetos imbuídos de um caráter sagrado. Trata-se primeiro da espada Durandal, que assim como um ser vivo possui um nome e que é a companheira inseparável de Rolando. A trompa ou olifante que ele carrega na cintura também é um objeto sagrado. Produtora de sons e chamados para conseguir ajuda, já se pôde compará-la a uma cornucópia sonora (Le Goff, 2010, p. 129).

Nesse contexto, vale considerar que ele era o modelo de cavaleiro ideal, com qualidades virtuosas e elementos sagrados, que vivia uma vida heroica, religiosa, e de habilidades guerreiras e honradas, submisso ao seu senhor nas suas condutas morais, enfrentando perigos sem medos. As virtudes eram essenciais para representar o cavaleiro ideal de lealdades e sacrifício. O legado das virtudes reforça-nos a ideia da importância de valores como a coragem, a justiça e a amizade na construção de uma sociedade mais forte, ética e humana.

Dessa maneira a justiça, a amizade e a coragem presentes na obra *A Canção de Rolando* contribuíram para os valores fundamentais da sociedade do contexto histórico estudado que, entre sacrifícios mútuos, estavam dialogando com os pilares da organização social sobre a convivência, honra, fé e cuidado com o outro, tornando-se relevantes para as relações humanas em qualquer época e espaço, para sociedades mais justas e com princípios morais.

4 A TRADIÇÃO ORAL NAS CANTIGAS DE RODA: UM INSTRUMENTO PARA O ENSINO DAS VIRTUDES E DA FORMAÇÃO HUMANA

[45] Considerado principalmente um tempo religioso (Le Goff, 2010, p. 135).

Ao longo da história, a tradição oral foi o meio mais comum de transmitir o saber, expressando ideais, experiências humanas, sentimentos e fatos históricos. “A sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral” (Ong, 1998, p. 10). Atualmente, considerando o processo de ensino, mesmo com o nascimento da escrita, a oralidade continua relevante.

Destaca-se que as cantigas de roda, que fazem parte de tradições orais, oferecem, em seus contextos, a oportunidade de práticas pedagógicas que podem estimular a apropriação da linguagem e de diferentes experiências sobre o papel do outro, sobre virtudes e a ampliação do lúdico, imaginação, gestualidade, estabelecendo a construção do saber para a educação integral da criança.

A fim de adensarmos essa discussão, este capítulo está dividido nos seguintes subitens: 4.1 A oralidade na formação humana: a tradição oral na Idade Média e seu papel na educação; 4.2 As cantigas de roda e as relações humanas na Educação Infantil nos contextos pedagógicos contemporâneos.

A tradição oral e a oralidade foram marcos importantes na Idade Média e, ainda hoje, oferecem suporte para despertar a pluralidade do saber nas oportunidades oferecidas ao ensino pela comunicação oral, por exemplo, por meio das cantigas de roda. Desde os tempos mais remotos, a oralidade tem sido uma das formas mais antigas de comunicação nas relações humanas, sendo fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem. Antes mesmo da escrita, a oralidade era o principal meio de comunicação e transmissão de conhecimento, valores, histórias, virtudes e socialização, fortalecendo identidades culturais.

Em *A Canção de Rolando,* a tradição oral vai além de um recurso estilístico, atuando como um veículo pedagógico para transmitir ideais de coragem, liderança e justiça, configurando-se como instrumento de ensino e reforço cultural, visivelmente recitada em feiras, castelos e campos de batalha. A tradição oral como um instrumento de ensino e reforço cultural não apenas divertia, mas também transmitia valores essenciais para a sociedade medieval, ajudando a moldar identidades culturais. Vale dizer que *A Canção de Rolando* tem raízes na oralidade, pois a tradição oral foi a principal responsável por preservar os valores sociais da época.

4.1 A oralidade na formação humana: a tradição oral na Idade Média e seu papel na educação

A oralidade, dentro da tradição oral, desempenhou um papel essencial na construção das relações humanas ao longo da história, permitindo a transmissão de conhecimentos, valores e culturas por meio da palavra falada. Esse processo foi fundamental para a formação de laços sociais, culturais e humanos.

Além de facilitar a comunicação, a oralidade possibilita a conexão entre as pessoas, promovendo a compreensão mútua de experiências, perspectivas, sonhos, desejos, decepções e laços afetivos. Como destaca Cândido (2006, p. 53), "[...] exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo, que por meio dela se fixou no patrimônio da civilização". Isso aponta que a oralidade se torna parte da memória cultural e histórica de uma comunidade, preservando-a para as gerações seguintes. Através da oralidade, esses conhecimentos e valores fixam-se no patrimônio mais amplo da civilização, construindo um legado cultural e histórico duradouro para a continuidade de outras gerações. Desde os primórdios da humanidade, a oralidade tem sido o principal meio pelo qual as sociedades preservam suas histórias, mitos, leis e práticas culturais. Esse processo de tradição oral não apenas assegura a continuidade cultural, mas demonstra a sua importância na formação de indivíduos críticos, criativos e éticos. As obras orais serviam não apenas para entreter, mas também para educar e moralizar, reforçando valores como a justiça, a coragem, a misericórdia[46], a simplicidade[47], a generosidade[48], a compaixão[49], a temperança[50], entre outras virtudes.

A oralidade também permite a expressão de diversidades culturais e sociais, que envolvem uma gama de visões de mundo de diferentes origens, diferentes cenários, e que correspondem a uma série de palavras e emoções. Segundo Bakhtin (1999), "[...] a polifonia é a coexistência de várias vozes e visões de mundo", integrando múltiplas perspectivas da realidade social e humana. O conflito entre essas vozes, portanto, não se limita ao universo ficcional, aludindo também a questões mais profundas sobre a realidade social humana.

---

[46] Misericórdia é a virtude do perdão (Comte-Sponville, 2009, p. 131).

[47] A simplicidade constitui uma virtude intelectual, mas é também uma virtude moral, ou mesmo espiritual. Transparência no olhar, pureza no coração, sinceridade do discurso, retidão da alma (Comte-Sponville, 2009, p. 167).

[48] A generosidade eleva-nos em direção aos outros, poderíamos dizer a nós mesmos, enquanto libertos de nosso pequeno eu (Comte-Sponville, 2009, p. 113).

[49] A compaixão é a simpatia na dor ou tristeza; em outras palavras, é participar do sentimento do outro (Comte-Sponville, 2009, p. 47).

[50] A temperança, como a prudência, não visa a superar nossos limites, mas respeitá-los (Comte-Sponville, 2009, p. 47).

Por meio da narrativa oral, os indivíduos aprendem a articular suas emoções e têm a possibilidade de compreender as emoções alheias no processo de comunicação verbal que também estimula os ouvintes, que são incentivados a interpretar, questionar e imaginar diferentes cenários e soluções para os problemas apresentados nas narrativas. Segundo Cândido (2006), a literatura derivada da tradição oral não apenas reflete as emoções e visões de mundo dos indivíduos e grupos, mas também desempenha um papel crucial na formação da identidade cultural e social dos indivíduos.

Além disso, a oralidade, conforme destacada por Cândido (2004), está intrinsecamente ligada à literatura, funcionando como um alicerce e visões de mundo dos indivíduos e grupos. A literatura, derivada frequentemente dessa oralidade, permite que as narrativas reflitam as experiências e perspectivas diversas das comunidades, contribuindo para a construção de identidades coletivas e individuais. “A escrita, desde o início, não levou a oralidade a um encolhimento, mas consagrou-a, possibilitando a organização dos 'princípios' ou constituintes da oratória em uma arte científica” (Ong, 1998, p.17).

Dessa maneira, as culturas orais sempre foram importantes para o desenvolvimento de todas as ciências no mundo todo, e o nascimento da escrita não fez a oralidade menos importante, mas fixou sua referência para o nascimento dos livros, das memórias e identidades culturais para não serem esquecidas, e sim preservadas. Nesse sentido a tradição oral permite compreender melhor a sociedade medieval e sua cultura, que deixou muitas memórias. Além disso, podemos aprender como os valores e virtudes foram transmitidos, aplicando-os em nossas vidas cotidianas.

> Durante muito tempo, no domínio literário, a oralidade continua ao lado da escrita, e a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval. Isso é particularmente verdadeiro para os séculos XI e XII e para a canção de gesta, que não só faz apelo a processos de memorização por parte do trovador e do jogral como por parte dos ouvintes, mas que se integra na memória coletiva [...] (Le Goff, 2013, p. 412).

A oralidade como mantenedora da tradição permeou um longo caminho de troca de conhecimento na construção das relações humanas, valores e deveres na Idade Média, por meio do compartilhamento de experiências de vida. As narrativas orais não apenas preservavam o que se chama de memória coletiva[51], mas também transmitiam normas e tradições que eram essenciais para os membros de uma comunidade que chegaram a multiplicar-se com a chegada

[51] A memória coletiva constitui em parte seu saber com os instrumentos tradicionais, mas diferentemente concebidos. Sobretudo pela constituição de arquivos profundamente novos em que os mais característicos são os arquivos orais. Desempenha um papel importante.

da escrita: “Nesse mundo, o que passa a oralidade à escrita, multiplica-se” (Le Goff, 2013, p. 413).

> A oralidade e as cantigas desempenharam um papel fundamental na construção das relações humanas ao longo da história. A tradição oral, que se refere à transmissão de conhecimentos, valores e culturas por meio da palavra falada, foi essencial para a formação de laços sociais e culturais (Ong, 1998, p. 18).

Na Idade Média, as cantigas, poemas e rimas desempenharam um papel importante na formação das relações humanas, transmitindo virtudes essenciais para o desenvolvimento do homem. As cantigas e poemas medievais foram utilizados para expressar sentimentos, valores e experiências, contribuindo para a formação de laços sociais e culturais. “Passaram de geração em geração, pela tradição oral, quer pelos jograis, quer pelos contadores de histórias, ou simplesmente pela necessidade de comunicação que existe entre os seres humanos” (Salem, 1970, p. 3).

As cantigas e poemas[52] medievais foram utilizados para expressar sentimentos, valores e experiências, contribuindo para a formação de laços sociais e culturais, todos envolvidos pelos valores das virtudes que faziam parte da formação de caráter e desenvolvimento humano nas relações.

> A honra, portanto, o comportamento moralmente correto, mais ainda que a força e a glória do cavaleiro. O enobrecimento dos costumes cavaleiros, era um dado real da evolução histórica. Além disso entenderá melhor as verdades da fé e aprenderá os exemplos da história, junto a instrução intelectual (Manacorda, 1992, p. 158).

Nesse sentido, os valores transmitidos pelas cantigas, canções de gesta[53], poemas épicos[54] e epopeias[55] possibilitavam manter os costumes da época, que fomentavam as raízes das virtudes e permitiam a transmissão de valores e realidades históricas[56]. Por gerações, lendas e mitos foram preservados no contexto histórico.

---

[52] No cenário da Idade Média, a poesia trovadoresca foi fenômeno literário de ampla ocorrência, sendo imitada no norte da França, entre os *trouvères*; na Alemanha pelos *Minnesingers*; na Itália, por trovadores que versificam em provençal (Mongelli, 2009, p. 39).

[53] Trata-se, portanto, de um poema ou conjunto de poemas cujos temas referem-se a um mesmo grupo de eventos lendários, ou de protagonistas, daí serem concebidos dentro dos ciclos. Eles partem de um personagem ou acontecimento real, pela lenda e transmissão oral, o que se atesta pelas inúmeras versões de cada história. Seu núcleo reside nas efemérides belicosas ocorridas na Alta Idade Média, período de grandes invasões e de lutas pela conquista do território (Jonin, 2005, p. 5).

[54] A profusão de poemas épicos e de lendas em que a fé cristã e o sentido do milagre, apoiado no relato de frequentes aparições e no culto das relíquias e de santuários, se traduzem num “cristianismo de guerra” muito original, que faz coincidir a exaltação da espiritualidade cristã com a glória militar e mostra, com frequência, a Virgem e S. Tiago, [...] (Le Goff, 1989, p. 60).

[55] A epopeia é bastante longa, o que permite digressões e uma multiplicidade de episódios, dentre os quais ressaltam o amoroso e a descida ao inferno. (Jonin, 2005, p.06).

[56] A gesta aproxima-se da realidade histórica que lhe serve como ponto de partida, ao passo que a epopeia dela se

Pode-se citar como exemplo *A Canção de Rolando*, que se situa do século VIII ao século XI, constituindo-se como uma transfiguração histórica, com exaltação à mística e ao cavaleiro no contexto sociocultural, que foi escrita posteriormente[57]. Como aponta Le Goff (1989, p.60) sobre a morte de Rolando:

> O facto é que a sua morte, no século VIII, durante uma emboscada no desfiladeiro de Roncesvales, nos Pirenéus, deu, mais ou menos imediatamente, origem a uma tradição épica que, no século XI, é assumida como paradigma do martírio pela fé. O seu fim, narrado nos versos comovidos da Chanson, é o de um vassalo de um Deus guerreiro; antes de fechar os olhos, o paladino entoa uma autêntica canção de amor à sua espada Durandal, em cujo punho estão encerradas relíquias preciosas, e depois, num acto supremo de fidelitas, oferece a sua luva a Deus, erguendo-a para o céu, que imediatamente se abre para que uma legião de anjos desça e leve o herói até às portas do paraíso (Le Goff, 1989, p. 60).

Dessa maneira, Rolando representa o ideal do cavaleiro que luta e morre pelos valores pregados na época à ordem da cavalaria na tradição ideológica em que, pela força da natureza, as virtudes eram o significado maior de honra e de bons costumes pela fé, justiça, coragem, amizade e lealdade ao seu senhor e aos povos. Além disso, a oralidade permitia a adaptação e reinterpretação das histórias ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais e culturais, políticas e históricas que se respaldavam no impacto das relações humanas calcado nos valores da Idade Média, como as virtudes[58] que se mantêm, inclusive, na contemporaneidade.

Vale ressaltar que a literatura medieval, incluindo obras como *A Canção de Rolando*, a mais antiga da França, traz à tona a reflexão sobre a importância da tradição oral da época. A obra mencionada foi composta oralmente antes de ser registrada por escrito, e sua estrutura e linguagem refletem a oralidade e o período da época, direcionada pelas virtudes e batalhas travadas, tendo como foco o herói em um complexo de relações e comportamentos, valores éticos e princípios de moralidade nas relações humanas. Convém frisar que tais aspectos ultrapassam a beleza estética, pois fornecem uma nova visão para entender a história, a cultura de um povo e a identidade de patrimônio cultural, no que concerne à sociedade medieval. Como afirma Jonin (2005):

> Além da importância ideológica da religião, percebe-se no texto, no âmbito cultural em sentido estrito, o impacto da formação da base clerical, através da influência da bíblia sobre o escriba, atestada em inúmeras passagens, como a

afasta. Ambos os textos recorrem ao maravilhoso, pagão na epopeia, cristão na gesta. (Jonin, 2005, p.06).

[57] Pela ideologia do texto e pelo estado da língua, acredita-se que tenha sido escrita entre o final do século XI e meados do século XII (Jonin, 2005, p. 8).

[58] As virtudes intelectuais, que aperfeiçoam o homem em sua potência mais nobre e superior, adquirem-se por meio do ensino e de aprendizagem, para o que é necessário tempo e experiência. As virtudes morais, cujo objeto é a regulação das potências irracionais, das paixões, sentimentos e ações da parte inferior do homem, requerem também um longo exercício, repetindo muitas vezes os mesmos atos para chegar a convertê-los em hábitos (Capolarini, 2008, p. 25).

> dos sonhos premonitórios do imperador, da oração de Carlos Magno antes da batalha final (Jonin,2005, p. 08).

Dessa forma, na oralidade, as vozes que se entrelaçam formam uma teia de discursos que se enfrentam e se encontram, e é nesse choque que podemos descobrir muito sobre o mundo real e imaginário presentes nas relações humanas, compreendendo sobre as camadas nobres e a resistência de dominação e, ao mesmo tempo, sobre as virtudes, como nos campos de batalhas, onde o herói morria em valor de coragem, em que as amizades se faziam presentes, a misericórdia, compaixão e justiça. As tradições religiosas tiveram origem no passado oral, na palavra falada, nas pregações, nos ensinamentos, hinos e poemas que expressavam a devoção e a fé.

Como aponta Ong (1998):

> A interação entre oralidade e cultura escrita penetra nas preocupações e nas aspirações fundamentais do ser humano. Todas as tradições religiosas da humanidade têm origem remota no passado oral e é evidente que todas elas dão uma enorme importância à palavra falada. Contudo, as principais religiões do mundo também foram interiorizadas pela expansão de textos sagrados: os Vedas, a Bíblia, o Corão. (Ong, 1998, p. 199).

A interação na oralidade entre pregador e ouvinte abordava temas como amor, guerra, religião e política, refletindo os valores da sociedade medieval, possíveis até de levantar revoltas e guerra. "Um sermão agia sobre a multidão, podia imediatamente desencadear uma cruzada, propagar uma heresia, preparar revoltas" (Pernoud, 1997, p. 105). Nesse sentido, a oralidade era instrumento de expressão que, pela sua constituição e produção, revelava a memorização das ações humanas, das anedotas[59], testemunhos, assembleias, das tradições locais, jograis[60], cantigas, mensagens poéticas, ficção e realidade que se tornaram parte da tradição oral[61] na Idade Média. Indubitavelmente, a tradição oral ainda hoje é importante para as gerações que se remetem ao conhecimento das etapas históricas em complexidade e amplitude. A literatura medieval, transmitida principalmente de forma oral, servia não apenas para entreter, mas também para educar e consolidar os ideais morais e comportamentais da sociedade média que estavam vinculados às virtudes morais e religiosas da época.

---

[59] A "anedota", com mais frequência, remete globalmente a um conjunto de textos, dos quais só alguns são conhecidos. Donde a incerteza, mas também a importância (para a história geral), da aposta. Assim se dá com um texto famoso da Translatio de s. Wulfram, que foi escrita por um monge de Fontenelle e indica, entre os milagres de seu herói, a cura em 1053 de certo Thibaut, cônego de Vernon: Hic quippe est ille Tebaldus... ("Aquele mesmo, bem conhecido, que adaptou, com eloqüência, do latim em língua vulgar, a história de numerosos santos, entre os quais s. Wandrille, e lhes compôs belas canções em ritmos vibrantes.") (Zumthor, 1993, p. 42).

[60] Jogral liga-se à festa, uma das tribunas da sociedade medieval, e ao mesmo tempo ao desabafo e ruptura, prospectiva e redenção ritual, espaço plenário da voz humana (Zumthor, 1993, p. 66).

[61] "Tradição oral e transmissão oral: a primeira se situa na duração; a segunda, no presente da performance" (Zumthor, 1993, p. 17).

Compreende-se que a tradição oral se configura como preservação de memória e compartilhamento de valores, que tem resistido ao tempo. Fica claro que ela foi fundamental para a transmissão de saberes na época, por ser uma prática social. A partir dessas breves considerações sobre a tradição oral, considera-se que os poemas e as canções de gestas medievais são uma parte fundamental da história. Mesmo com o nascimento da escrita, sua importância continua a ser reconhecida, pesquisada pelos historiadores, devido a sua relevância de vastas extensões e o complexo de relações que se transpõe nas peculiaridades da representação da tradição oral. No entanto, vale afirmar que, no contexto da tradição, também havia a falta de registro escrito que tornava difícil a preservação das informações. Conforme Durkheim (1995), historicamente a influência das escolas medievais foi de suma importância para a educação, moldando não apenas a estrutura básica, mas também muitos dos valores e práticas que continuam até hoje, como o papel da disciplina, a formação moral e a busca pelo conhecimento em sua plena essência.

> Escolas de catequização das igrejas, escolas claustrais monásticas, eis o gênero muito humilde e modesto donde saiu todo nosso sistema de ensino. Escolas elementares, universidades, colégios, tudo nos veio de lá; e eis por que de lá precisamos partir. E porque nossa organização escolar, em toda sua complexidade, derivou mesmo dessa célula primitiva é que ela também nos explica, e somente ela pode, alguns dos caracteres essenciais que têm apresentado ao longo de sua história ou manteve até os dias de hoje. (Durkheim, 1995, p. 30).

Assim, faz-se necessário o estudo do passado para compreender o sistema educacional moderno que carrega traços fundamentais dessas primeiras escolas[62], como a tradição oral que acontece no sistema vigente de ensino.

É preciso, portanto, compreender que, de certo modo, a tradição oral da Idade Média ainda está presente nas práticas educacionais que promovem a interdisciplinaridade das áreas do saber, como, por exemplo, pela oralidade cultural trazida pelos alunos e crianças no diálogo que mantém vivas as tradições: “É um elemento importante, que não se pode desconhecer e ao qual nós, contemporâneos, não podemos de maneira nenhuma renunciar” (Le Goff, 1989, p. 78).

Incorporar práticas pedagógicas que respeitem e utilizem a tradição oral contribui para um ambiente educacional onde diferentes vozes e perspectivas são ouvidas e valorizadas. A utilização envolve contação de histórias, debates orais e apresentações verbais, cantigas de

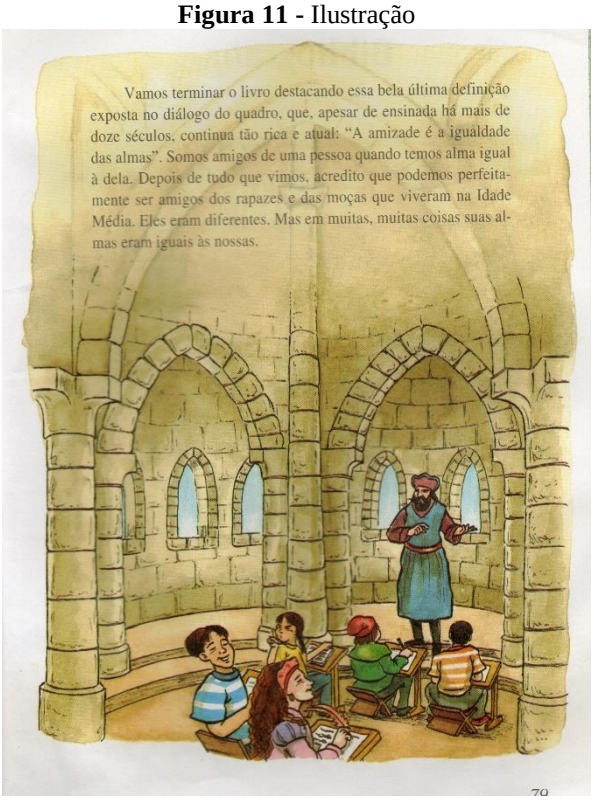
[62] Não há formação humana sem formação moral. Sem ela, todos os demais valores da pessoa e da sociedade começam a desmoronar (Salem, 1970, p. 22).

rodas, brincadeiras, trava-línguas, cordéis, rimas que podem enriquecer o processo de aprendizagem, tornando-o significativo e cultural. Além disso, a integração da tradição oral nas práticas educativas promove a preservação de patrimônios culturais fortalecendo a identidade histórica de um povo, de um século, ou um período como a Idade Média, que são fontes de estudo para se compreender a formação humana, sendo indispensável um diálogo dos olhares contemporâneos com o passado. “A Idade Média é o nascimento do sistema de ensino, de tudo o que permaneceu com base do nosso ensino” (Le Goff, 1986, p. 108).

Deve estar evidente que a tradição oral na educação é fundamental para garantir que as múltiplas vozes que constituem o tecido social de outras sociedades sejam integradas ao processo educativo. Essa valorização fortalece a construção de uma sociedade mais equitativa de conhecimento, e consciente de suas próprias riquezas culturais que advêm da tradição oral e de períodos mais antigos.

Evandro Faustino (2001), ao escrever *Uma proposta para o uso didático da “Chanson de Roland” no ensino fundamental*, na última página, deixa uma ilustração mostrando uma imagem referente à oralidade no ambiente educacional, com uma mensagem sobre a virtude da amizade que ainda continua entre os povos e se faz importante.

Figura 11 - Ilustração



Fonte: Livro “Uma proposta para o uso didático em *A Canção de Rolando* no Ensino Fundamental*(*Faustino, 2001,p.79).

Nessa imagem, fica visível a reprodução de diálogos entre as crianças, estabelecendo que a tradição oral desempenha um papel fundamental na construção das relações humanas, especialmente na Idade Média, que foi período marcado por intensos diálogos. Segundo Le Goff (2013), a literatura medieval é estritamente ligada à sua época e inseparável das realidades que constituíram a vida cotidiana do tempo. É importante apontar que a Igreja Católica também utilizou a tradição oral para transmitir os sermões, as orações e estabelecer a ordem. Eram as formas de comunicação oral que permitiam a transmissão de valores morais para a formação do homem e as relações humanas.

No contexto de *A Canção de Rolando,* na análise da obra é possível vislumbrar que o conceito de oralidade pode ser uma ferramenta pedagógica contemporânea, que pode ser apresentada nos estudos de cantigas e narrativas, gêneros textuais que incorporam as estruturas da tradição oral. Por meio da recitação constante, os ideais de coragem e honra, testemunho de força, por exemplo, fixavam-se na mente do público. Mesmo diante da iminente derrota, Rolando recusa-se a pedir ajuda, preferindo enfrentar a morte com honra a ser visto como covarde, demostrando coragem e fé, que são valores personificados da cavalaria medieval com preceitos de lealdade à terra e a Deus, símbolo de bravura e lealdade, e confiança em Deus para sua salvação.

> Virou a cabeça para a raça pagã: fez isto porque quer que Carlos diga, e assim todos os demais, que o gentil conde morreu como um conquistador. Bate no peito fracamente muitas vezes. Por seus pecados, estende a luva para Deus. Os Anjos do céu descem para buscar ele (Vassallo, 1984, versos 2355 a 2365, p. 77).

As virtudes eram fundamentais para os cavaleiros medievais. A morte de Rolando pode ser considerada gloriosa, e sua coragem também se manifesta na busca da reconciliação com Deus, como a de um verdadeiro herói medieval; oferece sua luva, um símbolo de sua nobreza e honra a Deus. Ainda se preocupa que sua morte seja lembrada como de um herói que lutou bravamente para conquistar a terra e sua fidelidade ao Carlos Magno.

Muito presentes em *A Canção de Rolando* são as repetições de palavras, comuns nas cantigas de roda, frases e cenas com detalhes semelhantes; facilitam a memorização e a musicalidade dos versos. Veja, por exemplo, que os versos 84 (versos 1059 a 1069) e verso 85 (versos 1070 a 1081) ambos começam assim: “Companheiro Rolando, tocai vosso olifante. Carlos ouvirá e mandará o exército voltar; o rei e seu barões virão nos socorrer” (Vassallo, versos 1059-1069, 1984, p. 46). “Companheiro Rolando, tocai vosso olifante. Carlos que está

na passagem dos desfiladeiros, ouvirá, garanto que os franceses voltarão (Vassallo, versos 1070 a 1081, 1984, p. 46).

A riqueza de detalhes nas repetições, como a descrição dos golpes e do sofrimento dos feridos nas batalhas, transporta o leitor e ouvinte para as cenas, permitindo que ele experimente a emoção da batalha, imagine, fantasie e construa sentidos relevantes do combate para o cavaleiro, reafirmando pontos centrais como a coragem presente nos combates e o valor da cavalaria e, por conseguinte, o expectador possa compreender sobre a cultura medieval.

Também em outros versos é possível ver as repetições de "A batalha é maravilhosa e se precipita, os franceses atacam com força, com raiva, cortam punhos, flancos, espinhas, roupas até carnes vivas" (Vassallo, 1984, p.60, 125 - versos 1653 a 1662). E nos versos 126 (versos 1663 a 1670) "A batalha é maravilhosa e grande, os franceses atacam com lanças brunidas. Ah! Se vísseis tanto sofrimento e tantos homens mortos e feridos ensanguentados (Vassallo,1984, p.60). Na frase "batalha é maravilhosa", exalta a forma como eles lutam com coragem e bravura, demostrando as virtudes dos guerreiros, valores tão importantes na sociedade medieval em meio ao sofrimento da batalha narrada de forma clara e que mostra todo o impacto da batalha.

Ou seja, as repetições presentes em muitos versos intensificam a tradição oral, envolvendo a memorização pela repetição, explorando na oralidade a preservação de valores morais do contexto medieval utilizado por trovadores através da dos temas heroicos e religiosos. "Amigo Rolando, o bravo, o jovem, quando eu estiver na minha capela, os vassalos irão perguntar as novidades e eu lhes direi coisas espantosas e cruéis" (Vassallo, 1984, p. 90, 209 - versos 2916 a 2932). Também nos versos 210 (versos 2933-2944) "Amigo Rolando, que Deus tenha misericórdia de ti. Que a tua alma seja colocada no Paraíso! Quem te matou fez a desgraça da França: tenho um pesar tão grande que não quero mais viver!" (Vassallo, 1984, p. 91).

Esses versos de *A Canção de Rolando* são um testemunho da profunda dor de Carlos Magno pela morte de Rolando, o amigo Rolando, pois o rei não apenas perde um amigo e um vassalo leal, mas também um herói que representava a força e toda bravura da França. A repetição da palavra amigo demonstra a intensidade da dor de Carlos Magno, que se sente entristecido pela profunda amizade que existia entre ambos, um dos temas centrais do poema épico, que retrata a virtude da amizade como parte importante da vida. Mostra uma dimensão sensível da fé, para que Deus tenha misericórdia da alma de Rolando, que tanto lutou pela França, como um herói valente, corajoso, de ideais éticos da defesa da fé cristã, e a religiosidade.. À vista disso, vale dizer que existe uma relação com as cantigas de roda no uso de fórmulas repetitivas e no ritmo marcante, características comuns em formas de expressão da

cultura popular transmitidas oralmente nos mais variados espaços sociais, como uma ferramenta de educação moral e social.

Tanto *A Canção de Rolando* quanto as cantigas de roda utilizam repetição, expressam virtudes reforçando temas importantes e valores culturais. Assim, a próxima discussão centra-se nas cantigas de roda e as relações humanas na Educação Infantil, visando a demonstrar como as cantigas de roda são relevantes para a aprendizagem, para a formação humana integral, pois trazem, em seu contexto, ensinamentos virtuosos para o bem viver e o respeito ao próximo na pluralidade de boas ações. Essa proposição norteia possíveis práticas pedagógicas que compõem o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem das crianças na primeira infância.

Além disso, *A Canção de Rolando* foi transmitida pela tradição oral, alicerçada no desenvolvimento da memória e das relações humanas, tal qual acontece com as cantigas de roda. Essa relação evidencia a relevância da tradição oral não apenas para compreender o passado, mas também para refletir sobre formas de educação no presente, como uma ferramenta educativa socializadora, que preserva a memória dos povos e mantém vivos conhecimentos do passado de um patrimônio cultural imaterial, promovendo uma relação de igualdade, independentemente de sua origem social ou cultural, onde todos tenham voz nas relações humanas na permanência da oralidade, como parte integrante da construção do conhecimento.

As cantigas de roda, enquanto manifestações da oralidade, representam uma continuidade da tradição de transmitir valores por meio da música e da narrativa. Embora diferentes em forma e função, elas se complementam com as canções de gesta na capacidade de educar e socializar. Em contextos contemporâneos, as cantigas de roda podem ser utilizadas para fortalecer valores como amizade e colaboração, alinhando-se aos ideais éticos exaltados em *A Canção de Rolando*.

4.2 As cantigas de roda e as relações humanas na Educação Infantil nos contextos pedagógicos contemporâneos

As cantigas de roda desempenham um papel relevante no desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil, de forma natural e lúdica e, ao mesmo tempo, proporcionam a socialização e a transmissão de valores culturais e sociais. Essas experiências são colaborativas para o desenvolvimento, extraindo do cotidiano, por meio da produção oral, valores culturais e sociais. Assim como *A Canção de Rolando* exalta virtudes que são parte da cultura medieval, embora não seja um texto infantil também possui elementos lúdicos, como as descrições de

batalhas e os personagens heroicos, que a sensibilidade estética por meio das repetições e musicalidade de rimas despertando a imaginação e fantasia.

A correlação entre as cantigas de roda e *A Canção de Rolando* permite-nos traçar paralelos interessantes entre diferentes maneiras de expressão cultural e de seu papel na educação. Ambos, cada um a seu modo, **contribuem para a formação dos indivíduos** e para a transmissão de valores e conhecimentos pela oralidade. As cantigas "[...] integram o conjunto das canções anônimas que fazem parte da cultura espontânea, decorrente da experiência de vida de qualquer coletividade humana e se dão numa sequência natural e harmônica com o desenvolvimento humano" (Alencar 2010, p. 111). As cantigas de roda são muito mais que simples canções infantis; são uma forma de expressão cultural e que reflete a experiência de vida, costumes, valores e religião, entre outros aspectos lúdicos, culturais e educativos.

Dessa forma, na Educação Infantil, o trabalho com as cantigas de roda manifesta-se significativamente para a ampliação de seu repertório de mundo e interação cultural de geração em geração, assim como na Idade Média, quando as canções de gesta se perpetuavam.

> De letras, ritmo e melodia simples, de fácil entendimento e com muita ludicidade envolvida, as crianças se divertem ao participar. As letras são criadas pelo povo sem um autor determinado, sendo passada de geração a geração. Para começar a brincadeira as pessoas dão-se as mãos, formando uma roda para cantar e dançar, respeitando os comandos que lhes são impostos, trazendo para o aprendizado do aluno o respeito em obedecer às regras que serão necessárias para a realização da brincadeira. Isso proporciona às crianças o desenvolvimento e aprendizagem, tanto cognitivo, afetivo, social, corporal, intelectual, motor (Santana; Mateus, 2022, p. 5).

De forma significativa, as cantigas de roda trazem aprendizado para as crianças pela oralidade, pela ludicidade, pelas repetições, pela simplicidade, associando-se ideais e culturas[63] ao momento de brincar de roda, pelas memórias coletivas, do campo do imaginário para o real, explorando expressões do grupo no espaço de socialização que ampliam o horizonte cultural.
A importância delas reside também em suas manifestações folclóricas, no espaço e tempo incorporados em diferentes formas de interação e contextos. "Expressa ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios. Argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida (Brasil, 2018, p. 55).

São formas de interação social que promovem a união, a cooperação e a participação entre os indivíduos pelas experiências de vida que podem ser utilizadas em diferentes contextos,

[63] A cultura expressa em manifestações que abrangem os conhecimentos, as crenças, os valores, os costumes, as artes (Saraiva, 2011, p. 17).

como brincadeiras, jogos, danças, celebrações, festividades, atuando como um canal de comunicação e manifestação cultural para o desenvolvimento humano.

Dessa maneira, as cantigas de roda proporcionam o reinventar e atraem a participação ativa das crianças que, juntas, cantam, dançam, movimentam-se, batendo palmas, pés, mãos dadas, integrando-se a uma socialização comum entre elas. “Ao cantar em coletividade, a criança sente-se integrada em um grupo e se envolve em papéis de interpretação sonora, adquirindo a consciência de que sua contribuição para o grupo é igualmente importante” (Schmitz, 2012, p. 16). Cantigas de roda proporcionam um espaço de expressão e criatividade, onde cada criança pode contribuir com sua voz e movimento, no contexto das relações interpessoais.

Desse modo, a criança interage, começa a entender o mundo à sua volta, socializando-se com outras culturas e linguagens, formando sua personalidade, podendo-se colocar no lugar do outro, desencadeando o saber e o amadurecimento de suas estruturas. “É socializar-se em contato com a multiplicidade de atores sociais, é expressar a compreensão do mundo pelas linguagens gestuais, artísticas” (Kishimoto, 1993, p. 6).

> Na Educação Infantil deve-se estimular a utilização da linguagem como meio de comunicação, expressão de pensamentos, de sentimentos e das vivências, representação, interpretação e modificação da realidade. O desenvolvimento da expressão oral constitui um elemento fundamental para posterior aprendizagem da leitura e da escrita. (Kishimoto, 1993, p. 100).

As cantigas de roda envolvem o som, o corpo, ritmo, melodias e são consideradas uma forma e um recurso de aprendizagem que exige atenção auditiva e visual para a participação dos envolvidos, produzindo a socialização através da emoção, da expressão de pensamentos, da representação lúdica e da exploração das palavras, por repetição e musicalidade. “A atividade corporal que acompanha a mera vocalização não é eventual ou arquitetada na comunicação oral, mas natural e até mesmo inevitável, é em si um gesto que impressiona” (Ong, 1998, p. 81). Ela alia emoção, memória e expressão física, agregando as manifestações orais através da essencialidade humana, daquilo que uma cantiga pode transmitir ao que foi culturalmente construído no tempo e no espaço.

Cabe ressaltar que a oralidade deve fazer parte do ambiente educativo, porque quanto mais a criança fala mais ela desenvolve novas habilidades no repertório da aprendizagem infantil. A partir da aprovação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC pelo Conselho Nacional de Educação – CNE e homologação pelo Ministério da Educação – MEC, em 20 de dezembro de 2017, o país definiu o conjunto de aprendizagens essenciais a serem garantidas às

crianças no processo de escolarização na Educação Básica, especialmente para as etapas da Educação Infantil. Na contemporaneidade, precisa-se reconfigurar, criar processos voltados à formação de sujeitos críticos, criativos, participativos, visando a inserção social, política e cultural. Nesse sentido "Os campos de experiência constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural" (Brasil, 2018, p. 38).

A Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Traços, sons, cores e formas; Corpo, gestos e movimentos; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, conforme o Referencial Curricular do Paraná . E todos os campos estão interligados com a oralidade na Educação Infantil como parte integrante do ensino, como no campo de experiência: Escuta, fala, pensamento e imaginação. "Participar de situações que envolvam cantigas de roda e textos poéticos, participar de brincadeiras cantadas e cantar músicas de diversos repertórios, conhecer textos poéticos típicos de sua cultura, patrimônio cultural, linguagem oral, ritmo (Paraná, 2018, p. 162-163).

Nesse sentido, vale mencionar que, em *A Canção de Rolando,* é possível vislumbrar "[...] um caráter pedagógico, onde à sua maneira, exprime valores e formas de procedimento acerca da função social de uma camada" (Morais, 2018, p. 82), assim como nas canções de roda, que podem exprimir valores e funções sociais para serem trabalhadas no ensino e na aprendizagem. "Cantando coletivamente, aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo todo, desenvolvemos concentração, cooperação e espírito de coletividade" (Brito, 2003, p. 93). Essa prática desenvolve a concentração, a capacidade de cooperar e um senso de união e colaboração e de valores virtuosos como na cultura medieval.

Nesse aspecto, vale afirmar que *Chansons Enfantines* (canções infantis), em especial *Sur le pont d'Avignon*, constituem uma viagem na tradição francesa pelas cantigas, e têm características comuns com as cantigas brasileiras, como a repetição e a preservação de cultura.

A "Pont d'Avignon", sem autoria definida, assim como *A Canção de Rolando,* é marco da cultura francesa e compartilha de um caminho possível sobre o comportamento social e as relações humanas, entrelaçadas por muitas histórias e memórias. Perpetuou a memória de um local de festividades populares ao longo dos séculos, refletindo a cultura e costumes de um povo alegre, enquanto *A Canção de Rolando* perpetuou-se pelos atos heroicos e virtuosos de Rolando.

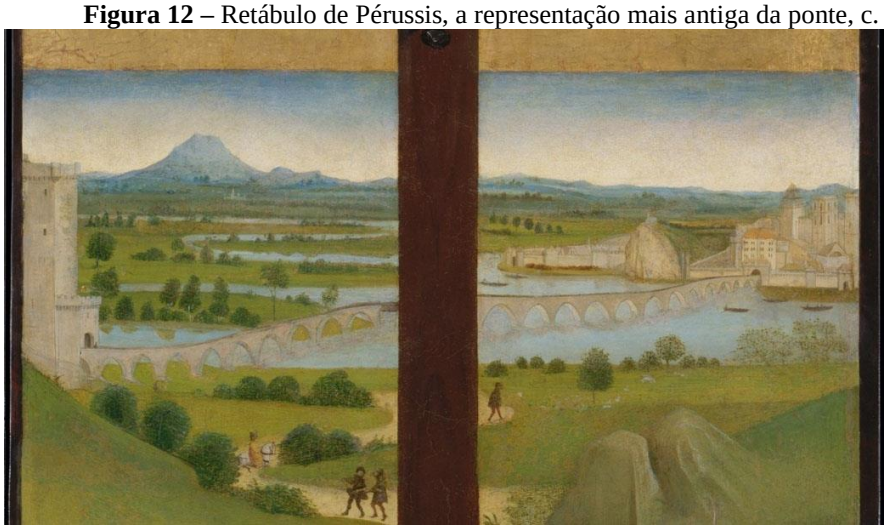
Quadro 2 – A canção francesa Sur le pont d'Avignon e sua tradução para o português

Sur le pont d'Avignon	**A Dança Alegre Sur le pont d'Avignon**
{Refrain:} Sur le pont d'Avignon, On y danse, on y danse Sur le pont d'Avignon,o n y danse, tout en rond. Les bell's dam's font comm' ça, Et puis encor' comm' ça. Les beaux messieurs font comm' ça Et puis encor' comm' ça. Les cordonniers font comm' ça Et puis encor' comm' ça. Les blanchisseuses font comm' ça, Et puis encor' comm' ça.	Na ponte do Avinhão, dançamos lá, dançamos lá, Na ponte do Avinhão dançamos, lá todos em círculos. A mãe da Bell faz assim, e então novamente assim. Cavalheiros bonitos fazem assim, e então novamente assim. Os sapateiros fazem assim, e então novamente assim. Lavadeiras fazem assim. E então novamente assim.

Fonte: Da autora.

Trata-se de um canto lúdico que se refere à dança popular, assim como as cantigas do folclore brasileiro. Na cantiga, exalta-se a construção de uma importante ponte, "*Pont d'Avignon* [64]", entre Lyon e o Mediterrâneo.

Figura 12 – Retábulo de Pérussis, a representação mais antiga da ponte, c. 1480.



Fonte: https:/ Ponte_Saint-B%C3%A9n%C3%A9zet#/media/Ficheiro:Perussis_altarpiece_1480_avignon_bridge_detail.jpg.

A pintura se destaca por conter a mais antiga representação conhecida da Ponte Saint-Bénézet, também conhecida como uma obra de arte que nos permite visualizar como era a ponte em séculos passados e a sua importância cultural e histórica, demostrando o quanto significou

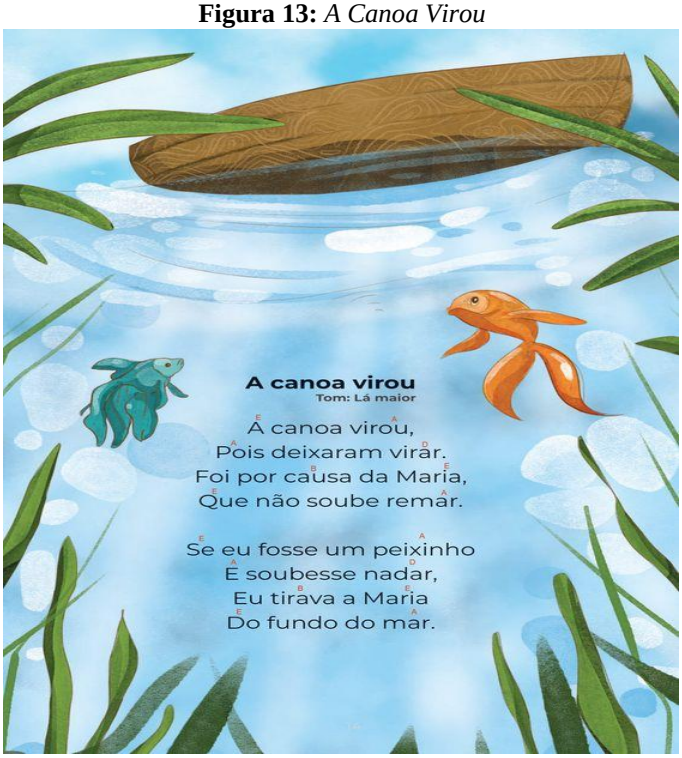
[64] A Ponte do Avinhão foi a maior da Europa na Idade Média (Bispo, 2013, p. 15).

essa cantiga para os estudos históricos, da mesma maneira que *A Canção de Rolando* num contexto histórico-cultural do passado medieval. Tanto a cantiga Pont d'Avignon como *A Canção de Rolando* exploram aspectos culturais e os valores da época do período medieval historicamente, sendo possível estimular e desenvolver o aprendizado que foi divulgado por trovadores.

Dessa maneira, pode-se ressaltar que os trovadores da Idade Média foram cruciais para a divulgação de obras como *A Canção de Rolando,* pois apresentavam-se nas festividades e eventos sociais da realidade medieva nas trocas culturais de cunhos morais e religiosos, mantendo vivos os poemas épicos, satíricos e de amor, cortes, canções de gesta. "Os trovadores foram expostos, como se constata, a uma crescente veia poética. E ao transmiti-la, abririam um acesso de inseminação cultural que desempenharia variados papéis em muitas das mudanças ocorridas na cristandade" (Ramos, 2017, p. 5240). Contribuíam na transmissão de tradições, lendas, identidades culturais, costumes da nobreza, propagando ideias e valores da época que se manifestavam na sociedade medieval, predominantemente oral. Todavia os trovadores compartilham da oralidade, do lúdico e das funções sociais que são também características das cantigas de roda.

Assim, a dinâmica interdisciplinar com as cantigas de roda, na prática pedagógica do contexto da Educação Infantil, apresenta-se como propícia para que o professor ofereça espaços para as crianças imaginarem um universo multicultural que estimule as diferentes áreas de aprendizagem para seu desenvolvimento, possibilitando descobertas e o próprio pensar atribuídos à imaginação, curiosidade, levantamentos de ideias, participação social e, principalmente, o desenvolvimento cultural com a presença da oralidade. As práticas de linguagem oral na Educação Infantil constituem-se como primordiais, pois ampliam o repertório de comunicação e ainda enriquecem as experiências com as famílias, visto que as cantigas de roda passam de geração em geração. No Brasil, podemos usar como exemplo de cantiga de roda *A canoa virou,* que foi escrita por Braguinha (Carlos Alberto Ferreira Braga), compilador de mais de 400 cantigas de roda tradicionais.

Figura 13: *A Canoa Virou*



Fonte: Domínio público.

Nessa cantiga, é possível trabalhar, além da oralidade, o desenvolvimento das relações humanas na roda, pois, ao ficarem em roda de mãos dadas, as crianças sentem a cooperação, o respeito e as virtudes como a amizade[65] e a doçura[66]. Esses momentos fazem dessa cantiga uma ferramenta para ensinar valores reflexivos sobre ajudar ao próximo, que não sabia remar e precisava de ajuda.

O quadro a seguir demostra momentos pedagógicos planejados que podem ser realizados por meio da cantiga de roda *A Canoa Virou* com as crianças em idade pré-escolar na Educação Infantil (4 e 5 anos).

Quadro 3 – Momentos pedagógicos com a canção *A Canoa Virou*

Primeiro Momento

- Apresentar a cantiga de roda;
- Brincar com as crianças em roda cantando e repetindo em área externa;
- Dialogar com as crianças sobre a música.

OBJETIVOS:

- Explorar a imaginação e a oralidade;
- Favorecer o desenvolvimento das relações humanas;
- Desenvolver a memória;
- Desenvolver as dinâmicas culturais.

[65] Devem se buscar aqueles que, sendo agradáveis, também são bons, inclusive para eles, pois assim teriam todas as características que os amigos devem ter (Aristóteles, 1991, p. 190).

[66] Bondade Natural; podemos viver sem caridade, toda a história da humanidade é prova, mas sem um mínimo de doçura não (Comte-Sponville, 2009, p. 208).

Segundo Momento ● Fazer desenhos coletivos sobre a cantiga de roda; ● Contar a história Peixe Pixote de Sonia Junqueira OBJETIVOS: ● Sensibilizar a criança para respeitar o outro; ● Auxiliar a criança nas competências socioemocionais; ● Desenvolver a empatia de se colocar no lugar do outro.
Terceiro Momento ● Brincar com a cantiga de roda e outras cantigas de roda; ● Mandar um bilhete para as famílias pedindo que cantem para seus filhos a cantiga de roda preferida deles na infância e que a enviem por escrito; depois, a professora fará um mural com as cantigas enviadas pelos pais e cantará com as crianças durante as aulas, trabalhando a tradição oral e a oralidade, as relações humanas das canções; ● Dialogar com as crianças sobre as cantigas enviadas pelas famílias. OBJETIVOS: ● Possibilitar a participação da família na relação família & escola; ● Favorecer o desenvolvimento afetivo, social, intelectual e multicultural; ● Desenvolver as habilidades de relacionamento.

Fonte: Elaborada pela autora.

Assim como essa cantiga de roda sugerida, outras também podem ser trabalhadas para desenvolver as relações humanas e boas condutas no conceito das virtudes tão importantes para a formação humana, seja no passado, presente ou futuro, transformando a consciência para a relação ao entorno e convivências mais harmoniosas. Compreendemos, portanto, que a tradição oral e a oralidade muito contribuem para a sociedade, em todos os tempos, inclusive na Idade Média, um momento histórico, com estudos que podem transformar vidas para melhor, quando se passa a compreender sobre como aquelas sociedades deixaram o legado de conhecimentos históricos, sociais e filosóficos.

Dessa maneira pode-se usar também a cantiga de roda *A Árvore da Montanha* que, sem autoria definida, foi transmitida oralmente e tem uma cadência ritmada semelhante à *Ponte do Avinhão*, pois ambas têm em comum os espaços de convívio social explorando interações sociais e a reflexão sobre os lugares e os valores que regem a sociedade. Também levanta reflexões sobre o ser humano na sua relação com o meio ambiente e faz parte da tradição oral, onde a repetição de palavras possibilita um ritmo envolvente e de aprendizado de forma lúdica.

Além disso, *A Canção de Rolando* reflete a figura do cavaleiro Rolando; assim também *A Árvore da Montanha* exalta a cultura indígena na canção, que representa o ser humano em sua relação com a natureza e com o mundo ao seu redor.

Quadro 4 – Canção *A Árvore da Montanha*

A árvore da montanha Ole-li aio A árvore da montanha Ole-li aio Esta árvore tinha um galho Ô que galho, belo galho Ai, ai, ai que amor de galho E o galho da árvore A árvore da montanha Ole-li aio A árvore da montanha Ole-li aio Este galho tinha um broto Ô que broto, belo broto Ai, ai, ai que amor de broto E o broto do galho E o galho da árvore A árvore da montanha Ole-li aio A árvore da montanha Ole-li aio	E o broto do galho E o galho da árvore A árvore da montanha Ole-li aio A árvore da montanha Ole-li aio Este broto tinha uma folha E esta folha tinha um ninho E este ninho tinha um ovo E este ovo tinha uma ave E esta ave tinha uma pluma E esta pluma tinha um índio E este índio tinha um arco E este arco tinha uma flecha Esta flecha foi na árvore Ô que árvore, bela árvore Ai, ai, ai que amor de árvore E a árvore da montanha Ole-li-aio A árvore da montanha Ole-li aio

Fonte: https://www.letras.mus.br/cancoes-escoteiras/630028/.

A inclusão dessa cantiga, *A Árvore da Montanha*, abre um leque de possiblidades para o ensino dentro dos campos de experiência na Educação Infantil, pois é possível trabalhar a oralidade dentro dos cinco campos de experiências: Corpo, gestos e movimentos; Escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações; Eu, o outro e nós; Traços, sons, cores e formas. Isto porque a cantiga popular celebra a tradição oral, oralidade e cultura popular.

Na apresentação da canção podemos discutir com as crianças sobre os elementos da natureza presentes em nossas vidas, proporcionado uma aula ao ar livre embaixo de uma árvore para cantar a cantiga e também fazer uma roda de conversa explorando a canção e ultrapassando as barreiras do tempo e espaço através de "[...] (ritmo e melodia) é o componente que merece destaque na cantiga de roda" (Silva, 2014, p. 35). Pode-se também usar a versão do áudio e vídeo do grupo *Palavra Cantada*, que faz uma apresentação da cantiga (https://www.youtube.com/watch?v=Ab86bgwdLp0), trabalhando a escuta, atenção e concentração.

Em um segundo momento é possível realizar uma releitura da canção com uma possível peça teatral explorando a oralidade, a criatividade e a imaginação das crianças, ainda sendo possível promover a criação de objetos musicais para a realização da melodia e ritmo, desenvolvendo a interação social pelos elementos lúdicos e naturais, ampliando a comunicação oral.

No terceiro momento pode-se realizar o plantio de árvores, explicando sobre sua importância para o planeta e para a humanidade na continuidade da vida e de sua necessidade para a humanidade, tornando as crianças capazes de compreender a relação entre o ser humano e o meio ambiente, de maneira ética na construção de um futuro sustentável que valoriza a vida. Portanto, as cantigas de roda estão inseridas no contexto da tradição oral e oralidade, transmitem valores no contexto das manifestações culturais, e *A Canção de Rolando* também compartilha de manifestação cultural, da oralidade, valores e crenças que podem influenciar e ensinar gerações sobre costumes e virtudes no processo de formação humana.

Ressalta-se que *A Canção de Rolando* narra o heroísmo do cavaleiro e é marcada por repetições, ritmos em versos, capaz de transmitir uma narrativa que retrata as virtudes, numa educação moral e social, não se restringindo apenas aos fatos históricos da Idade Média, no contexto de uma narrativa épica. As narrativas épicas eram recitadas por jograis, trovadores e poetas que percorriam as cidades medievais, propagando os feitos heroicos dos cavaleiros.

Justifica-se que as cantigas de roda continuam sendo uma forma de expressão cultural e de alegria para crianças, e assemelham-se à *A Canção de Rolando* pelas repetições em versos e pelos valores sociais como amizade, coragem e cooperação, que são essenciais no desenvolvimento, na capacidade de aprendizagem e ensinamentos em diferentes sociedades e gerações; podem ser ferramentas de educação moral e social em práticas pedagógicas contemporâneas.

A figura de Rolando era a exemplificação do herói trágico e virtuoso, do cavaleiro medieval, herói, e a estrutura rítmica da canção permitia a memorização pelas repetições e sintonia do poema ligado aos valores humanos e divinos em prol das virtudes da amizade e coragem, tornando-se um símbolo de fé cristã em defesa do reino na batalha, de quem é capaz de morrer em nome da fé, da lealdade e da amizade.

Embora diferentes e semelhantes ao mesmo tempo, as cantigas de roda e as canções de gesta tornam-se importantes para a educação no processo de ensino e aprendizagem. Ambas são manifestações da cultura, advindas da oralidade com conhecimentos históricos, culturais, geográficos, morais, valores e linguagem, e promovem o pensar sobre os temas abordados no contexto histórico-cultural, servindo para educar e inspirar o conhecimento.

A relação entre *A Canção de Rolando* e as cantigas de roda não se restringe a um olhar retrospectivo sobre a tradição oral, mas encontra ressonância na atualidade, especialmente no contexto educacional. Apesar das transformações históricas e culturais, a oralidade continua sendo um dos pilares da aprendizagem infantil, desempenhando um papel fundamental na construção do imaginário e na socialização das crianças.

Nesse sentido, o estudo da tradição oral não se limita a um resgate histórico, mas pode ser incorporado a práticas pedagógicas contemporâneas, possibilitando a percepção de que a transmissão oral, antes presente nas canções de gesta, ainda se manifesta nas interações infantis por meio das cantigas de roda. A musicalidade, a repetição e a construção coletiva dessas manifestações reforçam a importância da oralidade na formação da identidade cultural das crianças, assim como na Idade Média as narrativas heroicas auxiliavam na consolidação de valores sociais.

Ao trazer essa perspectiva para a sala de aula, é possível estimular as crianças a refletirem sobre a permanência das histórias ao longo do tempo, promovendo atividades de recontagem, dramatização e musicalização que evidenciem a continuidade e a adaptação das narrativas orais. Dessa forma, a relação entre *A Canção de Rolando* e as cantigas de roda não se limita a um exercício comparativo, mas se transforma em uma ferramenta para ampliar a consciência histórica e cultural das crianças, destacando a oralidade como um elemento essencial do processo educativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo *A canção de Rolando* mostrou um caminho percorrido por seções que procuram fazer uma análise sobre a relevância da mesma para as relações humana no contexto da sociedade medieval, destacando as virtudes da amizade, coragem e justiça como parte integrante de todo o percurso que as conectava ao contexto histórico-político, ilustrando os valores sociais e morais presentes na Idade Média com relevância significativa na contemporaneidade.

A pesquisa não apenas trouxe o conhecimento histórico, mas também refletiu sobre a exaltação das virtudes nas ações do herói, que foram pilares éticos da sociedade feudal, pois a Igreja detinha um papel importante na mentalidade da época e da identidade cultural.

A obra enfatiza a exaltação das virtudes, a transmissão de valores concernentes às crenças compartilhadas na Idade Média, tornando-se convidativa para a reflexão da natureza humana, por meio da canção de gesta que narra as batalhas e poder.

A Canção de Rolando elucida os valores fundamentais da sociedade do contexto histórico estudado dialogando com os pilares da organização social sobre a convivência, honra, fé e cuidado com o outro, no contexto das relações humanas, em qualquer época, baseadas em

princípios morais. Ainda cabe ressaltar que as virtudes também fazem parte do conceito de longa duração e por isso tornam-se indispensáveis à vida humana, independente do seu século.

A partir do estudo foi possível, na terceira seção, elaborar uma sequência pedagógica para as crianças com elementos da tradição oral nas cantigas de roda, de maneira lúdica, o que fornece e enriquece o processo de ensino e aprendizagem pelos valores e virtudes que promovem passos para a formação e relações humanas com desenvolvimento de valores. Pois *A Canção de Rolando*, assim como as cantigas de roda, faz parte da tradição oral, e elas têm em comum em seus versos as repetições para transmitir ideais de coragem, liderança e justiça, sendo um instrumento de ensino e reforço cultural, e visivelmente recitadas em feiras, castelos e campos de batalha.

Dessa maneira, *A Canção de Rolando* sintetiza os valores e virtudes fundamentais para o convívio social e desenvolvimento humano da sociedade medieval, demonstrando a persistência desses conceitos ao longo do tempo, sendo inegável sua relevância para a literatura e estudos históricos e culturais, para a compreensão das transformações nas relações humanas e a importância de virtudes como necessária para a formação humana e desenvolvimento humano na busca de uma sociedade mais justa, em que se é capaz de compreender o outro.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Sylvia. **A música na Educação Infantil**. 4. ed. São Paulo: Editora Paternoni, 2010.

AMARAL, Lidia. **As canções de gesta (chansons de geste)**. Medieval Imago, 19 jul. 2014. Disponível em: https://medievalimago.org/2014/07/19/as-cancoes-de-gesta-chansons-de-geste/. Acesso em: 09 ago. 2024.

ARIAS, Ademir Aparecido de Moraes. **A traição nas canções de gesta e o fortalecimento da monarquia capetíngia:** França, 1180-1328. 2016. 203f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

AZEVEDO, Karin Elizabeth Rees. A produção literária galego-portuguesa: a cantiga de amigo. **Revista ECOS**, v. 3, n. 2, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. Tradução de Yara Frateschi. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec 1999.

BARROS, José D'Assunção. **Papas, imperadores e hereges na Idade Média**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2012.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A derradeira gesta:** Lampião e nazarenos guerreando no sertão. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2018.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal:** do ano mil à colonização da América. Petrópolis: Editora Vozes, 2024.

BISPO, A. A. "Sur le pont d'Avignon" em reflexões relativas à educação nos seus elos com os estudos culturais e musicológicos". **Revista Brasil-Europa**: Correspondência Euro-Brasileira 145/15 (2013:5). Disponível em: http://revista.brasil-europa.eu/145/Avignon-Sur-le-pont.html. Acesso em: 12 mar. 2025.

BLOCH, Marc. Introdução à História. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, Maria do Carmo Faustino. **O maravilhoso em *A canção de Rolando*.** 2011. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade estadual de Maringá. Maringá, 2011. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4244. Acessado em: 10 mai. 2023.

BORGES, Maria do Carmo Faustino. Carlos Magno e Rolando: heróis do discurso maravilhoso em *A Canção de Rolando*. **Lettres Françaises**, n. 14(2), p. 227-245, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC/SEB, 2018. Disponível em: https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

BRAUDEL, Fernand. **Civilización material, economía y capitalismo, siglos XV-XVIII**. Madri: Editorial Alianza, 1984.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROWN, Peter. Antigüidade tardia. In: VEYNE, Paul (Org.). **História da vida privada I.** Do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 224-499.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade***:* estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 2006.

CAPOLARINI, José Beluci. Ética e antropologia em Aristóteles. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Antiguidade e Medievo**: olhares históricos-filosóficos da Educação. Maringá: Eduem, 2008.

CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 57-80.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da amizade.** São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CONQUESTS OF CLOVIS I. **World History Encyclopedia**. Disponível em: https://www.worldhistory.org/image/5244/conquests-of-clovis-i/. Acesso em: 13 ago. 2024.

CRUZ, Marcus. Retórica e poder na construção da imagem de Clóvis na Historia Francorum de Gregório de Tours. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 6, n. 2, p. 151-159, 2013.

D'ONOFRIO, Salvatore. A Era Medieval. In: D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental:** autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1990. p. 149-214.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens:** do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ESPER, Regina Maria Zanatta. **A transformação social do cavaleiro feudal (séculos: VIII e XII):** uma reflexão sobre a proposta pedagógica de caráter reformista. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 1997.

ESPINOSA, Fernanda. **Antologia de textos históricos medievais**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Sá da Costa, 1976.

FAUSTINO, Evandro. **Uma proposta para o uso didático da *Chanson de Roland* no ensino fundamental.** 2001.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno.** Tradução de Luciano Machado. São Paulo. Estação da Liberdade, 2004.

FRANCO JÙNIOR, Hilário. **A Idade Média no Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GREENFIELD, John. Algumas considerações sobre a ficcionalização da história em obras narrativas do período cortês. **História**, v. 1, p. 289-294, 2004.

GUMIERI, Edeniuce Bernabé. A educação dos homens nos castelos medievais: séculos XI-XIII. **Acta Scientiarum**, v. 22, n. 1, p. 175-180, 2000.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria:** construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra, Campinas: Unicamp, 2006.

JESI, Furio. Sobre os mitos contemporâneos. **Boletim de Pesquisa Nelic**, p. 87-90, 2014.

JONIN, Pierre. **A canção de Rolando**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

JÚNIOR, Carlile Lanzieri; JAKUBECKI, Natalia. Apresentação: aprendendo e ensinando na Idade Média e Renascimento: Novas perspectivas: Learning and Teaching in the Middle Ages and the Renaissance: New perspectives. **Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 21, n. 2, 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a Idade Média**. Lisboa: edições 70, 1986.

LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Portugal: Editorial Estampa, 1989.

LE GOFF, Jacques**. O imaginário medieval**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. Nova História.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Tradução de José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005. Coleção História.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média:** conversas com Jean- Maurice de Montremy. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 222p.

LE GOFF, Jacques**. As raízes medievais da Europa.** Tradução de Jaime A. Classen. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão et. al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

LLULL, Ramon. **O livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283).** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Llúllio" (Ramon Llull), 2000.

LOYN, H. R. (Org.). **Dicionário da Idade Média.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez,1992.

MARSHALL, H. E. **A batalha de Roncesvales.** Tradução de *Stories of Roland*. Ilustrações de L. D. Luard. Teresina: Livraria e Editora Vias, 2021.

MEDEIROS, Márcia Maria. A história cultural e a história da literatura medieval–algumas referências à "escritura" do oral e à "oralidade" do escrito. **Fronteiras:** Revista de História, v. 10, n. 17, p. 97-111, 2008.

MEDEIROS, Márcia Maria. Romance de cavalaria: tessituras entre arte e mito na literatura medieval. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 7, 2013.

MONGELLI, Lênia Márcia**. Fremosos cantares:** antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MONTEIRO, Ana Margarida de Jesus Ferreira. **O contributo da nobreza para a formação do património bibliográfico das instituições eclesiásticas medievais (sécs. XI-XIV).** 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Medievais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, Portugal, 2022.

MORAIS, Elisângela Coelho. Literatura na Idade Média Central: *modus operandi* moralizadora da nobreza francesa. **Littera Online,** São Luís, v. 4, n. 6, p. 1-12, 2013.

MORAIS, Elisângela Coelho. **Uma maneira de proceder: as representações e modelos de comportamento do ideal caval(h)eiresco na obra *A Canção de Rolando.*** 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2018.

MORAIS, Elisângela Coelho. *A Canção de Rolando* e *Fierabrás*: o ciclo do rei Carolíngio em terras brasileiras. **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de História da UESPI**, v. 13, n. 1, p. 109-125, 2021.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. *Chanson de Roland*: a beleza como paradigma da moralidade na Idade Média. *In*: CONGRÈS INTERNATIONAL RENCESVALS - L'ÉPOPÉE ROMANE, 15, 2002. **Anais […].** Tomo 1. p. 527-540. Poitiers: Centre d'Études Supérierures de Civilisation Médiévale , 2002.

OLIVEIRA, Terezinha. Memória e história da educação medieval: uma análise da *Autentica Habita* e do *Estatuto de Sorbonne.* **Revista da Avaliação da Educação Superior,** v. 14, n. 3, nov. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/aval/a/tBSmqtgBMhFzX59RgySG4ng/. Acesso em: 11 mar. 2025.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná e Componentes Curriculares do Ensino Fundamental.** Paraná, 2018.

PAVRET, Laura Henrique; IMAI, Rafael da Motta. **Narrativas épicas na disciplina de História**: as canções de gesta "A Canção de Rolando" e" Ferrabrás" como recursos didáticos para o ensino de História Medieval. 2022.

PERIN, Conceição Solange Bution; OLIVEIRA, Terezinha. A educação de cavaleiros medievais em dois momentos históricos: séculos XII e XV. **Acta Scientiarum Maringá**, v. 24, n. 1, p. 115-124, 2002.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

RAMOS, André Carneiro. Reveja o que você aprendeu: a mulher na poesia trovadoresca e na narrativa medieval portuguesa. **Anais da Abralic,** p. 5238-5247, 2017. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522245880.pdf. Acesso em: 27 fev. 2025.

ROCHA, Ruth. **Meu amigo dinossauro.** São Paulo: Melhoramentos, 2015.

ROPS, Daniel. **A Igreja dos tempos bárbaros**. São Paulo: Quadrante, 1991.

SALEM, Nazira. **História da Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

SANTIAGO, Aniely Walesca Oliveira; DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A morte heroica: remanescência mítica grega na *Canção de Rolando.* **Revista Decifrar**, v. 7, n. 14, 2019.

SANTANA, Marlene Clara de; MATEUS, Jeferson Carvalho. **A importância das cantigas de roda para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil**. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2858/1/art_Marlene%20Clara%20de%20Santana.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

SANTOS, Cesar Christian Ferreira dos. **A influência da *Canção de Rolando* no Livro da Ordem de Cavalaria.** 2016.Dissertação (Mestrado em Letras) – UEMS. Campo Grande-MS, 2016.

SARAIVA, Valdênia Maria Lima Leandro. **Beco da poeira:** cultura organizacional, etnografia e ritual de vendas em um centro de pequenos negócios em Fortaleza-Ceará. 2011. 153f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração de Empresa) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo:** ensaios de antropologia medieval. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SCHMITZ, Luciana Pires. **A importância das cantigas de roda para o desenvolvimento musical e social da criança na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Novo Hamburgo, 2012.

SILVA, Carlos Rafael Braga da. **Da literatura para a vida a incorporação de valores do chamado amor cortês na vida da sociedade medieval francesa no século XII.** 2011. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, 2011.

SILVA, Laize Carolina Francisco da. **A importância das brincadeiras nas práticas pedagógicas da educação infantil.** 2018. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILVA HOFFMANN, Mauro. O domínio ideológico da Igreja durante a Alta Idade Média Ocidental. **Revista Historiador**, n. 1, 2010.

SILVA, Marcelo Cândido; JÚNIOR, Milton Mazetto. A realeza nas fontes do período merovíngio (séculos VI-VIII). **História Revista**, v. 11, n. 1, p. 1, 2006.

SILVEIRA, Denis. As virtudes em Aristóteles. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 1, p. 41-71, 2000.

SOUSA BRISCOLA, Bianca Pereira; PERIN, Conceição Solange Bution; SILVA, Ricardo Tadeu Caires. Um estudo sobre a educação do cavaleiro do século XII. **Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, p. 23, 2021.

SOUZA, Lise Mary Soares; CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Masculino: mito e declínio. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-75, 2014.

STARLING, Bruno Pimenta. A ética cristã e o ideal cavaleiresco no Livro da Ordem de Cavalaria de Raimundo Lúlio. **Revista Tempo de Conquista**, v. 6, p. 01-16, 2009.

VASCONCELLOS, Manoel Luís Cardoso. As escolas e o ressurgir da filosofia no Renascimento Carolíngio. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 249-263, mai./ago. 2018.

VASSALLO, Ligia. A canção de gesta e o épico medieval. In: **A canção de Rolando.** Tradução de Ligia Vassallo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

VAUCHEZ, André**. A espiritualidade na Idade Média ocidental:** (séculos VIII a XIII). Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VIDAL, L. A. de P. **Perspectiva de cultura e moralidade na Baixa Idade Média castelhana:** o *conde Lucanor* de Don Juan Manuel (1282-1348). 2018. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

VIEIRA, Fábio Antunes. O Império e o Renascimento Carolíngio: uma abordagem. **Revista Unimontes Científica**, v. 12, n. 1/2, p. 79-86, 2010.

VITORETTI, Regiani Aparecida. **Carlos Magno e as propostas de reforma social e educacional (final do século VIII e início do século IX)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2004.

WASSON, Donald L. Clovis I. Tradução de Jose Monteiro Queiroz-Neto. In: **World History Encyclopedia em português.** Disponível em: https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-724/clovis-i/. Acessado em: 11 mar. 2025.

ZIERER, Adriana. Educando para salvar a alma: o exemplo do cavaleiro Tungullo. **História e Culturas**, v. 3, n. 5, p. 120-134, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Literatura medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.